

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

DEUSILENE SILVA DE LEÃO

**INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA NORMÓTICA:
OS DESAFIOS DO NOVO PARADIGMA**

Goiânia
2017

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA NORMÓTICA:
OS DESAFIOS DO NOVO PARADIGMA**

DEUSILENE SILVA DE LEÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás como pré-requisito e
obtenção do grau de doutora.

Orientadora: Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira.

Goiânia

2017

L434i **Leão, Deusilene Silva de**
Inteligência espiritual em contraposição à cultura
normotica[manuscrito]: os desafios do novo paradigma/
Deusilene Silva de Leão.-- 2017.
211 f.; IL. 30 cm

Texto em português com resumo em inglês
Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
em Ciências da Religião , Goiânia, 2017
Inclui referências f.168-172

1. Espiritualidade. 2. Inteligência espiritual. 3.
Normose. I.Oliveira, Irene Dias. II.Pontifícia Universidade
Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 27-584(043)

**INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA NORMÓTICA:
OS DESAFIOS DO NOVO PARADIGMA**

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, aprovada em 22 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA



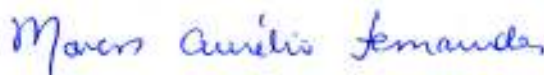
Prof. Dra. Irene Dias de Oliveira / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Paulo Rogério Rodrigues Passos / PUC Goiás



Prof. Dr. Luiz Antonio Signates Freitas / PUC Goiás



Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes / UnB



Prof. Dr. Candido Alberto da Costa Gomes / UCB

Prof. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dra. Eloina Maria Quaresma Ávila / UEPA (Suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa
ao Ruberval Ponce de Leão, meu pai, *in memoriam*,
à Josefa Silva de Leão, minha mãe,
e à Larissa Silva de Leão e Souza, minha filha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus... Toda minha atenção e dedicação, ontem, hoje e para todo o sempre.

À minha família, pessoas queridas e especiais que deixaram de contar com minha presença durante várias sequências de dias.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na pessoa do Magnífico Reitor, Prof. Wolmir Therezio Amado, por oferecer-nos este Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião (PPGCR).

À CAPES pela bolsa de estudos, facilitando assim a permanência para a pesquisa de Doutorado.

Aos Professores do PPGCR por compartilharem seus conhecimentos com zelo e presteza;

À minha orientadora, Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira, a minha gratidão pela caminhada conjunta, pelos encontros, orientações e pelos ajustes no texto e nos caminhos da pesquisa em Ciências da Religião, nesta busca pela inteligência espiritual;

Ao Prof. Dr. Paulo Passos, meu coorientador que muito me ajudou na elaboração, tabulação, análise e preparo de conteúdos para a pesquisa de campo;

À banca examinadora pela avaliação criteriosa desta pesquisa, Prof. Dr. Luís Antonio Signates Freitas, Prof. Dr. Paulo Rogério Rodrigues Passos, Prof. Dr. Cândido Alberto da Costa Gomes, Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes, Profa. Dra. Carolina Teles Lemos e Profa. Dra. Eloína Maria Ávila Monteir.

À Profa Dra Eloína Ávila, minha amiga pessoal, por ser uma companheira de caminhada e ajudadora nesta busca pela inteligência espiritual;

Ao Adelson Costa Fernando, amigo de caminhada no processo do doutorado que muito me ajudou;

À Profa. Dra Zilda Ribeiro (*in memoriam*) por ter-me acompanhado no início desta ideia, ainda no mestrado;

Ao Prof. Dr. Marcelo Rezende Guimarães (Dom Irineu) (*in memoriam*) por ter sido um incentivador mesmo a distância deste projeto sobre inteligência espiritual;

À Universidade Internacional Holística da Paz por ser um canal aberto para novos caminhos e visão de mundo, especialmente a Pierre Weil (*in memoriam*), por ter inaugurado o movimento holístico no Brasil e promovido uma nova visão de mundo e uma educação para cultura de paz.

Recuperar a unidade perdida significa reconquistar a paz. Mas, desta vez, o inimigo a derrotar não é estrangeiro. Ele mora dentro de nós. É a força que isola o homem racional de suas emoções, intuições e seu próprio espírito.

(Pierre Weil)

Usar a inteligência espiritual implica forçar a imaginação humana. Significa transformar nossa consciência. Significa descobrir em nós camadas mais profundas do que as que usamos para viver. Exige encontrar algum fundamento no eu para o sentido que transcenda o eu. Não será tarefa fácil para as pessoas.

(Danah Zohar)

Nós somos o que pensamos e o que pensamos que somos modela o nosso ser-estar-e-agir-no-mundo. Mudar o mundo é abrir o olhar, é habitar a Presença, é escutar o Instante, é despertar o Processo. Mudar o mundo é mudar o olhar, é ampliar a escuta, é renovar o pensar e o imaginar... agora.

(Roberto Crema)

RESUMO

LEÃO, Deusilene Silva de. *Inteligência espiritual em contraposição à cultura normótica: os desafios do novo paradigma*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

Esta pesquisa pretende demonstrar que o espaço acadêmico poderá se constituir num ambiente propício para a transformação das pessoas mediante a compreensão de uma espiritualidade que integre sentido e significado à vida do ser humano. É sabido que o espaço acadêmico atual está focado em uma educação normótica, isto é, baseada prioritariamente no racional, de forma fragmentada, competitiva e excludente. Diante dessa realidade, nossa hipótese é que aliar a dimensão intelectual à espiritualidade auxilia o ser humano a construir um caminho que lhe confira um propósito de vida, ou seja, que a inserção de uma perspectiva espiritual, integradora e holística no ambiente acadêmico poderá proporcionar uma transformação no modo como as pessoas veem a si, o outro e o mundo. A metodologia utilizada foi análise bibliográfica, mas também pesquisa de campo junto a discentes de graduação da disciplina Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás. Esta investigação demonstrou que a inteligência espiritual pode ser introduzida na grade acadêmica e que há ferramentas para esse trabalho que contribuem tanto para a transformação do ser humano quanto do espaço acadêmico, que passa a considerar o processo de ensino-aprendizagem de forma integradora.

Palavras-chave: Espiritualidade, Inteligência espiritual, Espaço acadêmico, Normose.

ABSTRACT

LEAO, Deusilene Silva de. Spiritual intelligence in contrast to normotonic culture: the new paradigm's challenges. Thesis (Doctorate degree in Religion's Science) - Pontifical Catholic University of Goias, Goiania, 2017.

This research intends to demonstrate that academic space may constitute in a propitious environment to people's transformation through the understanding of a spirituality that integrates sense and meaning to human being's lives. It is known that the modern academic space is focused in a normotonic education, this is, based primarily in the rational, in a fragmented, competitive and excluding way. Based on this reality, our hypothesis is that allying the intellectual dimension to spirituality will help human beings to build a path that will give them a purpose in life, in other words, that the insertion of a spiritual perspective, integrative and holistic in the academic environment can provide a transformation in the way people see themselves, others and the world. The methodology used was bibliographic analysis, and also a field survey with university graduate theology students from Pontifical Catholic University of Goias. This inquiry demonstrated that spiritual intelligence can be introduced in the academic grid and that, there are tools to this work that contribute both to human being's transformation and academic space's transformation, that begins to considerate the teaching-learning process in an inclusive way.

Keywords: Spirituality, Spiritual intelligence, Academic space, Normotonic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Respostas de alunos conforme o sexo.....	132
Figura 2: Respostas de alunos conforme a faixa etária.....	133
Figura 3: Respostas de alunos conforme classe social.....	133
Figura 4: Respostas de alunos conforme formação religiosa familiar.....	134
Figura 5: Respostas de alunos sobre a importância da disciplina Teologia para a vida pessoal.....	135
Figura 6: Respostas dos alunos sobre o que compreenderam sobre espiritualidade.....	136
Figura 7: Respostas dos alunos sobre qual inteligência a disciplina Teologia contribuiu para seu maior desenvolvimento.....	137
Figura 8: Respostas dos alunos quanto à espiritualidade ser uma das dimensões do ser humano que deve ser estudada no espaço acadêmico.....	138
Figura 9: Respostas dos alunos sobre quais mudanças ocorreram em suas vidas provocadas pelos conteúdos ministrados na disciplina Teologia.....	139
Figura 10: Respostas de 153 alunos sobre sua sexualidade.....	141
Figura 11: Respostas de 151 pessoas de acordo com diferentes idades.....	142
Figura 12: Respostas de 153 alunos considerando sua classe social.....	143
Figura 13: Respostas de 151 alunos sobre sua formação religiosa.....	144
Figura 14: Respostas de 153 alunos sobre em que área da vida deles a disciplina Teologia foi mais importante.....	147
Figura 15: Respostas de 150 alunos sobre o que eles entendem por espiritualidade.....	150
Figura 16: Respostas de 150 alunos sobre qual inteligência (intelectual, emocional ou espiritual) foi mais desenvolvida a partir da disciplina Teologia.....	153
Figura 17: Respostas de 148 alunos sobre a espiritualidade inerente ao homem e a importância de ser estudada no espaço acadêmico.....	156
Figura 18: Respostas de 153 alunos sobre quais mudanças ocorreram em suas vidas a partir de reflexões sobre espiritualidade na disciplina Teologia.....	159

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – CONCEPÇÃO DE INTELIGÊNCIA À LUZ DO NOVO	
PARADIGMA.....	20
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DA SOCIEDADE ATUAL.....	20
1.1.1 O Paradigma da Separatividade e a Normose: consequências socioculturais	27
1.1.2 A Pessoa Fragmentada e Normótica.....	29
1.2 UMA NOVA VISÃO DE MUNDO BASEADA NOS PARADIGMAS DA VISÃO	
SISTÊMICA, DA COMPLEXIDADE E DO HOLISMO	33
1.2.1 O Paradigma da Visão Sistêmica do Mundo	34
1.2.2 O Paradigma da Complexidade.....	36
1.2.3 O Paradigma Holístico	39
1.2.4 O Novo Paradigma e a Espiritualidade.....	43
1.3 A BUSCA POR UMA INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL.....	45
1.3.1 Inteligência à Luz da Ciência, um Conceito Reformulado.....	46
1.3.2 Espiritualidade Como Dimensão Humana	54
1.3.3 A Sinalização da Existência de uma Inteligência Espiritual	59
CAPÍTULO II – INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E O DESPERTAR DA	
CONSCIÊNCIA.....	68
2.1 A VIVÊNCIA DA INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E O DESPERTAR DA	
CONSCIÊNCIA	68
2.2 A VIVÊNCIA DA INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL COMO DIMENSÃO	
INTEGRADORA DA PESSOA	73
2.3 A RELIGIÃO COMO POSSIBILITADORA DA VIVÊNCIA DESTA	
DIMENSÃO HUMANA: A ESPIRITUALIDADE.....	83
CAPÍTULO III – A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL COMO PARÂMETRO DE UM	
NOVO <i>HABITUS</i> CULTURAL	93
3.1 O ESPAÇO ACADÊMICO COMO REPRODUTOR DA CULTURA	

NORMÓTICA	95
3.2 <i>HABITUS</i> , O LEGITIMADOR DA CULTURA NORMÓTICA	108
3.3 A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL COMO DESAFIO À CULTURA NORMÓTICA: O CASO DA PUC GOIÁS	119
3.4 ABORDAGEM METODOLÓGICA E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	130
3.4.1 A Pesquisa	132
3.5 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS COM A PESQUISA DE CAMPO	140
3.5.1 O Perfil dos Alunos.....	140
3.5.2 Área da Vida em que os Alunos se Sentiram mais Ajudados pelos Conteúdos da Espiritualidade Humana	146
3.5.3 O Conceito de Espiritualidade	149
3.5.4 A Inteligência em que se Sentiu mais Ajudado com os Conteúdos da Espiritualidade Humana	152
3.5.5 A Espiritualidade Humana como Conteúdo a ser Estudado no Espaço Acadêmico.....	156
3.5.6 Mudanças ocorridas na vida dos alunos entrevistados durante a disciplina Teologia	158
CONCLUSÃO.....	164
REFERÊNCIAS	168
APÊNDICE E ANEXOS	173

INTRODUÇÃO

O ser humano tem vivido uma crise de falta de sentido e de significado para sua vida. E isso tem-lhe causado um vazio interior. Em função desse vazio algumas questões têm vindo à tona, entre elas, a sua própria espiritualidade. A espiritualidade tem sido um tema recorrente nesta época em razão dessa busca do ser humano por sentido e significado para sua vida. Nas últimas três décadas, temos vivido uma grande crise mundial complexa, multidimensional, cujas facetas afetam aspectos como saúde, educação, modo de vida, meio ambiente, relações sociais, economia, tecnologia e política.

No entanto, essa crise tem levado o ser humano a se atentar para uma das dimensões inerentes a ele mesmo, isto é, sua espiritualidade, na medida em que ela o conduzirá satisfatoriamente à gestão de sua consciência e, assim, encontrar um caminho que lhe mostre um sentido significativo para sua vida.

A espiritualidade como inteligência está ligada à complexidade do entendimento do ser humano. Contudo, ela é um importante elemento do novo paradigma, isto, da nova visão da realidade. Inteligência espiritual emerge juntamente com o novo paradigma. Não queremos dizer aqui que este novo esteja atuante, pois ainda estamos vivendo sob a regência do paradigma da racionalidade.

A proposta do novo paradigma é resgatar a espiritualidade perdida ao longo dos anos por causa da visão mecânica de mundo e de fragmentação da realidade, em que sabemos que não havia espaço na ciência para se discutir ou estudar tal dimensão.

A espiritualidade é uma atitude que coloca a vida no seu centro, que celebra a vida e propicia sua expansão e sua defesa. Moraes (1997) relata que a espiritualidade não compreende a existência de um único caminho para chegar até Deus, de uma única verdade. Conforme essa autora, vários são os caminhos que levam o ser humano ao sagrado que existe dentro de cada um. Seria a práxis de uma espiritualidade que não tem pátria, nem religião, mas que está presente em todas as culturas, seja ela oriental, ocidental, andina, mulçumana, africana ou outra qualquer.

A motivação para escrever esta pesquisa partiu de um grande interesse pela espiritualidade humana e por questões que estavam acima da vivência cotidiana. Essa curiosidade teve como base as incomodações com as grandes questões da vida, e isso nos levou a coisas que demonstrassem o lado espiritual do ser humano. Num primeiro instante, buscamos na religião ou no fenômeno religioso vivenciar a dimensão espiritual própria do ser humano. Diante disso nos despertamos para a Teologia por se tratar de uma ciência que estuda sobre Deus e, conseqüentemente, auxilia a pessoa a compreender a espiritualidade humana.

Fizemos uma caminhada cartesiana e fragmentada sem muitas respostas, mas, nossas buscas continuaram e, em decorrência delas, tivemos a oportunidade de fazer a Formação Transdisciplinar Holística de Base, na Universidade Holística Internacional da Paz (Unipaz), em Brasília (DF), onde aconteceu um divisor de águas em nossa vida. Lá tivemos oportunidade de encontrar uma teoria includente, transdisciplinar, que nos colocou em contato com diversos teóricos do novo paradigma, como a visão sistêmica do mundo, o paradigma da complexidade, o paradigma holístico e com todas as tradições religiosas e culturais do mundo, observando a espiritualidade humana presente em todos esses caminhos.

Na Unipaz tivemos o privilégio de ser aprendiz de Pierre Weil, Jean Ives Leloup, Roberto Crema, Vera Conh e Amit Goswami e de ter um encontro pessoal com Dana Zohar, Leonardo Boff, dentre outros teóricos que nos fundamentamos nesta pesquisa.

A partir desses encontros, compreendemos que nós seres humanos somos detentores de diversas inteligências, entre elas, a inteligência espiritual, aquela que confere significado e sentido para a vida humana, já que traça o caminho da vocação do homem. Ainda nesta etapa do caminho desenvolvemos trabalhos sobre espiritualidade e liderança em organizações. Realizamos seminários em diversas empresas e congressos sobre o tema. Em função disso, fomos convidada a falar *30th World Conference and Exhibition (IFTDO), International Federation of Training and Development Organisations* juntamente, com Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento (ABTD) no ano de 2001.

Continuamos nesta rota realizando palestras, seminários, oficinas e *workshops* sobre esse mesmo tema, a espiritualidade como inteligência, em empresas, organizações não governamentais, igrejas, escolas e universidades. Perante essa experiência, surgiu à necessidade de um preparo acadêmico, com

respostas científicas, foi quando chegamos à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) para fazer o mestrado em Ciências da Religião, e logo depois o Doutorado na mesma área, que tem nos possibilitado a elaboração desta pesquisa sobre o tema da espiritualidade humana.

Tivemos também neste espaço de tempo a oportunidade, nos anos de 2012 e 2013, como professora convidada na PUC Goiás para a disciplina Teologia, do Departamento de Filosofia e Teologia (FIT). Nessa ocasião, tivemos contato com discentes de quase todos os cursos da Universidade, visto que a disciplina Teologia alcança todas as graduações. Com isso pudemos aplicar nessas aulas conteúdos sobre espiritualidade e uma metodologia relativa ao novo paradigma. Além dessa experiência, ministramos também sobre espiritualidade na Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati), de 2014 a 2015.

Nessas situações identificamos três dificuldades para trabalhar livremente essa temática. **A primeira** foi o distanciamento do mundo acadêmico dos conceitos de espiritualidade. A universidade, assim como outras instituições, são produtos de um mundo fragmentado, pois ainda tem uma visão reducionista e mecanicista sobre a percepção do homem como ser humano integral. **A segunda** foi à falta de conteúdo documental de pesquisa direcionado sobre essa dimensão humana, ou seja, a espiritualidade como uma inteligência. Notamos que são poucos os teóricos que de fato defendem a ideia da espiritualidade como uma inteligência humana, pois ainda é um tema em construção. **A terceira** foi quanto à pesquisa de campo, pois as pessoas entrevistadas que pensavam que religiosidade e espiritualidade significavam a mesma coisa. E ainda que esclarecêssemos que a religião é o *habitat* natural da espiritualidade, mas não é a espiritualidade, elas continuavam confusas sobre isso.

Esta tese é resultado de um projeto de pesquisa iniciado no Mestrado em Ciências da Religião, cujo tema da dissertação foi “Espiritualidade: inteligência que cria sentido e dá significado a vida”. O conteúdo apresentado na dissertação fundamenta e dá suporte aos capítulos que se seguem. O objeto de estudo desta tese é a espiritualidade humana como inteligência. E esta investigação tem como objetivo principal demonstrar que o espaço acadêmico poderá se constituir num ambiente propício para a transformação das pessoas por meio da compreensão de uma espiritualidade que integra e dá sentido e significado à vida.

Além do objetivo geral, apresentamos alguns objetivos específicos para nos auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa, entre eles, entender a espiritualidade como dimensão integradora do ser humano; compreender que a espiritualidade é uma forma de inteligência e como tal poderá contribuir para a transformação de pessoas no espaço acadêmico; demonstrar como a espiritualidade poderá ser trabalhada no meio acadêmico de modo a permitir uma aprendizagem integradora e transformadora da pessoa; e que o espaço acadêmico poderá ser utilizado para o despertar da consciência, para transformar a vida do ser humano e dar sentido e significado à sua existência.

A nossa hipótese consistiu em expor que o atual espaço acadêmico está focado em uma educação normótica¹, competitiva e excludente. Em função disso, defendemos que a inserção de uma perspectiva espiritual integradora e holística nesse ambiente proporcionará uma transformação no modo como as pessoas veem a si, o outro e o mundo.

Postulamos nesta pesquisa a existência de uma nova compreensão de espiritualidade que permite a estruturação de significados existenciais e a transformação da vida das pessoas, e que o espaço acadêmico seria, portanto, um lugar propício para desenvolvê-la, pesquisá-la e, sobretudo, a partir de sua descoberta, transformar vidas. Para tanto, propôs-se, como procedimento metodológico, uma investigação quantitativa e a utilização da pesquisa bibliográfica. Por pesquisa bibliográfica entendemos que se constituía em uma pesquisa exploratória, levando em consideração os conceitos teóricos da relação teoria e prática para a entrada no campo. Foi um procedimento metodológico importante na produção desse conhecimento científico, capaz de ajudar, especialmente temas pouco explorados como este, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.

Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar em que procuramos trabalhar de forma incluyente, percorrendo caminhos de algumas ciências, sobretudo as ciências da religião, para chegarmos às nuances de que o espaço acadêmico pode ser um ambiente que proporcione transformações na vida humana, bem como o despertar da consciência das pessoas.

¹ Termo criado por Weil, Leloup e Crema (2003), deriva da palavra normose, que pode ser conceituada como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou agir que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte.

Foram adotadas a metodologia quantitativa (*survey*) com questionários individuais aplicados como instrumentos de coleta de dados. Foram também colhidos depoimentos durante as aulas presenciais com os discentes que estiveram ou estavam cursando a disciplina Teologia na PUC Goiás. A pesquisa pessoal teve como objetivo demonstrar a compreensão dessas pessoas sobre os conteúdos apresentados de espiritualidade na disciplina Teologia, assim como os impactos que causaram à direção e ao propósito de suas vidas.

Foram averiguadas por meio das pesquisas variáveis como sexualidade, faixa etária, classe social e formação religiosa familiar dos participantes. Não foram fornecidos dados estatísticos, mas tendências e perspectivas de aprofundamento dos aspectos verificados na pesquisa quantitativa.

Na abordagem quantitativa, a amostra utilizada foi a não probabilística (BABBIE, 1999) com cotas de sexo (cerca de 50% homens e 50% mulheres) e idade (de 18 a 50 anos) entre os discentes da disciplina Teologia da PUC Goiás. Foram utilizados questionários estruturados com perguntas fechadas, e aplicados 150 questionários com uma margem de erro de +/- 8,2% em um intervalo de confiança de 95,5% com dois desvios padrões². Após a coleta de dados fizemos as análises de consistência, saltos, codificação e recodificação, digitação em *software* para base estatística, conhecido como *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Após a digitação e a checagem de dados foi gerada uma frequência simples de cada questão e os cruzamentos simples e múltiplos de acordo com a necessidade.

Para a seleção dos 150 participantes da pesquisa, adotamos como critério de inclusão: ser adulto, ter a idade entre 18 e 50 anos em diante e estar cursando ou ter cursado a disciplina Teologia na PUC Goiás. Quanto aos critérios de exclusão, eliminamos da condição de participantes da pesquisa crianças e adolescentes, ou seja, menores de 18 anos. Entre os adultos, foram excluídas as pessoas que não estavam cursando e/ou cursaram a disciplina Teologia na PUC Goiás. Os discentes pesquisados faziam parte de diversas graduações da Universidade como, por exemplo, engenharia, biologia, jornalismo, publicidade, direito, psicologia e educação física entre outras.

O contato com as pessoas entrevistadas foi feito em sala de aula e/ou por meio de telefone, *e-mail* e redes sociais, Facebook, Instagram e WhatsApp. A partir

² Tabela estatística de margem de erro e intervalo de confiança (Anexo I).

dessa triagem, aplicamos um questionário em que os selecionados foram solicitados a responder em meio físico e/ou internet (Apêndice I).

O Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e, conforme documentação anexa, foi autorizada a sua realização (Anexo II). Após aprovação para efetivar a pesquisa, informamos individualmente a cada participante todos os procedimentos que envolveriam a pesquisa. Receberam fisicamente um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo III), documento que foi devidamente assinado, permitindo-nos utilizar os dados apresentados na pesquisa. Foram utilizados ainda depoimentos fornecidos em sala de aula no período da disciplina. Os entrevistados(as) poderão ter acesso ao conteúdo das entrevistas que foram apresentadas no trabalho de pesquisa, no terceiro capítulo.

Estruturamos esta tese em três capítulos. No primeiro, denominado de Concepção de Inteligência à Luz do Novo Paradigma, nos ocuparemos em relatar da concepção de inteligência à luz do novo paradigma. Esse capítulo tratará sobre a contextualização do processo sociocultural pelo qual a humanidade vem passando, o paradigma da racionalidade, e a passagem para o novo paradigma. Abordaremos nessa contextualização sociocultural o paradigma da separatividade, a normose e suas consequências, e como se apresenta à pessoa fragmentada e normótica. Ante esses problemas e como possíveis soluções aos problemas relatados, apresentamos o novo paradigma, expondo sobre a visão sistêmica do mundo, o paradigma da complexidade e a visão holística.

Para melhor compreensão sobre a espiritualidade como dimensão humana, esclareceremos o novo conceito de inteligência e as principais pesquisas realizadas nas últimas duas décadas sobre a espiritualidade humana, apresentando como caminhos para a busca de uma espiritualidade genuína, a identificação e o despertar da inteligência espiritual.

No segundo capítulo, intitulado Inteligência Espiritual e o Despertar da Consciência, apresentaremos algumas maneiras de como a inteligência espiritual se manifesta no ser humano, e, uma vez que o homem tenha consciência dela, como poderá possibilitar uma percepção integradora para a sua vida. Ainda exibiremos nesse capítulo que a religião e o espaço acadêmico poderão ser caminhos que ajudarão e reforçarão sua prática, como também promoverão sentido à realidade que o circunda.

No terceiro capítulo, A Inteligência Espiritual como Parâmetro de um Novo *Habitus* Cultural, exporemos a inteligência espiritual contribuindo como parâmetro para um novo *habitus* cultural, em que utilizaremos um recorte para o espaço acadêmico, indicando uma possibilidade em que ele poderá ser um local a absorver esses novos conteúdos sobre a inteligência espiritual e demonstrar que esse conhecimento, quando apresentado aos alunos(as), impactará os(as) estudantes, provocando mudanças nas suas vida e na sociedade por descobrirem sentido e significado para suas vida.

No primeiro tópico desse capítulo, falaremos sobre uma contextualização do espaço acadêmico atual como reprodutor de uma cultura normótica, as influências que recebe de todo o sistema educacional e sua fragmentação. Na segunda parte trataremos sobre o conceito de *habitus*, que busca romper com as interpretações deterministas e unidimensionais das práticas mecanicistas. Os *habitus* individuais, produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa. Na terceira subdivisão apontaremos a inteligência espiritual como um desafio à cultura normótica. No caso da PUC Goiás, esse desafio se expressa na dificuldade da introdução de conteúdos sobre a espiritualidade humana na disciplina Teologia.

Contudo alegaremos que é possível estudar sobre a espiritualidade no espaço acadêmico, mas que isso envolve o processo de construção do conhecimento e sua organização, associados à necessidade de desenvolvimento de uma nova visão de mundo capaz de colaborar para um novo posicionamento do ser humano no espaço acadêmico.

Faremos ainda um demonstrativo gráfico da pesquisa de campo e seu descritivo teórico, e em seguida apresentaremos uma análise dos dados. Nesse tópico do capítulo, efetuaremos uma síntese, analisaremos e faremos cruzamentos das respostas fornecidas no questionário aplicado aos 150 alunos da disciplina Teologia da PUC Goiás.

Sabemos que a análise de dados é um processo pelo qual se dá ordem, estrutura e significado a dados. Assim, transformaremos os dados coletados em conclusões e/ou lições úteis e credíveis. Nesses dados processados buscaremos tendências, diferenças e variações nas informações obtidas.

Por meio dos dados conferiremos se o que pensam e afirmam os principais teóricos condizem com as respostas fornecidas pelos alunos (as) entrevistados (as). Em seguida exporemos a análise de nossa hipótese.

Desenvolver esta pesquisa até aqui foi uma trilha difícil a ser desbravada, pois se tratou de investigar um tema novo, complexo e polêmico, ou seja, um assunto que não oferecia muitas opções de material bibliográfico a ser consultado. Comparamos todo esse caminhar a um construtor de trilhas que vai fazendo seu próprio caminho, a uma fiandeira que vai tecendo ponto a ponto até chegar à construção desejada ou a um navegante que sonha e precisa descobrir novas terras.

Entretanto, estamos cientes da contribuição desta pesquisa tanto para a sociedade em geral, com a proposta holística de visão de mundo e a afirmação da inteligência espiritual como inerente ao ser humano, quanto para a comunidade acadêmica em particular, com o diálogo interdisciplinar entre as ciências da religião, bem como com a transdisciplinaridade requerida pelo próprio objeto de estudo deste projeto de pesquisa: inteligência espiritual.

CAPÍTULO I: CONCEPÇÃO DE INTELIGÊNCIA À LUZ DO NOVO PARADIGMA

Neste capítulo contextualizaremos o processo sociocultural contemporâneo orientado pelo paradigma da separatividade no qual a sociedade está inserida para melhor compreendermos não só a insatisfação das pessoas e suas buscas por novas perspectivas de vida, mas apreendermos os novos paradigmas que respondem às novas exigências socioculturais.

Assistimos, nos dias atuais, a uma busca por uma compreensão integral da pessoa. Vemos no ser humano um anseio por uma medicina que entenda a pessoa não mais dividida e fragmentada em suas partes, mas que a considere em sua totalidade, e que isso inclua sua relação com a natureza, seu contexto e com a espiritualidade. Ao mesmo tempo a educação atual não responde mais às exigências e às ansiedades da nova geração. Ante isso, faz-se necessária uma educação que não vise apenas à formação intelectual e racional das novas gerações, mas que possibilite uma compreensão da realidade humana baseada em um conhecimento que possa integrar razão e emoção, intuição e espiritualidade.

Em diferentes áreas da sociedade atual, percebemos sinais de intolerância, ódio, violência generalizada. Assistimos com frequência a adeptos de várias religiões fomentarem atitudes que não condizem com as mensagens de suas religiões. Os espaços econômicos e políticos não conseguem estar a serviço dos cidadãos e das cidadãs. Cada vez mais percebemos o afastamento daqueles que deveriam garantir e defender os direitos mais básicos das pessoas e de suas respectivas comunidades. Diante desse cenário, cabe-nos perguntar sobre a origem de tudo isso, o que deu errado na educação das pessoas e o que o espaço acadêmico, a religião e a espiritualidade podem contribuir para uma mudança de paradigma.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DA SOCIEDADE ATUAL

Para analisarmos algumas das questões elencadas acima é necessário conceituarmos o que é paradigma e verificarmos quais são os paradigmas que alimentam e estruturam a visão de mundo de nossas sociedades ocidentais.

Paradigma, segundo Crema³ (1989), é um conjunto de crenças, ponto de referência ou modelo para uma conduta em determinada área que acaba se tornando um método de direcionamento. Em outras palavras, paradigma para este autor refere-se a modelo, padrão e exemplos compartilhados, significando um esquema modelar para a descrição, explicação e compreensão da realidade. É muito mais que uma teoria, pois implica em uma estrutura que gera teorias, produzindo pensamentos e explicações e representando um sistema de aprender a aprender que determina todo o processo futuro de aprendizagem.

Conforme Weil⁴ (1990), paradigma tem etimologia grega e significa exemplo, modelo, padrão. Na filosofia platônica, era o mundo das ideias, protótipo do mundo sensível em que se vive. Para esse autor só recentemente paradigma foi introduzido como conceito na ciência.

Na ótica de Kuhn (1970), paradigma é uma realização científica de grande envergadura, com base teórica e metodológica convincente e sedutora, que passa a ser aceita pela maioria dos cientistas integrantes de uma comunidade. O autor afirma que a força de um paradigma reside justamente no consenso de determinada comunidade científica. A aquisição de um paradigma é sinal de maturidade no desenvolvimento de qualquer campo conhecido.

Para Morin (1999), um paradigma significa um tipo de relação muito forte que pode ser de conjunção ou disjunção, que possui uma natureza lógica entre um conjunto de conceitos-mestres. Conforme esse autor, essa relação dominadora é que determinaria o curso de todas as teorias, de todos os discursos controlados pelo paradigma.

Na concepção de Moraes⁵ (1997), o conceito de paradigma com base em um enfoque relacional é o que mais a convence, na medida em que ela oferece uma ideia mais completa da evolução do conhecimento científico que, além de crescer em extensão, se modifica e se transforma mediante uma ruptura que ocorre na passagem de uma teoria a outra.

Dialogando com esses teóricos sobre o significado de paradigma, chegamos ao entendimento de que seria um padrão, um modelo, uma competente

³ Psicólogo e Antropólogo do Colégio Internacional dos Terapeutas (CIT) e Analista Transacional Didata.

⁴ Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris VII e criador da Fundação Cidade da Paz, é um dos pioneiros no mundo em Psicologia Transpessoal.

⁵ Doutora em educação, Mestre em tecnologia educacional e Graduada em agronomia, e.

compreensão científica, um tipo de relação muito forte, uma completa evolução do conhecimento científico que, além de crescer, também se modifica, se transforma mediante confrontação da passagem de uma teoria para outra. Não poderemos dizer que há um conceito mais completo que outro, mas que ambos se complementam e dão subsídio para debatermos sobre um novo paradigma mediante a descrição do que seria o paradigma vigente e atuante na sociedade atual. No entanto sabemos que um novo paradigma só se torna atual quando o velho paradigma já não está mais vigente.

A visão de mundo atuante hoje e o sistema de valores que está na base de nossa cultura foram formulados nos séculos XVI e XVII. Entre 1500 e 1700, houve mudanças tanto na maneira como as pessoas descreviam o mundo quanto em todo o seu modo de pensar. Essa se tornou a base do paradigma que dominou a nossa cultura nos últimos trezentos anos e que está agora caminhando para novas mudanças. É importante refletirmos que na história do mundo nem sempre se pensou assim de forma tão mecânica e racional, e que toda a base desse chamado velho paradigma está respaldada na racionalidade.

Capra (1982) alude que, antes de 1500, a visão do mundo dominante na Europa, assim como na maioria das outras civilizações, era orgânica. As pessoas viviam em comunidades pequenas e coesas, e vivenciavam a natureza em termos de relações orgânicas, caracterizadas pela interdependência dos fenômenos espirituais e materiais e pela subordinação das necessidades individuais às comunidades. A estrutura científica dessa visão de mundo orgânica se respaldava em duas autoridades: Aristóteles e a Igreja.

A ciência medieval era muito diferente da ciência contemporânea. Nessa época, visto que a ciência se baseava na razão e na fé, tendo como principal finalidade compreender o significado das coisas e não exercer predição ou controle. Para os cientistas da época as questões importantes eram Deus, a alma e a ética. Entretanto, a noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela percepção do mundo como se ele fosse uma máquina, e a máquina do mundo converteu-se na metáfora dominante da era moderna. Esse desenvolvimento foi ocasionado por mudanças revolucionárias na Física e na Astronomia, culminando dessa forma nas realizações de Copérnico, Galileu e Newton. A ciência do século XVII teve como base um novo método de investigação defendido de forma rigorosa

por Bacon. Por esses motivos os séculos XVI e XVII foram chamados de a Idade da Revolução Científica (CAPRA, 1982).

Enquanto Galileu realizava engenhosos experimentos na Itália, Bacon descrevia explicitamente na Inglaterra o método empírico da Ciência. Este foi o criador do método empírico de investigação e o primeiro formulador do raciocínio indutivo, cuja metodologia parte da experimentação para se chegar a conclusões científicas (CREMA,1989). Para Bacon (2005), o conhecimento científico tem por suprema finalidade servir o homem e propiciar-lhe poder sobre a natureza, estabelecendo o *imperium hominis* e enfatizando o aspecto prático segundo o princípio que “saber é poder”. O projeto baconiano pretendia um verdadeiro e extraordinário progresso do saber. Bacon (2005) clamava por uma reforma total do conhecimento humano:

Nosso método, contudo, é tão fácil de ser apresentado quanto difícil de aplicar. Consiste no estabelecer os graus de certeza, determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente, calcado muito de perto sobre aqueles, abrindo e promovendo, assim, a nova e certa via da mente, que, de resto, provém das próprias percepções sensíveis. Foi, sem dúvida, o que também divisaram os que tanto concederam à dialética. Tornaram também manifesta a necessidade de escoras para o intelecto, pois colocaram sob suspeita o seu processo natural e o seu movimento espontâneo. Mas tal remédio vinha tarde demais, estando já às coisas perdidas e a mente ocupada pelos usos do convívio cotidiano, pelas doutrinas viciosas e pela mais vã idolatria? Pois a dialética com precauções tardias, como analisamos, e em nada modificando o andamento das coisas, mais serviu para firmar os erros que descerrar a verdade. Resta como única salvação reemprender-se inteiramente a cura da mente. E, nessa via, não seja ela, desde o início, entregue a si mesma, mas permanentemente regulada, como que por mecanismos.

A natureza, na opinião de Bacon, tinha de ser acossada em seus descaminhos, obrigada a servir e ser escravizada. Ela deveria ser reduzida à obediência, e os objetivos dos cientistas eram extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos. O antigo conceito de Terra como mãe nutriente foi radicalmente transformado nos escritos de Bacon, desaparecendo por completo quando a revolução científica tratou de substituir a concepção orgânica da natureza pela metáfora do mundo como máquina. Essa mudança veio a ser o ponto mais importante para o desenvolvimento da civilização ocidental, complementado por duas grandiosas figuras do século XVII: Descartes e Newton (CAPRA, 1982).

Descartes foi o filósofo e matemático francês considerado o fundador do racionalismo moderno. Descartes chega à conclusão que duvidar significa pensar.

Então apresenta a assertiva “penso, logo existo”. Dessa afirmativa originou o racionalismo que contagiou três séculos de cultura ocidental. Com sua mente analítica, Descartes fracionou o ser humano em corpo e alma, estabelecendo o dualismo na filosofia (CREMA, 1989).

Já Newton foi o fundador da mecânica clássica e quem estabeleceu a grande síntese do método empírico-indutivo de Bacon e do racional-dedutivo de Descartes, apresentando um sistema que unificou a metodologia da experiência e da matematização. Newton deu realidade ao sonho cartesiano. O universo newtoniano era de fato um gigantesco sistema mecânico que funcionava de acordo com leis matemáticas exatas. Newton apresentou em detalhes sua teoria do mundo nos princípios matemáticos de filosofia natural (CREMA, 1989).

Com a física de Newton, o método empírico-indutivo de Bacon e o racional-dedutivo de Descartes, segundo Nicolescu (1999), todo conhecimento, além do científico, foi afastado para um abismo da subjetividade, tolerado no máximo como ornamento ou rejeitado com desprezo como fantasma, ilusão, regressão, produto da imaginação. A própria palavra espiritualidade tornou-se suspeita e seu uso foi abandonado. Portanto, neste contexto, não havia espaços para se vivenciar essa espiritualidade. A realidade dos fatos existentes exigia de todos uma postura mais racional, longe da sensibilidade das emoções ou do espírito. Era extremamente difícil nestes tempos se pensar em inteligência espiritual.

Assim, o paradigma mecanicista agrupa todos os paradigmas que aceitaram a visão de mundo de Descartes, segundo o qual o mundo natural é uma máquina carente de espiritualidade e, portanto, deveria ser dominada pela inteligência humana e ser colocada a seu serviço. Nessa visão mecanizada de mundo, a racionalidade é evidenciada, não se fala de emoções, de espiritualidade ou mesmo de arte. Tudo o que vislumbrasse sensibilidade fugia dessa visão mecânica de controle.

Embora a visão cartesiana do mundo esteja sendo questionada, sabemos que este paradigma foi muito importante, e permitiu o desenvolvimento científico e tecnológico presente no mundo atual. Possibilitou o desenvolvimento da ciência moderna e grandes saltos evolutivos nas histórias das civilizações, como o surgimento de técnicas muito eficazes, a democratização do conhecimento, a presença constante de um espírito científico de investigação, grande validação aberta do conhecimento (MORAES, 1997).

Nestes últimos 300 anos, sabemos que grandes pesquisas e grandes avanços para a humanidade surgiram em todas as áreas da vida. Com esse avanço tecnológico e econômico tudo passa a se voltar para o mercado. Como expõe Capra (1982), os novos costumes e atividades resultaram na criação de novas instituições sociais e políticas e deram origem a uma nova ocupação acadêmica: a teorização em torno de um conjunto de atividades econômicas específicas, produção, distribuição, câmbio, distribuição de empréstimos financeiros que subitamente adquiriram grande relevo e passaram a exigir não apenas descrição e explicação, mas também racionalização.

Capra (1982) afirma que o crescimento econômico está diretamente ligado ao crescimento tecnológico. Indivíduos e instituições são hipnotizados pela maravilha da tecnologia moderna e passam a acreditar que para todo e qualquer problema há uma solução tecnológica. Criam-se super máquinas e aplicativos para tudo. Ao surgir um problema, seja de natureza política, psicológica ou ecológica, a primeira busca para solucioná-lo é a criação de uma nova tecnologia.

Indiscutivelmente, esse foi um grande salto para a humanidade, tornando a vida mais fácil e mais longa. Contudo, o progresso das grandes metrópoles, a pressa e a rapidez da vida moderna exigem que se desdobrem mais em todos os aspectos. Dessa forma, sabemos que todo desenvolvimento na humanidade tem o seu lado de benefícios e de prejuízos, pois o paradigma baseado na racionalidade desestrutura e fragmenta o ser humano desenvolvendo alguns de seus aspectos e minimizando ou inviabilizando outros como a intuição, a arte, a emoção, a espiritualidade etc.

Moraes (1997) descreve que o paradigma da racionalidade representou certo perigo ao valorizar os aspectos externos das experiências ignorando as vivências internas do indivíduo ao fundamentar-se, sobretudo na razão e nas sensações expressas pelos cinco sentidos. Esta ciência criou um mundo limitado pelos sentidos e que podia ser cheirado, ouvido, degustado, tocado ou visto, e o qual se podia manipular e controlar. Vários teóricos questionam os êxitos alcançados pelo paradigma industrial do Ocidente, que geraram, direta ou indiretamente, a maioria dos atuais problemas de ordem social e global presentes na humanidade.

Esse método cartesiano impregnou fortemente o paradigma dominante da ciência moderna que, com o passar dos anos, provocou a fragmentação do nosso pensamento, a unilateralidade de nossa visão. Levou-nos a uma concepção de vida

em sociedade como uma batalha competitiva pela existência, a crença no progresso material a ser alcançado por meio do crescimento econômico e tecnológico. Em um processo econômico muito atingido pela visão mecânica de mundo, a natureza das grandes companhias é profundamente desumana (CAPRA, 1982). Competição, coerção e exploração constituem aspectos essenciais de suas atividades, que são motivadas pelo desejo de expansão ilimitada. As grandes companhias, assim que ultrapassam certa dimensão, trabalham mais como máquinas do que como instituições humanas. Não existem leis nacionais ou internacionais que enfrentem com eficácia essas corporações gigantescas.

Capra (1982) afirma que a economia mundial de hoje baseia-se em configurações ultrapassadas de poder, estabelecendo estrutura de classes e distribuição desigual da riqueza nas economias nacionais, assim como na exploração dos países do Terceiro Mundo pelas nações ricas e industrializadas. Essas realidades sociais são ignoradas pelos economistas, que tendem a evitar as questões morais e aceitam a atual distribuição da riqueza como um dado imutável. Na maioria dos países ocidentais, a riqueza econômica está altamente concentrada nas mãos de um pequeno número de pessoas que pertence à classe empresarial.

Crema (1989) expõe que, nessa visão mecanicista e fragmentada de mundo, houve um crescimento tecnológico em que os seres humanos não acompanharam esse mesmo crescimento como pessoa. Esse excessivo crescimento tornou a vida, segundo Capra (1982), física e mentalmente doentia. Ar poluído, ruídos irritantes, congestionamento de tráfego, poluentes químicos, riscos de radiação e muitas outras fontes de estresse físico e psicológico passaram a fazer parte da vida da maioria das pessoas.

No paradigma da racionalidade, não há lugar para a compreensão do mundo de forma mais ampla, mais includente. Cabe compreender que toda a sociedade ocidental foi construída sob esse paradigma, que compartimentou o mundo e fragmentou o homem em uma série de pedaços. Todas as ciências foram fragmentadas em partes. A própria física, a medicina, a religião e todas as áreas que formam a nossa história foram divididas. Todo o pragmatismo, o grande progresso, a fuga e a desvinculação dos valores humanos mais elevados, como a solidariedade e a cooperação, o consumismo exagerado, a arrogância do poder e o conseqüente desequilíbrio ecológico e psicológico do mundo moderno são resultados de uma

visão de mundo em que o ser humano é tratado como algo que funciona tal qual uma máquina, fragmentado e separado de Deus.

Surge assim o paradigma da separatividade, que consiste na ilusão de estarmos fragmentados do mundo e do cosmos. Ignora-se a realidade de que tudo está interligado com tudo. Este paradigma da separatividade dará lugar àquilo que Crema (2003) e Weil (2003) chamaram de normose. Por normose eles entendem ser um conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar e de agir aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Algo patogênico e letal que aquele que o pratica não tem consciência de sua natureza patológica. As consequências do paradigma da separatividade e da normose atingem vários espaços da nossa sociedade.

1.1.1 O Paradigma da Separatividade e a Normose: consequências socioculturais.

Normose é um dos conceitos mais importantes gerados pelo movimento holístico. O paradigma holístico implica na criação de conceitos que venham mudar a nossa maneira de ver as coisas. Tudo indica que o conceito de normose, com seu aprofundamento e desenvolvimento, provoca um importante questionamento a respeito do que se considera normalidade. A tomada de consciência dessa realidade poderá facilitar uma profunda mudança na visão e na consideração de certas opiniões, hábitos e atitudes comportamentais consideradas normais e naturais pelas mentes mais desatentas e adormecidas.

Quando inúmeras pessoas estão de acordo com uma opinião ou uma atitude e maneira de atuar, manifesta-se um consenso, que ditará uma norma. Quando a norma é adotada por muitos, cria-se um hábito. A maior parte dos nossos costumes é resultado de normas que adotamos, conscientemente, mediante seguir nossos pais e educadores. Essas normas deveriam ter a função de preservar nosso equilíbrio físico, emocional ou mental, bem como a harmonia e a qualidade de vida. Existe uma crença enraizada, que, conforme tudo que a maioria das pessoas sente, acredita ou faz, deve ser considerado normal. Deve servir de guia para o comportamento geral, de roteiro para a educação. Nem todas as normas são boas.

Em sua maioria são geradoras de sofrimentos e enfermidades, podendo levar até mesmo à morte. Mas como são aprovadas por um consenso social, as pessoas não se dão conta do seu caráter patogênico. Pesquisas recentes sobre a origem de certos sofrimentos e doenças, pessoais ou sociais, como as guerras e a violência, na esfera ambiental, a destruição de ecossistemas, estão a contestar o conceito de normalidade sustentado por um consenso social. Surge uma preocupação atual de que certas normas sociais, atuais ou anteriores, levam e levaram pessoas, grupos e a comunidade global a sofrimentos físicos e morais (WEIL, 2003). Como exemplo, Weil (2003) cita a normose criada pela ditadura masculina, que já dura quatro mil anos e caracteriza-se pela repressão do feminino, preferência pela eficiência, condenação da afetividade e repressão do amor. Temos as normoses específicas, as alimentares, as de culto ao corpo, as políticas, as ideológicas e as bélicas. Temos também as normoses religiosas, tema capital nesses tempos de fundamentalismos religiosos. Religiões normóticas criam consensos de massa, jogando povos contra povos em nome de Deus.

Para Weil (2003), a característica comum a todas as formas de normose é seu caráter inconsciente. Os seres humanos, por preguiça e comodismo, reproduzem o exemplo da maioria. Pertencer à minoria é tornar-se vulnerável, expor-se à crítica. Por comodismo as pessoas seguem e repetem o que dizem os jornais, as telenovelas. Essas são maneiras disfarçadas de manipular as opiniões, mudar os sistemas de valores e anunciar que eles são adotados pela maioria da população. Assim, toda normose é uma forma de alienação, portanto, ela sempre facilitará a instalação de regimes totalitários e de sistemas de dominação.

Tomar consciência da normose e de suas causas constitui a verdadeira terapia para a crise contemporânea. Trata-se de encontrar a liberdade. Seguir as normas cegamente é tornar-se escravo. Para Leloup (2003), a normose é um sofrimento como a neurose e como a psicose. É ela que nos impede de sermos realmente nós mesmos. O consenso e a conformidade impedem o encaminhamento do desejo no nosso interior.

Crema (2003) refere que em nossos livros convencionais de pedagogia, de psicologia, de psiquiatria, de administração ou liderança, não consta a maestria de um Buda e de um Cristo, dois ilustres representantes de uma inteligência espiritual, do Oriente e do Ocidente respectivamente. As gerações de um futuro mais íntegro e saudável custarão a acreditar que gerações e gerações de médicos, de psicólogos,

de psiquiatras e de outros cuidadores não estudaram os mais eminentes representantes desses ofícios, os verdadeiros educadores da humanidade. Por terem desenvolvido, além da razão, a plenitude do coração e da consciência espiritual, dando testemunhos belos e paradigmáticos de amor e de fraternidade, foram banidos das escolas, das universidades e da academia, que apenas os reconhecem como gênios menores. Para o autor, o absurdo maior dessa alienação normótica consiste em constatar que o imperativo óbvio para superarmos esta megacrise pela qual passamos é justamente orientar o nosso ser pela sabedoria do coração, espaço de onde emanam a ética e os valores perenes do amor e da compaixão. Uma vez que assimilamos esse conceito e o seu alcance, nossa visão se abre. Essa denominação comporta-se como um poderoso agente revelador, que facilita a tomada de consciência de aspectos essenciais para a preservação da saúde individual e coletiva. Na concepção holística, o normótico não usa, não conhece e muito menos procura desenvolver sua inteligência espiritual. Isso ocorre porque está preso aos costumes pelos quais a sua vida é conduzida. Para haver mudanças na vida dessa pessoa, primeiramente ela precisa saber que está vivendo uma patologia, ela precisa conhecer os conteúdos que a levariam a uma reflexão sobre sua vida atual. Sem o encontro com uma nova realidade é difícil haver um despertar da consciência, um despertar da inteligência espiritual que seria o elo para ajudar a compreender as situações pelas quais passa e modificá-las, pois seria impossível viver uma espiritualidade e, ao mesmo tempo, consentir com as normoses existentes.

1.1.2 A Pessoa Fragmentada e Normótica

A maioria das pessoas está submetida à fantasia da separatividade, pois há um consenso que reforça essa ilusão, transformando-se em uma miragem coletiva. Em função dessa fantasia é que nos percebemos como sujeitos sólidos. Desenvolvemos de um modo inconsciente, três tipos de atitudes básicas: apego a tudo que nos propicia prazer, objetos, pessoas e ideias; rejeição a tudo que provoca dor ou nos ameaça; e indiferença ao que não nos causam prazer nem dor.

As principais características desenvolvidas pelas pessoas atingidas pelo paradigma da separatividade e pela normose são: a possessividade, desejar só para si objetos, pessoas ou ideias, apegando-se a eles; o ciúme, quando alguém se sente ameaçado de perder o seu objeto de apego; a competição e a rivalidade entre os que disputam o mesmo alvo; o orgulho e a vaidade, quando se tem apego a uma autoimagem de superioridade em relação aos outros; a agressão e a cólera, que se produzem em consequência do ciúme, do orgulho ferido, da competição ou do sentir-se agredido (WEIL, 2003).

Na análise crítica de Weil (2003) é grande o número de normoses que atinge as pessoas atualmente, e a cada dia surgem novas normoses. É por intermédio da normose do consumismo, por exemplo, que se desenvolvem outras normoses. Esta normose é baseada na crença de que a Terra é dotada de recursos infinitos criados para a humanidade, e por isso o ser humano deve se dispor dela para seu prazer e consumo. O hiperconsumo é reforçado pela normose da competitividade, alimentada pelo sistema educativo. Na área da alimentação existem vários tipos de normoses como, por exemplo, consumo de alimentos industrializados cancerígenos, açúcar refinado, carne vermelha em excesso, refrigerantes, ou seja, alimentos que adoecem as pessoas. Outra normose proveniente do consumismo é o uso excessivo de carros. A produção de carros aumenta assustadoramente, com isso a poluição provocada pelo tráfego ameaça a existência dos cidadãos pela impureza do ar e pelos buracos na camada de ozônio provocados pela radiação. Esse tipo de normose é reforçado pela pressão das mídias, da publicidade e da propaganda. Temos também a normose do alcoolismo e do tabaco, resultado de uma normose estruturada em todo o mundo, que é modelada pela propaganda que associa o consumo de álcool à beleza e juventude e o cigarro à virilidade, sensualidade e charme.

As pessoas atingidas por essas normoses têm sofrido suas consequências na própria vida, sobretudo com a ausência de saúde, exatamente o contrário do que é alardeado pelas mídias. Hoje o tabagismo é considerado uma anomalia, pois fumantes começam a se sentir mal. No Brasil houve uma assimilação muito rápida contra o tabagismo.

A normose da invisibilidade, triste normose da indiferença burguesa, atinge milhões de pessoas, maioria de trabalhadores simples e anônimos. Ela é uma manifestação mórbida da exclusão, a mais visível das patologias sociais. Normose

do tecnologismo e da informática, sutil, corrói e destrói o seio das famílias. Esse desequilíbrio faz com que algumas pessoas percam inclusive a noção da realidade e o seu contato com ela, embrenhadas e perdidas no mundo virtual (WEIL, 2003).

A normose política separou-se dos valores éticos e transformou-se num terreno de luta pelo poder que determina atos de violência e guerras. A normose da fofoca é a pior e a mais terrível forma de controle social, porque todos se vigiam. Quem se desvia dos trilhos da normose se sujeita à tirania da fofoca. As pessoas estão presas a essas normoses e tendo como resultados visíveis a esta cegueira para a vida muitas consequências negativas que atingem a constituição de sua vida familiar, financeira e, sobretudo a saúde (WEIL, 2003).

Sabemos que, ao longo desse caminhar, no paradigma da racionalidade, nossa educação foi direcionada e supervalorizada a determinadas disciplinas acadêmicas, à superespecialização, uma vez que todos os fenômenos complexos, para serem compreendidos, necessitam ser reduzidos às suas partes constituintes. A educação como parte constituinte desse sistema favoreceu e continua alimentando esse processo normótico, quando exclui o pensador de seu próprio pensar, quando esquece os alicerces religiosos que sustentavam os valores da civilização ocidental em consequência da ciência que passou a predominar, uma ciência materialista, determinista, destruidora, cheia de certezas, que ignora o diálogo e as interações entre os indivíduos, entre ciência e sociedade, técnica e política.

O método reducionista do qual faz parte a nossa educação foi se enraizando em nossa cultura e levou-nos à alienação e crise planetária de abrangência multidimensional, resultado dos processos de fragmentação. Como consequência disso, a cultura ficou dividida, os valores cada vez mais individualizados e os estilos de vida mais antológicos, adoecidos. Como nunca antes aconteceu o ser humano alienou-se da natureza, do trabalho, de si mesmo e dos outros. Dividido no conhecimento, encontra-se dissociado em suas emoções e em seus afetos, com a mente técnica e o coração vazio, sem um trabalho digno e satisfatório, compartimentado no viver e profundamente infeliz.

Tendo à sua disposição um arsenal tecnológico sem precedentes na história da humanidade, foi criando um mundo desditoso, uma educação que não educa para o cooperar, sem compaixão e solidariedade, ou seja, uma educação

ameaçadora, voltada ao produzir aplicações tecnológicas, desvinculada de uma compreensão metafísica mais ampla (CREMA, 2003).

Gerou-se então uma educação normótica com consequências que exprimem negatividade para o ser humano, como a crença no progresso material, no controle da natureza, no domínio da técnica e seus efeitos sobre a industrialização de bens e serviços, no aumento da produtividade e da riqueza, na busca do conhecimento científico tendo como base uma visão utilitária, voltada para a previsão, o controle e a manipulação do ambiente. Com isso foram desenvolvidos os atuais problemas críticos de ordem social e global, cujas soluções deveremos buscar começando pela educação, onde possamos evoluir e reconstruir um mundo melhor para nossas crianças, adolescente e jovem, em novas bases (MORAES, 1997).

Entretanto, a educação continua reforçando e valorizando esse modelo reducionista racional, causando influências e implicações negativas à formação de novas gerações. Ao invés de produzir as transformações necessárias para o desenvolvimento harmonioso do ser humano, a educação atual continua reproduzindo padrões de comportamentos preestabelecidos, com base em um sistema de referência que nos ensina a não questionar, a não expressar o pensamento contraditório, a aceitar passivamente a autoridade, a ter certeza das coisas. Nossa educação continua limitando nossas crianças, adolescentes e jovens, silenciando suas falas, impedindo muitos de pensar, tolhendo sua criatividade e suas possibilidades de expressão.

Moraes (1997) pergunta: onde estará à origem de tudo isso? Por que nossa educação continua repetindo e reafirmando o paradigma da racionalidade? Apesar de todas as correntes filosóficas que continuam disputando o espaço pedagógico, observamos que a educação atual continua influenciada pelo paradigma da racionalidade. Essa educação continua dividindo o conhecimento em assuntos, especialidades, subespecialidades, fragmentando o todo em partes. Ela ainda é uma educação domesticadora, bancária, que deposita no aluno informações, dados, fatos. É também uma educação em que o professor é quem detém o saber, a autoridade, é quem dirige o processo e representa um modelo a ser seguido (MORAES, 1997). Comumente pensamos a educação como um instrumento de transformação social, mas não esqueçamos que a educação é também aparelho ideológico legitimador do *status quo*.

Não se trata aqui de mais uma análise pessimista do mundo contemporâneo, mas de uma busca por onde devemos começar a procurar as novas saídas, as soluções geradoras de possíveis mudanças, tendo a educação como eixo fundamental de um forte processo de renovação e transformação desse contexto.

Assim, esta pesquisa visa traçar alguns possíveis caminhos e sugestões ao espaço acadêmico para que ele possa contribuir com as novas formas de caminhar, identificando as normoses existentes e a separatividade no espaço da educação, indicando uma nova visão de mundo a ser construído e seguido a partir do conhecimento e análise dos paradigmas da visão sistêmica do mundo, paradigma da complexidade e paradigma holístico da realidade.

1.2 UMA NOVA VISÃO DE MUNDO BASEADA NOS PARADIGMAS DA VISÃO SISTÊMICA, DA COMPLEXIDADE E DO HOLISMO

Uma nova visão de mundo faz parte dos paradigmas emergentes que, de certa maneira, têm influenciado a vida humana em variadas instâncias. Esse olhar é fundamentado nos paradigmas da visão sistêmica, da complexidade e do holismo, ou melhor, uma nova forma de olhar a vida e de construir novas possibilidades. Esses novos paradigmas traçam parâmetros de mundo que permitem pensar a natureza, a sociedade e a psique humana de um jeito inteiramente diferente da descrição mecânica.

A visão mecanicista adota a ideia de que o mundo natural é regido deterministicamente por leis matemáticas em contraposição ao mundo humano, no qual há o livre arbítrio.

Essa nova perspectiva afirma que na interrelação entre ser humano e natureza ambos estão interligados, quando é considerada a visão sistêmica, o paradigma da complexidade e o paradigma holístico.

Nos tópicos subsequentes apresentaremos informações sobre esses três aspectos dessa nova visão para melhor compreendermos como esses elementos podem contribuir para a construção do novo modo de estar no mundo.

1.2.1 O Paradigma da Visão Sistêmica do Mundo

O pensamento sistêmico é uma forma de abordagem da realidade que surgiu no século XX em contraposição ao pensamento reducionista-mecanicista herdado dos filósofos da Revolução Científica do século XVII, como Descartes, Bacon e Newton. Essa abordagem tem como representantes cientistas, pesquisadores, filósofos e intelectuais de vários campos que não negam a racionalidade científica, mas defendem a transição e integração entre várias disciplinas do conhecimento ou ciências para a compreensão da realidade.

Segundo Capra (2002), a teoria de sistemas é uma nova maneira de pensar sobre a vida considerando novas percepções, uma nova linguagem e novos conceitos. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais.

Crema (1989) refere que a concepção sistêmica consiste na abordagem de que todos os fenômenos ou eventos se interligam e se interrelacionam de uma forma global em que tudo é interdependente. A palavra sistema origina do grego *systema*, que significa um conjunto de elementos interligados de um todo, coordenados entre si e que funcionam como uma estrutura organizada. O universo é uma teia dinâmica de eventos interconectados, em que cada partícula, de certo modo, consiste em todas as demais partículas.

Essa concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às unidades menores. Todo e qualquer organismo, desde a menor bactéria até os seres humanos, passando pela imensidade de variedades de plantas e animais, é uma totalidade integrada e, portanto, um sistema vivo. Os mesmos aspectos de totalidade são exigidos dos sistemas sociais como, por exemplo, o formigueiro, a colmeia ou uma família humana (CAPRA, 1982).

O que se preserva nisso tudo não são árvores ou organismos individuais, mas a teia complexa de relações entre eles. Essa é a visão que se precisa compreender. Todos esses são exemplos de sistemas. Todos esses sistemas naturais são totalidades cujas estruturas específicas resultam das interações e interdependência de suas partes. Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes.

Para compreendermos de fato essa concepção sistêmica, faz-se necessário uma diferenciação entre a visão mecanicista e a visão sistêmica. A primeira

diferença óbvia entre máquinas e organismos vivos é o fato de que as máquinas são construídas, ao passo que os organismos crescem. Essa diferença fundamental significa que a compreensão deverá ser orientada para o processo.

Capra (1982) considera que as máquinas são construídas montando-se um número bem definido de peças de forma precisa e previamente estabelecido. Os organismos, por outro lado, mostram um elevado grau de flexibilidade e plasticidade interna. Para esse autor, a plasticidade e a flexibilidade interna dos sistemas vivos, cujo funcionamento é controlado mais por relações dinâmicas que por rígidas estruturas mecânicas, dão origem a numerosas propriedades características que podem ser vistas como aspectos diferentes do mesmo princípio dinâmico, o princípio de auto-organização.

O princípio de auto-organização originou-se nos primeiros anos da cibernética, quando os cientistas começaram a construir modelos matemáticos que representavam a lógica inerente às redes neurais. Um organismo vivo é um sistema auto-organizador. Isso significa que sua ordem em estrutura e função não é imposta pelo meio ambiente, mas estabelecida pelo próprio sistema.

O que se entende por cibernética? Capra (1982) afirma que a palavra cibernética tem sua etimologia no grego *kybernetike*, que significa piloto. O conceito da cibernética surgiu com o matemático Norbert Wiener (1894-1964), que, na década de 1940, apresentou essa nova ciência que visava à compreensão dos fenômenos naturais e artificiais por meio do estudo dos processos de comunicação e controle nos seres vivos, nas máquinas e nos processos sociais.

Capra (1982) ressalta que as células se dividem e constroem estruturas, e os tecidos e órgãos substituem suas células em ciclos contínuos. Assim, o pâncreas substitui a maioria de suas células de 24 em 24 horas; o revestimento do estômago é substituído de três em três dias; nossos leucócitos são renovados em dez dias e 98% das proteínas do cérebro são refeitas em menos de um mês. Uma máquina irá enguiçar se suas peças não funcionarem de forma predeterminada, com um organismo é diferente. Seu funcionamento continuará num ambiente variável mantendo-se em condições de operar e se regenerando através da cura.

Com a auto-organização a própria vida se encarrega de organizar a si mesma, pois as partes se renovam o tempo todo. E tudo que faz parte de um sistema vivo se autorrecupera, se auto-organiza. Capra (1982) usa a biologia humana para exemplificar a nova concepção de vida. Com o pensamento sistêmico

surge a teoria da complexidade, na qual se apresentam questões complexas, sendo o próprio ser humano e suas questões a principal delas, em que viver no risco e na incerteza se traduz no grande desafio da condição humana.

1.2.2 O Paradigma da Complexidade

A teoria da complexidade surge com o avanço do conhecimento e com o desafio que a globalidade impõe para o século XXI. Complexidade é um termo oriundo da Cibernética. Morin (1997) propõe um pensamento que une e não separa todos os aspectos no universo. Esse autor considera a incerteza e as contradições como parte da condição humana, e sugere a solidariedade e a ética como caminho para a realização dos seres e dos saberes.

Para Nicolescu (1999), a complexidade se nutre da explosão da pesquisa disciplinar, por sua vez, determina a aceleração da multiplicação das disciplinas e não demorou em mostrar sua onipotência. A complexidade se mostra por toda parte, em todas as ciências, exatas ou humanas, rígidas ou flexíveis. A biologia e a neurociência revelam a nós um rápido desenvolvimento, bem como novas complexidades. O desenvolvimento também da complexidade é espantoso nas artes, na arte abstrata que aparece ao mesmo tempo em que a mecânica quântica. Para se entender a ideia de complexidade, temos que vê-la em relação ao que se consideram usualmente seus opostos. Poderemos formar vários pares: simples-complexo, simplificação-complexificação, redução-conjunção, reducionismo-holismo, parte-todo.

A complexidade do mundo em que vivemos transparece nas expressões que usamos: o mundo das artes, o mundo da política, o mundo da ciência, o mundo acadêmico. Na verdade só existe um mundo. Todos os mundos acima se entrelaçam num mesmo espaço-tempo em que vivemos. Essa grande complexidade é de tudo que se junta montando uma rede como se estivéssemos diante de uma grande teia da vida.

Para Morin (1997), o pensamento complexo e complementar é contraditório e ambivalente, mas em constante transmutação. Assim também ocorre em todos os setores da vida e do saber. É uma mudança consciente de atitude e de

comportamento. O ser humano traz em si um conjunto de características antagônicas e bipolares. Ao mesmo tempo em que é sábio, é louco, prosaico e poético, trabalhador e lúdico, empírico e imaginário. Vive de muitos jeitos e se apresenta de várias maneiras. É unidade e diversidade; multiplicidade, pluralidade e indissociabilidade; corpo, ideias e afetividade. É um *homo complexus*.

O *homo complexus* é responsável pelo processo de auto-eco-organização que se constrói na partilha e solidariedade de um tipo de pensamento que liberta porque é criativo, artístico, político, educacional, ético e espiritual. No pensamento complexo, as contradições têm espaço de acolhimento sem preconceito. Nesse pensamento, opostos, diferentes e complementares se ligam numa teia multirreferencial que inclui a objetividade e a subjetividade, colocando-as no mesmo patamar de possibilidades constantes.

Uma epistemologia da complexidade engloba não só aspectos e categorias da ciência, filosofia e das artes, como também os diversos modos de pensamentos, sejam eles míticos, mágicos, empíricos, racionais ou lógicos, numa rede relacional que faz emergir o sujeito no diálogo constante com o objeto do conhecimento. Considera a comunicação entre as diversas áreas do saber e compreende ordem, desordem e organização como fases necessárias de um processo que culmina no auto-eco-organização de todos os sistemas vivos.

Apresenta o ser humano como ser ímpar, muito embora apresente semelhanças étnicas e culturais, e possui também características químicas, sociais. Sua identidade pressupõe liberdade e autonomia. O homem e a mulher tornam-se sujeitos a partir das dependências que alimentam como as da família, da escola, da linguagem, da cultura e da sociedade. Somos seres políticos livres, e a liberdade é uma emergência da pessoa que identifica necessidades e desejos, elabora hipóteses e as sistematiza. É importante refletir sobre as crises da humanidade, a fim de participarmos das decisões sociais e políticas de nosso tempo como cidadãos sociais e culturais, resguardando o nosso direito e a nossa capacidade de intervenção, transformação, emancipação e reconstrução (MORIN, 1999).

Ao nascer, o ser humano não se depara com uma felicidade pronta e acabada. Ele próprio é responsável pela construção de sua felicidade. E se o poeta diz que a felicidade é feita de alguns momentos, esse ser humano, nas várias instâncias que cercam sua vida, deve prover essa busca. Essa busca dar-se-á inclusive em campos mais complexos como o da espiritualidade humana, que aqui

estamos nominando-a como uma inteligência ou vislumbrando a possibilidade de ela ser considerada pela ciência, ou melhor, pela psicologia, uma das inteligências humanas.

Temos consciência que existem alguns fenômenos que não conseguimos explicar. O próprio ser humano com toda sua complexidade é um deles, assim como o universo, a vida e a morte, o amor e o ódio. No entanto, o cosmos, o universo, a vida, as coisas e as pessoas não puderam ser vistos ou estudados sem compreensão e aceitação do todo.

O espaço acadêmico é formado por pessoas. *Homo complexus* trata da complexidade do ser humano, principalmente do que estamos denominando aqui de inteligência espiritual, que se traduz em enxergar a possibilidade de esse ambiente contribuir para a transformação das pessoas ali entrelaçadas.

Deparamo-nos com uma pergunta peculiar à nossa pesquisa: teria a complexidade sido criada por nossa mente ou se encontra na própria natureza das coisas e dos seres? Nicolescu (1999) afirma que o estudo dos sistemas naturais nos dá uma resposta parcial. A complexidade das ciências é antes de qualquer coisa a complexidade das equações e dos modelos. Ela é, portanto, produto de nossa mente, que é complexa. Porém essa complexidade é a imagem refletida, ou seja, ela está na natureza das coisas. Além disso, a física e a cosmologia quânticas nos mostram que a complexidade do universo não é a complexidade de uma lata de lixo, sem ordem alguma. Uma coerência atordoante reina na relação entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande.

Para Morin (1999), o pensamento complexo compreende o princípio da incerteza, tal como formulado por Heisenberg, físico quântico e um dos fundadores da mecânica quântica. Esse princípio tem sua base assentada na falibilidade lógica, no surgimento da contradição e na indeterminabilidade da verdade científica. O pensamento complexo é desprovido de fundamentos de certezas absolutas e permeia os diversos aspectos do real. Viver no risco e na incerteza é o grande desafio da condição humana. A vida humana é uma aventura, uma viagem rumo ao incerto. Todos somos construtores de um futuro que é incerto.

A reforma do pensamento, em época de incerteza, pressupõe a consciência reflexiva de si e de mundo para o exercício de uma auto-ética que é complexa e entende o humano como um ser relacional que vive em comunidade. Assim, aceitar

o outro e compreendê-lo de forma amorosa é condição ontológica da existência humana e implica mudança de atitude e perspectiva diante da vida humana.

Para Capra (1982), entre os místicos ocidentais, aquele cujo pensamento mais se aproxima da nova biologia sistêmica é Pierre Teilhard de Chardin. Ele, além de sacerdote jesuíta, era também um eminente cientista, e ofereceu importantes contribuições para a geologia e a paleontologia. Seu conceito fundamental, que ele chamou de Lei da Complexidade e Consciência, enuncia que a evolução se desenrola rumo a uma crescente complexidade, e que esse aumento de complexidade é acompanhado por uma correspondente elevação do nível de consciência, culminando na espiritualidade humana. Chardin (1995 p. 107) usa o termo “consciência” com o sentido de percepção consciente, definindo-a como “o efeito específico da complexidade organizada”, perfeitamente compatível com a concepção sistêmica da mente. Sob a influência da física quântica e da teoria da complexidade, surge uma nova visão, a visão holística clara e direta da realidade.

1.2.3 O Paradigma Holístico

Quando se fala de uma nova visão de mundo e da realidade, em que a ciência se junta às grandes religiões para tentar compreender e explicar as questões vitais do homem anuncia-se um novo movimento chamado Holístico, que deriva da palavra grega *holos*, que significa “todo”. Weil (1991) informa que, em 1926, foi editado em Londres um livro escrito por um general sul-africano, um dos primeiros partidários do movimento *antiapartheid*, o filósofo Ian Christian Smuts, com o título *Holism and evolution*. O assunto central desse livro consiste numa tentativa de conceituação da natureza da evolução, das suas fases principais e de um fator ou princípio subjacente a essa evolução e a todo o universo.

A palavra holística nesses últimos vinte anos tem penetrado progressivamente no âmbito da filosofia, da teologia, da educação, da ecologia, da psicologia, da economia e dos demais domínios do conhecimento humano. Ela representa na realidade todo o movimento de mudança de sentido não somente da ciência, mas de todo conhecimento humano. Essa nova visão holística do real tem surgido sob influência das descobertas da física quântica e da psicologia

transpessoal. Essa visão holística foi, segundo Crema (1989), postulada desde 1980 pela psicóloga francesa Monique Thoening. Esse paradigma surge como uma resposta à crise global da consciência humana, dividida e exilada.

O movimento holístico se apresenta para despertar a consciência das pessoas, mostrando-lhes o subjugo em que vivem de forma tão fragmentada. É uma corrente de compreensão mundial, na qual se têm envolvido artistas, pesquisadores, cientistas, escritores e instituições como universidades, Igrejas, comunidades, entre outros, todos com um objetivo comum. É mister questionarmos o modelo de mundo em que vivemos e reavaliarmos nossos valores. O movimento holístico se apresenta como incluyente e transformador, pois suas raízes estão na espiritualidade.

Para Weil (1991), isso ocorre porque tem um caráter inefável, pois se situa num domínio que transcende a linguagem e o raciocínio lógico. Sem essa vivência, a visão holística permanece meramente intelectual. Existe um consenso entre as pessoas que passaram por essa vivência de que ela seja algo transcendental. O movimento holístico não tem pretensões de provar nada, mas de incluir tudo. Tudo faz parte de tudo. A parte é tão importante quanto o todo. E o todo é tão importante quanto à parte, porque ambos são inerentes um ao outro.

A abordagem holística tem sido um esteio de sustentação para essa nova compreensão da vida, para essa percepção da crise em que vive o mundo. Muitas são as formas como a concepção holística vem ajudando no desenvolvimento de uma real espiritualidade. Essa manifestação tem se dado muito no campo científico e acadêmico. Tem levantado cientistas, mestres e doutores em quase todas as áreas do saber para postular sobre esse novo modelo de ser, defendendo suas teses para dizer à humanidade que poderemos ser mais felizes. Que poderemos ajudar tanto os jovens de hoje como as futuras gerações a serem mais felizes.

De acordo com esse pensamento, é possível que o espaço acadêmico represente um grande ambiente para se trabalhar essa nova forma de pensar a espiritualidade como uma inteligência humana capaz de trabalhar os freios que entravam a realização de nossas aspirações profundas: medos, dúvidas, orgulho, inveja, impulsos, ignorância, entre outros.

Falar do movimento holístico é pensar numa nova práxis de vida, de espiritualidade e, acima de tudo, de inteligência. Trata-se de uma visão inclusiva e virtualmente terapêutica facultada pela abordagem holística e que se expressa como uma grande síntese, na qual os opostos são reconciliados e integrados. Crema

(1989) diz que as aplicações da abordagem holística se estendem a todas as esferas do saber e do atuar humano, desde a teoria do conhecimento à educação, saúde, economia, administração, ecologia e política. Abrangem a ontologia, gnoseologia e epistemologia. Ontologia refere-se àquilo que sou; a gnoseologia refere-se àquilo que sei; e a epistemologia é a teoria relativa à como sei.

Crema (1989) alega que existe uma firme convicção de que o paradigma holístico há de prevalecer como irreversível onda, modelando a nova racionalidade e uma atitude humana holocentrada na cosmovisão holística, indicando um caminho possível para se viver melhor.

Estamos enfrentando uma combinação de mudanças paradigmáticas que pode ser mais poderosa do que qualquer coisa que o mundo tenha visto antes. O movimento holístico consiste em passar da realidade relativa do mundo concreto à realidade absoluta do mundo de luz, e também integrar os dois mundos de tal modo que o programa do todo se encontre em todas as partes. O movimento holístico transcende toda fragmentação disciplinar e integra nele o novo paradigma transdisciplinar.

Ser holístico não significa ser irreverente, revolucionário, mas, sim, ter um novo olhar sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre o cosmos onde vivemos. Essa nova maneira de olhar nos leva à descoberta do ser, nos leva à espiritualidade. Porém, só conseguiremos ser holísticos se a nossa inteligência espiritual estiver no comando. É a espiritualidade que nos dará o nível necessário de compreensão para praticarmos o *holos*, o todo. Crema (1989) diz que devemos usar a nossa inteligência espiritual para proteger a vida, o ambiente, o planeta em que vivemos e, sobretudo as nossas relações.

Os conceitos de não-separatividade, de correlação, de teia de interconexão cósmica, de um todo matéria-mente, de uma unidade observador-objeto demonstram, categoricamente, que o homem faz parte da dinâmica do Universo, podendo agir sobre esse Universo, além do acaso e da fria causalidade.

Weil (1998), principal mentor do movimento holístico no Brasil, diz que a abordagem holística são ondas à procura do mar. Ele conceitua a abordagem holística da realidade como a tendência para se lançar pontes sobre todas as fronteiras e os reducionismos humanos. Ele estabelece os seus dois distintos e complementares fundamentos: a holologia e a holopraxis.

A holologia, conforme Weil (1991) consiste no estudo teórico do antigo e do novo paradigma, das suas consequências na vida humana. Ela se estende também à descrição da vivência holística, permitindo, no momento oportuno, reconhecer as diferentes vivências como normais para o nível evolutivo alcançado. Sua função é preparar o intelecto para aceitar a vivência holística e cooperar para que ela aconteça. A holologia integra também o estudo dos textos tradicionais e das pesquisas científicas. Já a holopraxis é o conjunto dos métodos que levam uma pessoa à vivência holística ou transpessoal. A aplicação da visão holística da holopraxis se dá em três âmbitos: na sociedade, na vida cotidiana e na vida íntima. Enquanto a holologia se refere ao aspecto do saber, a holopraxis destina-se à dimensão do ser. É impossível ser holístico sem praticar uma espiritualidade, sem acessar os níveis mais altos do estado de compreensão da consciência.

A moderna psicologia transpessoal é uma ciência holística, e recente em termos históricos. A psicologia transpessoal é a primeira tentativa de integração das diferentes visões de ser humano em uma visão mais ampla e abrangente. O termo transpessoal significa “além do pessoal” ou “além da personalidade”. Utiliza-se esse termo porque a psicologia transpessoal ocupa-se de capacidades humanas que estão além da esfera do ego. A psicologia transpessoal é também a primeira corrente da psicologia a considerar expressamente que o ser humano possui uma dimensão espiritual. A espiritualidade é um dos objetos de estudo da psicologia transpessoal (WEIL, 1998). A compreensão da abordagem holística, portanto, requer a reflexão e o estudo dos seus fundamentos teóricos e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da percepção e abertura do espaço interior, que significa o seu essencial e transformador testemunhar ontológico (CREMA, 1989).

É neste particular que a abordagem holística, fundamentada na visão sistêmica de mundo, sustenta a busca de uma maior excelência no ser humano, a sua espiritualidade, tratando de conceitos que nos ajudarão a reconhecer as verdadeiras contribuições do paradigma holístico para a espiritualidade.

O movimento holístico nasce da necessidade que se descortina diante dos grandes problemas da atualidade, entre os principais, a fragmentação do ser humano, ou seja, a dualidade em que vive esse ser, dividido em corpo e mente, sem dar ou ter qualquer atenção ao seu espírito, elo essencial para o desenvolvimento de uma espiritualidade, de uma vida mais humana. O holismo aponta para dentro do ser humano e lhe mostra a maneira como, nessa totalidade que leva a conjuntos

cada vez mais perfeitos, podem ser encontrados o sentido profundo e o próprio rumo do universo e também que as respostas estão todas dentro do próprio ser humano.

1.2.4 O Novo Paradigma e a Espiritualidade

O entendimento de unidade com o mundo natural é plenamente confirmada pela nova concepção científica de vida. À medida que compreendemos que a física e a química básicas são as próprias raízes da vida, que o desenvolvimento da complexidade começou muito tempo antes da formação das primeiras células vivas e que a vida evoluiu por bilhões de anos usando sempre os mesmos padrões e processos, percebemos o quanto tudo está ligado à teia da vida.

A visão sistêmica da vida vê o ser humano de forma integrada, e nesta nova concepção há lugar para a espiritualidade, para os rituais, para se vivenciar os símbolos, ritos e mitos. Quando olhamos o mundo em volta, a percepção é que não se está lançado em meio ao caos e à arbitrariedade, mas que se faz parte de uma ordem maior, de uma grandiosa sinfonia da vida. Cada molécula do corpo já fez parte de outros corpos, vivos ou não, e fará parte de outros corpos no futuro. Dessa forma o corpo não morrerá, mas continuará perpetuamente vivo, pois a vida é um processo contínuo. A ideia de Capra é que todos fazem parte do universo, pertencemos a este universo e nele estamos em casa. A percepção desse pertencer, desse fazer parte, dará um profundo sentido à vida (CAPRA, 2002).

Conforme Zohar (2000) há lugar para a espiritualidade no novo paradigma. Essa autora defende a espiritualidade como uma inteligência humana e afirma que o coeficiente de inteligência espiritual (QS) é uma capacidade interna inerente ao cérebro e à psique humana que extrai seus recursos mais profundos do âmago do próprio universo. Segundo Zohar (2000), teremos que usar nosso QS inato para abrir novos caminhos, descobrir novas manifestações de sentido, algo que possa nos conduzir a partir de dentro, ideias inconcebíveis que não poderíamos ter a tempos atrás. Ela diz que a inteligência espiritual é a inteligência da alma. É a inteligência com a qual se provê a cura e se torna um todo integral.

Para Moraes (1997), no novo paradigma, existe uma compreensão do mundo mais adequada à sobrevivência humana, que é este um dos fatores básicos e

essenciais para a harmonia do indivíduo, da sociedade e da natureza como um todo. Essa nova visão nos leva a compreender o mundo físico como uma rede de relações, de conexões, e não mais como uma entidade fragmentada, uma coleção de coisas separadas. Se separarmos as partes, se as isolarmos do todo, estaremos eliminando algumas delas na tentativa de delinear cada uma. Com essa compreensão mais humanitária, acreditamos que exista lugar para a vivência de uma espiritualidade.

No novo paradigma iremos trabalhar uma dimensão além do individual, porque a raiz da visão sistêmica é o estar interligado a todas as coisas. Tudo está ligado a tudo. Para Moraes (1997), com o novo paradigma teremos uma educação espiritual, e isso requer maior conscientização de fraternidade humana, uma percepção de que não estamos sós e de que não podemos crescer isolados. A evolução é e será sempre coletiva. Ela dependerá do crescimento individual e do reconhecimento da necessidade de crescimento mútuo. Ela afirma que é uma ligação espiritual que abrange sentimentos, conhecimento e sensibilidade. É abertura, confiança, aceitação, um profundo encontro entre pessoas que buscam relações humanas transformadoras, sem simulações, nem fingimentos. É a compreensão de que estamos neste planeta numa viagem compartilhada em busca do significado da vida. A espiritualidade a vivenciar com o novo paradigma é aquela que precisa ser compreendida e operacionalizada em uma educação global. Uma espiritualidade de identificação com o planeta Terra, suas culturas, seu meio ambiente, os conflitos, as mudanças e a interdependência de todas as coisas.

Esse novo paradigma permitirá ao indivíduo desenvolver uma autoconsciência positiva e em harmonia com as forças do seu meio ambiente, bem como ser capaz de dividir com os outros a beleza e a grandeza do universo existente na humanidade como parte do planeta Terra. Essa nova concepção, terá como um dos principais objetivos ajudar a construir sistemas de referência baseados em princípios humanitários que permitam aos indivíduos identificar o que são a paz e a harmonia, nesta vida, mediante o diálogo com seres humanos mais iluminados, que serão capazes de restaurar a paz em nosso planeta. Essa nova visão de mundo é cheia de esperança e implica em uma necessária e coerente mudança de valores que vai da competição para a cooperação, da quantidade para a qualidade, da dominação para a parceria, do consumismo para a conservação. Isso é espiritualidade em ação. Isso é vivenciar uma nova forma de vida mais igualitária e

sistêmica. É a espiritualidade de forma mais ampla, abrangente e holística (MORAES, 1997).

Os novos paradigmas da visão sistêmica, da complexidade e paradigma holístico não excluem o paradigma da racionalidade, mas o inclui, pois o complementa. Não o desconhece, ao contrário, o valoriza, identifica a sua importância e ao mesmo tempo inclui valores esquecidos e inviabilizados no paradigma anterior. Isso nos leva a profundas reflexões, como: que tipo de educação precisaremos desenvolver para que esses aprendizados sejam incluídos em nossas instituições de ensino? Como realizar uma educação que desenvolva as habilidades racionais e também espirituais das novas gerações?

1.3 A BUSCA POR UMA INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

Temos como assertiva que o ser humano é dotado de uma inteligência espiritual e que em função disso emerge a necessidade de uma nova visão de mundo. Pretendemos validar com esta pesquisa que o espaço acadêmico poderá ajudar o ser humano na construção desse caminho e na sua forma de caminhar. Diante desse contexto sociocultural, a busca da espiritualidade genuína representará a busca do novo. A espiritualidade nos inspira a ter uma escuta para a vida e nos leva a interpretar e dar significados para cada uma das crises existenciais pelas quais passamos. Com a inclusão do assunto sobre espiritualidade nas instituições de ensino poderemos propor uma educação que desenvolva habilidades racionais, mas também espirituais, de crianças, adolescentes e jovens que se encontram em diferentes fases do processo de ensino-aprendizagem.

Nessa realidade inovadora, a espiritualidade apresenta uma nova forma de ver o mundo baseada nos paradigmas da visão sistêmica, da complexidade e do paradigma holístico, que apresentam conceitos atuais da psicologia que reconstruem a inteligência agregando-a outras inteligências humanas, onde contempla múltiplas inteligências em que o ser humano ultrapassa a racionalidade caminhando ao encontro de si mesmo, reintegrando-se com o todo.

1.3.1 Inteligência à Luz da Ciência, um Conceito Reformulado

Estamos vivendo um momento na história da humanidade de descobertas em todas as áreas do saber. Uma nova consciência está sendo despertada com base em um novo paradigma alicerçado na visão sistêmica de mundo, na teoria da complexidade, na visão holística, promovendo uma nova realidade. Fundamentados nessas mudanças, pretendemos encontrar embasamento para defendermos a ideia de uma espiritualidade humana como inteligência.

Inteligência espiritual é um componente muito novo que emerge juntamente com essa nova visão de ver a vida. Esse novo conceito de inteligência propõe resgatar uma discussão sobre a espiritualidade que contraria a visão mecânica de mundo, na qual não havia espaço na ciência para debater sobre tais aspectos.

Para Zohar (2000), a inteligência espiritual seria uma terceira inteligência. Por que terceira? Aqui Zohar não se detém em usar a teoria das múltiplas inteligências de Gardner (2000), mas compreende que a primeira seria a inteligência intelectual (QI); a segunda, a emocional (QE); e a terceira, a espiritual (QS). A espiritual seria aquela inteligência que situa atos e experiências do ser humano num contexto mais amplo de sentido e de valor, tornando-os mais afetivos.

Dessa forma, possuir alto QS implica ser capaz de usar o espiritual para ter uma vida plena de sentido, ou seja, um adequado senso de finalidade e direção pessoal. O QS aumenta os horizontes das pessoas e as torna mais criativas. É uma inteligência que impulsiona. Seria através dela que, segundo Zohar (2000), encontraríamos soluções para problemas de sentido e valor. O QS está ligado à necessidade humana de ter propósito na vida. Seria ele o componente que usamos para desenvolver valores éticos e crenças que nos nortearão por toda a vida.

A espiritualidade favorece a compreensão de que estamos numa viagem individual, e ao mesmo tempo coletiva. Somos levados por ela a uma consciência de fraternidade e de solidariedade mais acentuada com os outros seres vivos. Nela existe uma compreensão de que a nossa evolução é e será sempre em conjunto com outros seres e que a harmonia, a paz e a felicidade tão almejadas pelas pessoas dependem de uma mudança de mentalidade não apenas individual, mas coletiva. Existe uma emergência por uma nova consciência espiritual na humanidade. Isso decorre da necessidade de uma nova visão de mundo, de uma

cosmologia completamente diferente da cosmologia moderna relacionada com o paradigma tradicional, elaborada a partir de Newton, Copérnico, Galileu e Descartes (MORAES, 1997).

Alimentar a espiritualidade humana seria cuidar do seu espaço interior, no qual todas as coisas se ligam e religam. A espiritualidade é uma atitude que coloca a vida no seu centro, que celebra a vida, um modo de ser que propicia a vida, sua expansão e sua defesa. É uma espiritualidade que compreende a inexistência de um único caminho para chegar até Deus, de uma única verdade. Vários são os caminhos que levam ao Sagrado que existe dentro de cada um. Seria a práxis de uma espiritualidade que não tem pátria, nem religião, mas que está presente em todas as culturas sejam elas: oriental, ocidental, andina, mulçumana, africana ou outra qualquer (MORAES, 1997).

Iniciamos o século XX acreditando que o QI era a única medida definitiva da inteligência humana. Somente na década de 1990 ele foi redimensionado pela descoberta do QE, que seria um requisito básico para o bom uso do QI.

Em meados da década de 1990, popularizaram-se pesquisas realizadas por um grande número de neurocientistas e psicólogos demonstrando que QE reveste-se de igual importância tanto quanto o QI. O QE possibilita a percepção sobre os nossos sentimentos e os dos outros. Viabiliza empatia, compaixão, motivação e capacidade de reagir de forma honrosa à dor e ao prazer. De acordo com Goleman (1995), o QE constitui requisito básico para o emprego efetivo do QI.

A compreensão do significado de inteligência está ligada à sociedade e sua cultura, em que cada um tem seu ideal de inteligência. Gardner (2001) diz que os antigos gregos valorizavam quem ostentava agilidade física, racionalidade e um comportamento virtuoso. Os romanos focalizavam a coragem máscula. Os seguidores do Islã apreciavam o soldado santo. Influenciados por Confúcio, os chineses valorizavam tradicionalmente quem tinha dons para a poesia, música, caligrafia, arte de manejar o arco e o desenho. Hoje, na tribo Keres dos índios Pueblo, quem tem consideração pelos outros é altamente respeitado e considerado muito inteligente.

Nos últimos séculos, especialmente nas sociedades ocidentais, criou-se um ideal de pessoa inteligente. No entanto, as dimensões desse ideal mudam com o tempo e de acordo com o cenário que vivemos. Para Gardner (2001), em escolas tradicionais, inteligente era quem dominava as línguas clássicas e a matemática,

particularmente a geometria. No cenário empresarial, inteligente era quem previa oportunidades comerciais, assumia riscos calculados, construía uma organização, mantendo as contas equilibradas e os acionistas satisfeitos. No início do século XX, inteligente era a pessoa capaz de ser mandada para os confins de um império e executar ordens com eficiência.

Conforme Gardner (1993), numa visão tradicional, a inteligência é conceituada operacionalmente como a capacidade de responder o maior número de itens de testes de inteligência. Ela é um atributo ou faculdade inata do indivíduo. Para a Teoria das Múltiplas Inteligências, ela implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural.

Por intermédio das múltiplas inteligências, Gardner (2001) apresenta um conceito reformulado para hoje, reforçando a ideia de que é muito remota a possibilidade de os testes de inteligência ser abandonados, mas parte do princípio de que a inteligência é importante por demais para ser deixada nas mãos daqueles que a testam. Nos últimos cinquenta anos, nosso conhecimento sobre a mente e o cérebro humanos modificou-se fundamentalmente. Encontramo-nos então diante de um desafio: conservar as visões tradicionais de inteligência e de como deve ser mensurada ou conceber um modo diferente e melhor de conceituar o intelecto humano. Gardner (2001) adota esta última opção, afirmando que os seres humanos têm um leque de capacidades e potenciais, inteligências múltiplas que, tanto individualmente quanto em conjunto, pode ser usado de muitas formas produtivas. Inteligências múltiplas podem ser mobilizadas na escola, em casa, no trabalho ou na rua, isto é, nas várias instâncias da sociedade.

É possível que a grande tarefa para o novo milênio não seja apenas afirmar novas ou várias inteligências e como usá-las adequadamente, mas analisar como a inteligência e a ética podem trabalhar em conjunto e criar um mundo em que grande variedade de pessoas queira viver, pois uma sociedade dirigida por gente 'inteligente' também pode destruir a si mesma ou ao resto do mundo, na concepção de Gardner (2001).

Gardner (2001), em estudos recentes sobre as inteligências, mostrou que a existência de uma inteligência espiritual é ainda um pouco remota. A espiritualidade parece coerente com outras inteligências quanto à capacidade de pensar sobre questões cósmicas e existenciais, desde nossa existência e nosso papel no universo

até a natureza da vida, da morte, da felicidade e da tragédia. Na maioria das sociedades, os sistemas religiosos, míticos ou filosóficos organizados lidam com essas questões, mas as pessoas podem também desenvolver suas próprias estruturas existenciais ou espirituais. Esse mesmo autor afirma que ainda não está pronto para proclamar uma oitava inteligência, mas que está disposto a aceitar a hipótese de que existe uma inclinação para refletir sobre preocupações cósmicas ou existenciais importantes e que isso constitui uma capacidade intelectual humana bem característica.

Zohar (2000) diz que agora poderemos finalmente ter uma discussão completa acerca da inteligência humana, e isso será possível através do QS, que seria a inteligência com a qual poderemos colocar a vida em um contexto mais amplo, mais gerador de sentido. A partir dessa inteligência poderemos avaliar se tal caminho na vida faz mais sentido do que outro, ou seja, qual o sentido último e mais profundo da existência humana. Ele seria o alicerce para o funcionamento eficiente tanto do QI como do QE e das demais múltiplas inteligências defendidas por Gardner. Zohar (2000) afirma que o QS é a nossa inteligência mais profunda, a inteligência que extrai sentido, contextualiza e transforma nossas vidas, pois, ao contrário de máquinas, seres humanos são conscientes. Temos consciência de nossa experiência e consciência de que somos conscientes.

O QS permite que seres humanos sejam criativos, mudem as regras, alterem situações. Permite-nos trabalhar com limites, participar do 'jogo infinito'. O QS dá-nos capacidade de escolher. Dá-nos senso moral, a capacidade de temperar normas rígidas com compreensão e compaixão e igual capacidade de saber quando a compaixão e a compreensão chegaram a seus limites (ZOHAR, 2000, p. 19).

Segundo Zohar e Marshall (2000), o QS não mantém nenhuma conexão necessária com religião ou com uma religião específica, muito embora até hoje para nós ocidentais a maior expressão da espiritualidade como QS seja a religiosidade. O QS seria a inteligência profunda da alma, a voz que ecoa de dentro do ser humano.

O QS, da forma descrita aqui, é uma capacidade interna, inata, do cérebro e da psique humana, extraindo seus recursos mais profundos do âmago do próprio universo. É um instrumento desenvolvido ao longo de milhões de anos que habilita o cérebro a descobrir e usar sentido na solução de problemas (ZOHAR; MARSHALL, 2000, p. 23-4).

Emmos (2000) defende que o QS trata de um envolvimento existencial. Ele diz que essa inteligência é composta de três dimensões básicas: dos conteúdos e sentidos, da afetividade e do desenvolvimento da personalidade da pessoa ao longo da vida. Para ele espiritualidade é um construto teórico de grande riqueza e diversidade que desafia conceituações fáceis, mas de difícil identificação nas pessoas. A inteligência espiritual, nessa mesma linha de raciocínio, seria um conjunto de habilidades e competências que fazem parte do conhecimento adaptativo que o ser humano tem da realidade que o cerca. A espiritualidade seria a construção de uma base de conhecimentos e informações relacionada com o Sagrado. Ela seria formas de informação sobre o transcendente e o divino.

Conforme Gardner (1993), a inteligência espiritual será uma candidata razoável para uma oitava inteligência em sua Teoria das Múltiplas Inteligências, embora existam boas razões para considerá-la um amálgama, uma mistura ou liga da inteligência interpessoal ou intrapessoal com um componente de valor acrescentado. O que é espiritual depende sobremaneira dos valores culturais. Ao descrever as inteligências, se lida com capacidades que podem ser mobilizadas pelos valores de uma cultura. O desafio de descrever as inteligências é registrar um conceito de inteligência que reflita novas descobertas e compreensões e ainda resista a um exame atento.

Pode-se pensar na inteligência como uma fita elástica. Durante muitos anos ninguém questionou efetivamente seu conceito, e a fita parece ter perdido sua elasticidade. Algumas das novas ideias de inteligência esticaram a fita e renovaram sua existência. Até agora, o termo inteligência limitou-se à capacidade linguística e lógica. A nova concepção de inteligência seria então a capacidade humana de processar e de produzir informações. Porém, mesmo com tantos estudos atuais sobre inteligência, o conceito em si continua antigo (GARDNER, 1993).

É possível então, de acordo com a proposta da nova visão de mundo, entender o que seria inteligência de forma mais abrangente, mais holística, um conceito reformulado, compreendendo sobre a inteligência espiritual. Gardner (2001) afirma que esse conceito depende dos valores de uma cultura. Vivemos em uma época em que a ciência tem grande interesse em discutir e considerar esse componente do ser humano tão complexo e suas diversas inteligências, inclusive a espiritual. Conforme Zohar (2000), grandes cientistas, pesquisadores, professores já se debruçam em suas pesquisas e gasta tempo para melhor entender à inteligência

humana, voltados não somente para o intelecto, mas para todos os aspectos da vida. Essa autora diz que é difícil perder os velhos hábitos intelectuais. As categorias newtonianas de tempo, espaço, matéria e causalidade impregnaram tão profundamente na percepção das pessoas sobre a realidade que emprestam sua cor a todos os aspectos da forma de pensar sobre a vida, que não é fácil imaginar um mundo no qual de uma hora para outra haja uma troca de realidades de maneira abrupta. Compreendemos ser esse um processo demorado, porque requerem pesquisas, análises e, sobretudo abertura para o debate nos espaços acadêmicos.

Zohar (2000) afirma que o nascimento da ciência moderna foi precedido e acompanhado pelo desenvolvimento do pensamento filosófico que deu origem ao dualismo espírito/matéria. Esse pensamento veio à tona no século XVII com a filosofia de Descartes. A visão da natureza derivava de uma divisão em dois grandes reinos separados e independentes: o da mente e o da matéria. Esse pensamento acompanhava também a ideia de um Deus ditador, que lá das alturas governava o mundo, impondo-lhe a lei divina.

Se o mundo é visto há aproximadamente trezentos anos de forma fragmentada, compartimentada, o que poderemos dizer do ser humano, de sua religiosidade e sobretudo da sua espiritualidade? A era moderna é identificada por coisas tais como desmoronamento da família, da comunidade e da religião tradicional, perda ou falta de heróis, e estar povoada por jovens que tentam encontrar nessas coisas sentido para suas vidas. É uma época em que não há indicadores claros, regras claras, valores claros, qualquer maneira clara de crescimento e de responsabilidade. Segundo a concepção dessa autora, esse deserto espiritual surgiu como produto de um mundo mecânico, uma profunda exarcebação do intelecto humano. A cultura moderna é espiritualmente atrofiada, e isso não ocorre somente no Ocidente, mas também, cada vez mais frequentemente, em países asiáticos. Por espiritualmente atrofiada essa autora quer dizer que se perdeu o senso de valores fundamentais, isto é, preceitos ligados à terra e às estações, às horas que passam, aos instrumentos e rituais diários de nossa vida, ao corpo e às suas mudanças, ao sexo, ao trabalho e seus frutos, às etapas da vida e à morte como fim natural. Vive-se, usa-se e se vivencia apenas o imediato, o visível e o pragmático. Existe uma cegueira para os níveis mais profundos de símbolo e sentido em que estão inseridos os objetos, as atividades, um marco existencial mais amplo, que seria vivenciar uma espiritualidade (ZOHAR, 2000).

O mundo mecânico de Descartes e de Newton gerou na humanidade uma crise de sentido. E o que se entende por sentido? É o caminho que se considera seguir na existência humana, o reconhecimento de um propósito de vida. Para Zohar (2000), o que dá a justa medida para essa ação na vida é o espírito, é a vivência de uma espiritualidade que leve o ser humano a encontrar sentido e significado para sua vida. Nos últimos duzentos ou trezentos anos, os horizontes foram limitados ao meramente humano, e isso levou o ser humano a um autoegotismo. Conforme essa autora, um egótico é mais que um egoísta. Pessoas egoístas enxergam o próximo, mas, na maioria das vezes, escolhem a si próprias nas tomadas de decisões em variadas circunstâncias na vida. Egóticos sequer enxergam os outros, de tão obcecados que são por si mesmos. Têm um sentimento de valor exagerado pela própria personalidade. Esse sentimento impede a pessoa de buscar um sentido mais amplo para sua vida, ou seja, de buscar a vivência de uma espiritualidade.

A percepção de um universo orgânico vivo e espiritual foi substituída pela noção de mundo como se fosse uma máquina, e essa máquina tornou-se dominante na era moderna, trazendo consequências à vida do ser humano e à sua espiritualidade. Capra (1982) diz que nossa sociedade como um todo se encontra numa crise análoga e singular, diferente de todas as crises que já tivemos no passado. Isso pode ser notado diariamente em jornais como, por exemplo, elevadas taxas de desemprego, crise energética, crise na assistência à saúde, poluição, entre outros desastres ambientais, onda crescente de violências e crimes, além de um número devastador de pobres sem casa, sem teto, sem terra e com fome. Na concepção desse autor, tudo isso se resume em uma só crise: uma crise de percepção.

Quebramos a unidade do conhecimento e distribuimos os pedaços entre os especialistas. Aos cientistas demos a natureza; aos filósofos, a mente; aos artistas, o belo; aos teólogos, a alma. Não satisfeitos com essa divisão, fragmentamos a própria ciência, espalhando-a pelos domínios da matemática, física, química, biologia, medicina e de tantas outras disciplinas. O mesmo ocorreu com a filosofia, a arte e a religião. Cada um desses ramos foi sendo subdividido ao infinito (WEIL, 1991).

Esse distanciamento da espiritualidade na visão de Moraes (1997) se deu quando a técnica, ao servir de base para a Revolução Industrial, aumentou o poder de manipulação do ser humano sobre a natureza. Pouco a pouco, o divino

desapareceu completamente da visão científica do mundo. O Sagrado parece não mais habitar em lugares antes habitados. E isso se tornou característico da cultura em que vivemos.

Para Moraes (1997), esse fato acarretou também um pesado ônus que provocou uma significativa perda para a espécie humana em termos de sensibilidade, estética, sentimentos e valores, ao direcionar atenção e importância para tudo o que fosse mensurável e quantificável. Esse método foi insensível a valores. Esse déficit de valores se enraizou em nossa cultura e levou todos a um processo de alienação e a uma crise planetária de abrangência global. O ser humano alienou-se da natureza, do trabalho, de si mesmo e dos outros. E essa alienação o deixou dividido no conhecimento, dissociado em suas emoções e em seus afetos, com a mente técnica e o coração vazio, um vazio de propósitos, de caminho a seguir, um vazio de espiritualidade, ficando compartimentado no viver e se sentindo infeliz.

Não se trata de mais uma análise pessimista do mundo contemporâneo, mas apenas de uma visão de um ponto de partida de onde precisamos começar a procurar novas saídas, soluções geradoras de possíveis transformações, uma vez que se faz necessário um forte processo de renovação da humanidade. Falar em uma nova visão de mundo não significa desconsiderar totalmente a visão anterior, mas, sim, compreender a importância da utilização das ferramentas do paradigma emergente holístico nessa nova proposta de realidade de vida (MORAES, 1997).

Contextualizando o que Moraes (1997) afirma em relação à espiritualidade, entendemos que ela esteja se referindo à capacidade inerente ao ser humano de gerar sentidos e significados para sua vida. Portanto, essa espiritualidade diz respeito à vivência dessa capacidade, dessa inteligência. Nesta nova realidade a espiritualidade tem o seu lugar. Nessa nova forma de ver o mundo, abandonamos a racionalidade total e caminhamos ao encontro de nós mesmos nos reintegrando com o todo. A consciência dominante nesses momentos seria um reconhecimento significativo da unidade do ser humano com todas as coisas, ou seja, uma percepção de que pertencemos a um universo como um todo.

Temos como assertiva que o ser humano é dotado de uma inteligência espiritual e que diante disso emerge a necessidade de uma nova visão de mundo. Enfatizamos novamente que mediante esta pesquisa pretendemos demonstrar que o espaço acadêmico poderá ajudar o ser humano na construção desse caminho e na

sua forma de caminhar. Diante desse contexto histórico, a busca da espiritualidade genuína representará a busca do novo. A espiritualidade nos inspira a uma escuta para a vida e nos leva a interpretarmos e darmos significados para cada uma das crises existenciais pelas quais passamos.

O conceito de inteligência reformulado pela ciência nos leva à compreensão de que temos uma espiritualidade, e que ela é uma inteligência da vida que busca respostas e ajuda na resolução da crise sistêmica que vivem o mundo e a sociedade. Por apresentar essa possibilidade de desenvolver sentidos e significados para vida é que consideramos que esses conteúdos devem ser debatidos nos espaços acadêmicos.

1.3.2 Espiritualidade como Dimensão Humana

Como dimensão humana compreendemos ser a espiritualidade uma das partes de um todo na composição da pessoa (corpo, mente e espírito). Sabemos que, ao longo do paradigma da racionalidade, o corpo e a mente do ser humano foram muito evidenciados, pouco se dizendo ou escrevendo sobre o seu espírito como algo inerente ao seu ser, mas atribuindo este componente humano como uma dimensão superior, fora do próprio ser humano.

Oliveira (2001) informa que o entendimento de espírito não faz dualidade com a matéria, na medida em que ele é parte dela. Espírito é uma parte de Deus dentro de nós. O espírito é indicado como uma energia que sempre se move, realiza e produz algo. O espírito é um elemento da vida. Entendemos aqui que o ser humano carrega uma centelha divina dentro de si, que ele é imagem e semelhança de Deus. O espírito é um elemento vital no ser humano, a fonte de toda sua energia. Para esse autor, o espírito habita no ser humano e possui um trabalho regenerador com a atividade moral, fortalecendo seus princípios e indicando um caminho a ser seguido.

Weil (1979, p. 18) informa que o sentido original da palavra “espírito” no latim é *spiritus*, que significa “sopro”; no grego *pneuma*, ar; no hebraico *ruach*; e no sânscrito *atman*, essência da vida. O sentido comum de todos esses termos indica um mesmo sentido original em muitas tradições filosóficas e religiosas. Não somente

no Oriente, como também no Ocidente, é o “sopro da vida”. A partir dessa afirmativa, entendemos que o espírito está presente em todos os seres humanos.

Conforme Boff (1994), o espírito não é alguma coisa, mas um modo de ser. O modo de ser da liberdade. Quem é portador do espírito singular e único é o ser humano. Por isso, o ser humano é definido como um ser de liberdade e que, no exercício da liberdade, constrói o seu ser através de suas decisões, plasmando a existência. Essa visão mais originária do espírito como fonte, onde todos bebem como vida, como Deus, faz-nos entender a dimensão divina do ser humano, portador desse mistério que é a própria vida, como aquele que não só recebe a vida, mas cuida dela, expande-a e propaga-a. Boff (2008) destaca que por trás da palavra espírito oculta-se uma experiência originária que encontramos na arqueologia das grandes religiões e nos primórdios do pensamento filosófico, seja ocidental, seja oriental. O espírito é parte do ser humano em sua totalidade vital. Espírito é o nome para dizer a energia e a vitalidade de todas as manifestações humanas. Nesse sentido espírito não se opõe ao corpo, e sim à morte. A grande oposição não é entre espírito e matéria, mas entre vida e morte.

Weil (2005) afirma que para se vivenciar uma espiritualidade seria preciso entender como funciona o espírito humano. Não há como existir um sem o outro. Em decorrência disso, esse autor conceitua espírito como uma energia sutil, denominada de energia espiritual. Significa o princípio da vida, da consciência e do pensamento que existe em oposição à matéria. O termo está ligado aos valores e princípios éticos. O espírito seria então a inteligência mais importante do ser humano por ser aquela que o leva ao desenvolvimento de uma espiritualidade. Para Weil (2005), estar sintonizado com o espírito é perceber que uma liderança sutil está em ação. Com essa liderança, o espírito mantém a realidade unida. Seria a própria vivência da espiritualidade. O espírito é silencioso, por isso não pode competir com as vozes contenciosas ouvidas da mente.

O espírito então seria essa realidade viva. Através dele é que se manifesta a vivência da espiritualidade. Boff (1997) menciona que podemos dizer que o espírito é essa energia, essa fonte de onde tudo brota. No nível humano o espírito é a energia que chega ao seu momento consciente, reflexo e responsável. Segundo esse autor, espiritualidade seria internalizar essa dimensão e viver a partir dela. Produz vida porque é animada, continuamente, por essa realidade do espírito.

Segundo Capra (1982), a nova percepção da vida é uma compreensão sistêmica. Nisso, o interessante é poder compreender os processos vitais, o surgimento de uma nova ordem, que é a base da criatividade da vida. Vida é autoorganização. Portanto, o conceito de visão sistêmica de Capra afirma que há lugar para o espírito humano, com capacidade e dimensão de desenvolver uma espiritualidade.

Para Gardner (2001), falar do espírito como dimensão humana revela um quadro muito mais complexo, porque qualquer discussão sobre espírito é controverso nas ciências e em todo o meio acadêmico. A linguagem, a música, o espaço, a natureza e até a compreensão dos outros são comparativamente simples. Para a maioria das pessoas, não há um reconhecimento do espírito como se reconhece a mente e o corpo, e não se atribui o mesmo valor ontológico, de conhecimento de suas propriedades, ao transcendental ou ao espiritual que atribuímos ao matemático e ao musical.

Vivenciar uma espiritualidade significa viver segundo o espírito, ao sabor da dinâmica da vida. Trata-se de uma existência que se orienta na afirmação da vida, de sua defesa e de sua promoção, vida tomada em sua integridade, seja em sua exterioridade, como relação para com os outros, para com a sociedade e para com a natureza, seja em sua interioridade, como diálogo com o eu profundo (BOFF, 2008).

A espiritualidade, segundo essa nova visão da realidade, estaria diretamente ligada à vida cotidiana do ser humano. Seria geralmente compreendida como um modo de ser que decorre de uma profunda experiência da realidade, chamada de experiência mística, religiosa ou espiritual. A literatura das religiões no mundo inteiro dá numerosas descrições dessa experiência, e todas essas religiões tendem a concordar que se trata de uma experiência direta e não intelectual da realidade, dotada de algumas características fundamentais comuns a variados contextos históricos e culturais.

Capra (1982) afirma que a experiência espiritual é o resultado de que a mente e o corpo estão vivos numa unidade. Essa experiência da unidade transcende não só a separação entre mente e corpo, mas também a separação entre o eu e o mundo. Para esse autor todos estão interligados. Para ele, o ser humano não vive em compartimentos estanques separados. Essa separação é somente na mente. Vive-se uma interdependência o tempo todo e com todas as coisas. Nessa nova realidade, o ser humano perceberá que ele não está lançado em meio a um caos,

mas que ele faz parte de uma ordem maior, uma grande sintonia da vida. Nesse sentido, o corpo não morrerá, mas continuará perpetuamente vivo, pois a vida continua.

Para Gardner (2001), a espiritualidade reflete um desejo de saber sobre experiências e entidades cósmicas que não são prontamente apreendidas num sentido material, mas são importantes para os seres humanos. Ele ressalta que se nós humanos podemos fazê-lo com o mundo da natureza e que também podemos nos relacionar com o mundo sobrenatural. Esse relacionamento com o mundo sobrenatural de que esse autor referiu seria um dos tipos de espiritualidade. Outra forma de espiritualidade, para Gardner (2001), é que em algumas comunidades existe um consenso razoável sobre quem tem o *know-how* (conhecimento). Uns simplesmente têm mais facilidade que outros para meditar, entrar em transe, imaginar o transcendente ou estar em contato com os fenômenos psíquicos, espirituais ou intelectuais. É possível atingir uma espiritualidade através de um caminho tradicional, executando um conjunto de exercícios sugerido por um padre, um místico ou um guru. O interesse espiritual leva uma pessoa a um encontro com uma verdade mais profunda ou mais elevada. Para o autor, isso seria vivenciar uma espiritualidade. E ela só é possível de ser vivenciada porque o ser humano carrega dentro de si uma centelha viva, seu espírito, energia vital que permite essa vivência da espiritualidade.

Para Zohar (2000), a espiritualidade não mantém nenhuma conexão necessária com religião, pois numerosos humanistas e ateus possuem uma espiritualidade muito alta. A religião convencional é um conjunto de regras e crenças impostas às pessoas. Opera de cima para baixo. Foram herdadas por meio de sacerdotes, profetas, livros Sagrados ou absorvida através da família ou das tradições. Para Zohar (2000), a espiritualidade na forma de inteligência é uma capacidade interna, inata, do cérebro e da psique humana, que extrai seus recursos mais profundos do âmago do próprio universo. É um instrumento desenvolvido ao longo de milhões de anos que habilita o cérebro a descobrir e usar sentido na solução de problemas.

Para Gardner (2001), algumas pessoas podem ser consideradas espiritualizadas por causa do efeito que parecem causar nos outros, seja por suas atividades, seja por sua existência. Esse autor dá alguns exemplos de pessoas assim, entre elas, a Madre Teresa de Calcutá e o papa João Paulo XXIII, figuras

com forças espirituais que levam os outros a explorar questões cósmicas. Pessoas influenciadas por um indivíduo espiritual transmitem espiritualidade para os outros. Ele continua citando outros exemplos como Buda, Cristo e Confúcio tidos como possuidores de um amplo nível de consciência e uma ligação com o resto do mundo. Segundo esse autor, essa é uma perspectiva que motiva milhões de pessoas a viver uma espiritualidade a exemplo dessas figuras carismáticas.

Zohar (2000) defende essa dimensão humana que possibilita viver, vivenciar uma espiritualidade como inteligência espiritual, fazendo parte das demais inteligências que carrega o ser humano, sendo essa uma inteligência reinante, capaz de gerar sentido e criar significado para a vida, em que todo e qualquer ser humano tem acesso. Gardner enfatiza, porém, que essa é uma habilidade que alguns têm e outros não. Evidencia que, numa comunidade, em função do conhecimento, alguns irão se destacar nessa área, outros não.

A percepção sobre espiritualidade que mais se aproxima da concepção de Zohar trata-se de um pensamento holístico unificador é a de Boff (2008), que defende que a espiritualidade representa um verdadeiro projeto de vida da seguinte forma: viver a vida com ternura para com a sua própria vida; afirmar a vida dos outros humanos, em especial daqueles cuja vida é encurtada iniquamente; e apreciar a vida em todas as suas manifestações cósmicas, desde o primeiro movimento da matéria subatômica, que está cheia de energia e de intencionalidade, até as formas mais manifestas de vida vegetal e animal. Essa seria uma forma de espiritualidade mais abrangente que condiz com a percepção do novo paradigma.

Para Boff (1997) a espiritualidade é um projeto que coloca a centralidade da vida a partir daqueles que menos vida tem, ou seja, os que estão mais ameaçados em suas vidas e mais próximos da morte. Então, para esse autor, além de se viver uma espiritualidade para si, vive-se também uma espiritualidade para os outros, uma vez que todos em volta serão influenciados pelo modo de vida que se vive. Em decorrência disso, toda espiritualidade tem a dimensão ética de defender e expandir a vida, evocar e guardar a sua sacralidade, comprometendo-se a defender todo tipo de vida, porque tudo o que vive merece viver. Por isso pensar na espiritualidade como uma dimensão humana nos leva a compreender que o espírito está a serviço da vida e é essa inteligência que cria sentido e dá significados para a vida.

Diante disso, se a espiritualidade é defendida como uma dimensão humana, poderemos trabalhar seus aspectos no espaço acadêmico? Como poderemos expor

esses conteúdos em um espaço da educação que se apresenta, em muitos prismas, com diferentes propostas pedagógicas que não reconhecem a educação como um sistema aberto, nem o ser humano em sua multidimensionalidade, como indivíduo dotado de múltiplas inteligências, porque se trata de uma educação fechada, centralizada, respaldada apenas na pesquisa científica?

Em decorrência dessas questões e exigências do espaço acadêmico, no próximo tópico deste capítulo, apresentaremos algumas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas, nessas últimas duas décadas, por alguns cientistas de vários segmentos do conhecimento para confirmarmos a existência de um “ponto de Deus” no cérebro, e com isso a sinalização da existência de uma inteligência espiritual, dimensão inerente ao ser humano.

1.3.3 A Sinalização da Existência de uma Inteligência Espiritual

Muito se tem pesquisado sobre a inteligência espiritual do ser humano. Vários cientistas, teóricos e estudiosos têm investigado esse tema. Sabemos, contudo, que este ainda é um debate não muito preferido na academia, mas que tem, aos poucos, sido mencionado como uma proposta para desenvolver, transformar e integrar as pessoas que vivem e convivem no ambiente acadêmico, bem como levar essas pessoas a refletirem sobre uma nova proposta para a educação a partir dessa dimensão humana.

Começaremos aqui relatando o que pensam alguns psicólogos sobre o espírito e a espiritualidade, isto é, sobre algo que se aproxime do conceito que estamos chamando de inteligência espiritual. Iniciaremos com Jung (2000) por considerarmos relevante sua abordagem no que diz respeito à espiritualidade humana.

Jung (2000) não chega a descrevê-la como uma inteligência, mas dá respaldo para outros teóricos o fazerem, quando conceitua espírito pelo ângulo psicológico como aspecto dinâmico do inconsciente. Pode-se conceber o inconsciente como algo semelhante à água parada, um lago passivo, mas que também tem um aspecto dinâmico, de movimento, que age espontaneamente, por sua livre vontade e, por exemplo, compõe sonhos. Para esse autor, a composição de sonhos enquanto se

dorme é uma ação do espírito. Ele ressalta que o espírito contém um princípio psíquico espontâneo de movimento e atividade; que o espírito tem a qualidade de criar livremente imagens para além da nossa percepção sensorial; e que há uma manipulação autônoma e soberana dessas imagens. A tudo isso chama de espírito ou dinamismo do inconsciente. Para esse autor, quanto maior for o estado de consciência e quanto mais ela se desenvolve, mais nos apossamos de certos aspectos do espírito do inconsciente, atraindo-o para a esfera subjetiva, podendo vivenciar, assim, uma espiritualidade.

O inconsciente, na visão de Jung (2000), tem uma função prospectiva, transcendente, criativa, transformadora, religiosa e espiritual. Para esse autor, o sentimento religioso seria essencial ao ser humano, constituiria uma função natural e sua ausência deixaria a psique incompleta, comprometendo o seu equilíbrio. Ele afirmava que todos os pacientes adultos (com mais de 35 anos) que o procuravam tinham na raiz dos seus problemas uma questão religiosa, pois buscavam um significado para sua presença neste mundo. A psicologia de Jung teria então como objetivos não só a cura do sintoma e a adaptação da personalidade, mas, sobretudo, a transformação espiritual, a autorrealização e a experiência de plenitude do lado transcendental da vida.

Jung (2000), em suas pesquisas, mostrou que o desenvolvimento psicológico e de uma espiritualidade fazem parte do mesmo processo. Não existe, para ele, evolução psicológica sem o correspondente crescimento espiritual. Ele expôs ainda que esses dois caminhos geram o sentido ético da vida.

Gardner (2001), em suas investigações sobre a possibilidade de uma inteligência espiritual, diz que, para lidar com essa importante esfera da vida, é mais confortável falar de um potencial para refletir sobre questões cósmicas que pode ser motivado por dor, experiências estéticas, vivências pessoais fortes ou pela vida numa comunidade em que se destaquem o pensamento e as experiências espirituais. O autor diz que precisa ser sincero e admitir que às vezes fica alarmado com a perspectiva de ser confundido com fanáticos e charlatões que invocam a espiritualidade como se fosse uma verdade dada ou conhecida, quando, na realidade, é um fenômeno tremendamente complexo que exige uma análise cuidadosa e mais do que um toque de humildade.

Para Muller (2004), as pesquisas que ela tem feito sobre o tema demonstram que a busca da espiritualidade nos dias de hoje é mérito das exigências da vida

moderna, que, diante de tantas solicitações, distancia o ser humano de si mesmo. Entretanto ela reforça que a busca ao Sagrado e seus rituais sempre estiveram presentes também na vida do ser humano em diferentes épocas e culturas. Contudo, atualmente, há um interesse da ciência em discutir os temas espiritualidade e religiosidade, atitude até então não comum, já que a própria ciência havia estabelecido um distanciamento para a discussão de temas dessa origem. Essa aproximação, segundo a autora, é liderada pela física que, a partir da mecânica quântica, oferece um novo conceito de universo. Para ela, na área da psicologia, também havia um entendimento da espiritualidade como um comportamento primitivo, um estado regressivo, uma sublimação da sexualidade ou fuga. E quem dá um novo rumo a essa questão é a psicologia analítica de Jung, que reintroduziu a espiritualidade como aspecto integrante em todo o ser humano. Muller (2004) ressalta que a psicologia transpessoal, considerada a quarta força da psicologia, dá ênfase à dimensão espiritual do indivíduo, que a vê como uma finalidade do desenvolvimento humano.

A psicologia transpessoal estabeleceu um mapeamento mais abrangente da psique, incluindo os vários níveis de consciência. Essa compreensão incentiva o desenvolvimento progressivo e evolutivo da consciência em direção aos estados superiores e transcendentais. Ela tenta unir o conhecimento atual da ciência do Ocidente com a sabedoria do Oriente. Na visão de Muller (2004), tanto a psicologia analítica de Jung como a psicologia transpessoal consideram a experiência do Sagrado como intrinsecamente terapêutica e integradora. Assim, a psicologia já vem colaborando não só de aproximar o indivíduo da espiritualidade, mas inserir a dimensão de espiritualidade na visão de um ser humano integral.

A neurociência deu um grande salto ao descobrir que não há atividade intelectual, movimento da alma, delicadeza de sentimento, que não há o menor sopro do espírito que não corresponda a interações moleculares e que não dependa de uma química cerebral. Morin (1997) ressalta que devemos reconhecer como inseparáveis a unidade cérebro-espírito, de forma que nenhuma operação do espírito escape a uma atividade local e geral do cérebro, e que é preciso abandonar a ideia de que um fenômeno psíquico independe de um fenômeno biofísico. Para ele as duas coisas estão interligadas. O que afeta o espírito afeta o cérebro, e, através do cérebro, o organismo inteiro. Cérebro e espírito estão atados num único nó, impossível de ser desfeito, em volta do qual giram as visões do mundo, do homem e

do conhecimento. O espírito emerge do próprio desenvolvimento cerebral. É continuamente gerado e regenerado pela atividade cerebral que, por sua vez, é gerada e regenerada pela atividade de todo ser e na qual o espírito desempenha o seu papel ativo e organizador de produzir uma espiritualidade, o que seria o espírito em ação.

Morin (1997) afirma que o espírito não é nem uma emanção de um corpo nem um sopro que vem do alto, e sim a esfera das atividades cerebrais onde os processos computantes assumem formas de pensamento, linguagem, sentido e valor, e onde os fenômenos da consciência são atualizados, produzindo, assim, uma vivência de valores, princípios de uma ética natural, todos esses aspectos conduzindo a uma espiritualidade. O espírito é uma atividade pensante, não uma substância pensante que produz uma esfera espiritual. Daí a necessidade, para o conhecimento, de considerar também as coisas do espírito, que, apesar de não terem realidade material, não podem ser desligadas dos processos físicos, biológicos e cerebrais. Morin (1997), em suas pesquisas, desmistifica a ação do espírito, retirando o componente transcendental considerado por Zohar, Boff, Gardner, Jung e Weil. Dessa forma a psicologia vem colaborando não só para aproximar o indivíduo da espiritualidade, mas inserir a dimensão de espiritualidade na visão de um ser humano integral.

Os autores citados acima falaram sobre o tema espiritualidade de forma subjetiva e não muito concreta, pois se limitaram a discorrer sobre aspectos do domínio de cada um. Jung apresenta o espírito como o próprio inconsciente. Morin limita-se a falar somente no espírito sem fazer uma abordagem mais detalhada sobre a espiritualidade. Muller fala na espiritualidade atribuindo-lhe aspectos da psicologia transpessoal. Gardner acha complexo tratar nesse momento da espiritualidade como inteligência, assim, prefere falar de manifestações cósmicas.

Daqui em diante, apresentaremos o que os teóricos Dona Zohar e Yan Mashall afirmam e defendem sobre a espiritualidade como uma inteligência humana mediante diversas pesquisas que comprovam a sua existência. Zohar (2000) nos diz que existem provas científicas da existência da inteligência espiritual em estudos neurológicos, psicológicos e antropológicos, estudos sobre o pensamento humano e processos linguísticos.

Zohar (2000, p. 110) apresenta cientistas que por meio de suas pesquisas descobriram que o ser humano tem um “ponto de Deus” no cérebro, uma área nos

lobos temporais que faz a pessoa buscar um significado e valores para sua vida. Trata-se de uma área ligada à experiência espiritual. Tudo o que influencia a inteligência passa pelo cérebro e seus prolongamentos neurais. Uma organização neural permite ao ser humano realizar pensamento racional, lógico. A esse pensamento se dá o nome de QI. Outra organização neural permite realizar o pensamento associativo, afetado por hábitos, reconhecedor de padrões, emotivo. Este é o responsável pelo QE. Um terceiro grupo de organização neural permite o pensamento criativo, capaz de *insight*, formulador e revogador de regras, que é o pensamento com que se formulam e se transformam os tipos anteriores de pensamento, isto é, o QS, conforme Zohar (2000). A grande questão que enfrentaremos nos próximos anos é o forte paradigma do dominante QI. Como enxergar além do intelecto que temos uma inteligência muito maior? Como levar esses conteúdos e informações para a academia? Quais seriam então as principais pesquisas apresentadas sobre a comprovação da existência dessa inteligência espiritual?

Em princípios da década de 1990, tivemos a pesquisa realizada pelo neuropsicólogo Michael Persinger e, mais recente em 1997, pelo neurologista Vilaynu Ramachandran e sua equipe na Universidade da Califórnia, sobre a existência de um 'ponto divino' no cérebro humano. Esse centro espiritual interno localiza-se entre conexões neurais nos lobos temporais do cérebro. Em escaneamentos realizados com topografia de emissão de pósitrons, essas áreas se iluminam em todos os casos em que os pacientes de pesquisa participam da discussão de tópicos espirituais ou religiosos (ZOHAR; MARSHALL, 2000, p. 26).

As pessoas são tocadas por diversos temas que variam conforme a cultura. Se uma pessoa pesquisada fosse ocidental, responderia à menção da palavra "Deus" e às histórias ligadas aos personagens das religiões ocidentais. Quando eram colocado um budista e outros orientais, a mesma condição acontecia nos exames, ou seja, reagiam a símbolos que tinham sentido de Sagrado para eles. Assim, a espiritualidade está entrelaçada com a cultura.

Zohar e Mashall (2000) ressaltam que, quanto ao trabalho de Persinger, ele concentrou-se em experiências criadas por estímulo artificial dos lobos temporais. Em 1997, V.S. Ramachandran e seus colegas deram mais um passo ao ligarem o aumento da atividade nos lobos temporais a experiências espirituais. Descobriram os pesquisadores que quando indivíduos são expostos a palavras ou tópicos de

conversas evocativamente religiosas ou espirituais, a atividade em seus lobos temporais aumenta. Concluíram eles que talvez haja nos lobos temporais do ser humano maquinaria neural especializada ligada à religião ou referente ao Sagrado. Esses pesquisadores, segundo Zohar e Marshall, chegam à conclusão de que é possível existir no cérebro uma 'fiação' permanente ligada à questão do fenômeno da crença religiosa.

Os lobos temporais estão estreitamente ligados ao sistema límbico, o centro de emoções e memória do cérebro. Nesse sistema há duas partes importantes, a amígdala cortical, uma estrutura pequena em forma de noz no centro da área límbica, e o hipocampo, que é essencial para registrar experiência na memória. O trabalho de Persinger demonstrou que, quando esses centros são estimulados, ocorre aumento de atividade nos lobos temporais. Mesmo que a maioria das experiências espirituais dos lobos dure apenas alguns segundos, eles podem produzir uma forte e duradoura influência emocional por toda a vida. Neurobiólogos como Persinger e Ramachandran batizaram a área dos lobos temporais no cérebro ligado à experiência religiosa ou espiritual como o "ponto de Deus" no cérebro (ZOHAR; MARSHALL, 2000).

O trabalho de Ramachandran (neurologista) foi o primeiro a demonstrar que o espírito está ativo em todas as pessoas. "O Ponto de Deus" não dá a sustentação de prova da existência de Deus, mas assegura que o cérebro evoluiu para fazer as perguntas essenciais para a vida, e causa essa sensibilidade a sentido e a valores mais amplos para a vida. Não importando quem seja em que cultura esteja inserida, conclui-se que todos os seres humanos são detentores dessa capacidade divina (ZOHAR; MARSHALL, 2000).

Zohar (2000) explana sobre uma colega de Persinger, chamada Peggy Ann Wright. Essa pesquisadora estuda sobre o aumento de atividades nos lobos temporais e as chamadas experiências xamânicas. Essas experiências são viagens da alma a esferas distantes de experiência, com o objetivo de comunicar-se com o espírito de vivos e mortos e trazer conselhos sobre cura. O trabalho de Whight demonstrou também que toques rítmicos de tambor usados em uma enorme variedade de rituais espirituais excitam os lobos temporais e as áreas associadas ao sistema límbico.

A segunda pesquisa apontada por Zohar e Marshall (2000) fala do trabalho do neurologista austríaco Wolf Singer, também na década de 1990. Ela foi sobre o

problema da aglutinação, em que mostra que há um processo neural no cérebro dedicado a unificar e conferir sentido a todas as nossas experiências, um processo neural que literalmente as aglutina. Esse estudo responde por que o ser humano tem a necessidade de contextualizar, de rever a história e aglutinar os acontecimentos para deles tirar respostas para vida.

Até as pesquisas de Singer, só existiam duas formas de organização neural do cérebro. Uma delas são as conexões que constituem a base do QI, pensamento serial lógico que permite ao cérebro que siga regras. A outra pesquisa era a organização neural em rede. Essa constitui a base do QE, a inteligência ativada pela emoção, reconhecedora de padrões, formadora de hábitos. Essa pesquisa de Singer na unificação de oscilações neurais oferece a primeira luz no fundo do túnel de um terceiro tipo de pensamento, um terceiro modo de inteligência, que seria o pensamento unitivo. E sendo uma terceira forma de pensar, poderíamos dizer que é uma terceira maneira de inteligência.

Zohar e Marshall (2000) apresentam que o terceiro trabalho de pesquisa é de Terrance Deacon, neurologista, antropólogo e biólogo da Universidade de Harvard, que publicou recentemente novos trabalhos sobre as origens da linguagem humana. Demonstrou Deacon que a linguagem, exclusivamente humana e simbólica, é uma atividade centralizada em sentido que evoluiu juntamente com o rápido desenvolvimento dos lobos frontais do cérebro. É importante perceber que todo o programa de pesquisa de Deacon sobre a evolução da imaginação simbólica e seu consequente papel no cérebro e na evolução social é o que de fato dá sustentação à inteligência que Zohar e Marshall denominam de QS.

Para Zohar e Marshall (2000), a inteligência espiritual é utilizada para desenvolver o cérebro humano para ser mais criativo. Essa inteligência é usada constantemente para lidar com os problemas existenciais, problemas em que se sente em uma verdadeira armadilha. A inteligência espiritual gera um sentido profundo às lutas da vida. Ela seria a bússola na borda. Na teoria do caos, “borda” é a linha entre a ordem e o caos, entre se saber o que se quer fazer e estar inteiramente perdido. A inteligência espiritual seria o guia mestre na borda, seria a consciência.

Questiona Zohar (2000): será o “ponto de Deus” apenas um truque neurológico feito conosco pela natureza? Por que a crença humana em Deus é de alguma maneira útil à natureza ou à sociedade? Teriam rituais e símbolos surgidos,

poesia sido escrita, vidas dedicadas a causas, guerras travadas e catedrais construídas durante milhares de anos apenas por causa de uma atividade elétrica aberrante em algumas partes do corpo? Será que a conversão de São Paulo na estrada de Damasco nada mais é do que efeito colateral de um ataque epilético? Será o “ponto de Deus” um componente fundamental de nossa inteligência espiritual mais vasta, e a atividade dos lobos temporais apenas a maneira de a natureza permitir que o cérebro desempenhe um papel em nosso conhecimento mais profundo de que nós mesmos e no universo em volta? Defendemos que esta hipótese para Zohar de que carregamos dentro de nós uma centelha divina seja a mais provável.

Os diversos questionamentos feitos por Zohar levam a uma profunda reflexão de que a descoberta do “ponto de Deus” no cérebro não desbanca as inúmeras crenças e credibilidades em algo maior, mas que seria capaz de assegurar que esse “ponto de Deus” no ser humano faz parte de sua inteligência espiritual mais vasta com componentes dentro e também fora desse ser.

Concluindo este capítulo, chegamos ao entendimento de que a inteligência espiritual insere nossas atitudes e vivências em um contexto de significados e valor, dando um caráter mais consistente a eles. Ter um nível mais elevado de QS torna o ser humano apto a ter uma existência mais plena de significado. Dessa forma, a inteligência espiritual implica em se ter o poder de acreditar que essa dimensão humana existe, amplia a fé e é capaz de despertar a consciência sobre todas as questões da vida. Quanto maior for à consciência da presença divina, mais o ser humano vivencia e se relaciona com o Sagrado, que é o seu combustível para estimular a seguir sempre adiante. Por meio dessa habilidade o ser humano é capaz de transcender os desafios da jornada e resolver as questões de significado e valor da vida.

Esta inteligência, conforme os teóricos citados neste capítulo está vinculada à carência humana de finalidade, senso de imortalidade, senso do povir, do olhar além e de decifrar o sentido da vida. Essa ideia é bem vasta e vem sendo ainda mais aperfeiçoada ao longo dos anos pelos pesquisadores, que englobam temas como: o propósito da existência; o desenvolvimento de virtudes; a aposta na fé e na esperança como instrumentos para enfrentar os obstáculos da caminhada; a esfera metafísica e espiritual do ser humano; a compreensão do significado da genuína

liberdade, a qual se desdobra no perímetro estabelecido por normas éticas e morais; os valores não adquiridos por recursos materiais, entre outras tantas questões.

Conforme os teóricos pesquisados, é importante percebermos que a inteligência espiritual pode ser ampliada de acordo com as formas de o ser humano se relacionar com a consciência do Criador. Até princípios do século XX, o QI era o único elemento oficialmente aceito pelos meios científicos para a aferição da inteligência do ser humano. Os anos 1990 foram marcados, por sua vez, pelo aparecimento do QE, que já revelava a insuficiência do fator intelectual, pois nada podia definir sem a contribuição da dimensão do campo emocional. O século XXI desperta para a realidade da inteligência espiritual, sem a qual não se pode compreender verdadeiramente a vida humana. Vários setores da sociedade começam a se interessar por esse novo conceito de inteligência, pelo despertar da consciência nas pessoas, visando aprimorar esta esfera humana, para que assim o ser humano possa encontrar em suas tarefas profissionais um maior significado existencial.

Se a ciência apresenta pesquisas sobre a existência de um “ponto de Deus” no cérebro humano, mostra a possibilidade de esse ponto estar diretamente ligado a essa dimensão humana que estamos descrevendo, ou seja, a inteligência espiritual. Devemos sugerir para serem integrados ao espaço acadêmico conteúdos como o despertar da consciência das pessoas sobre esta realidade, a espiritualidade como dimensão integradora da pessoa e como apresentar a religião como um dos caminhos que possibilitará esta vivência do despertar da consciência. Tais aspectos serão desenvolvidos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II: INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA

Apresentamos até aqui uma contextualização sociocultural, caminhando pelo paradigma da racionalidade até a chegada dos novos paradigmas, isto é, da visão sistêmica, da complexidade, do paradigma holístico, demonstrando o real papel da espiritualidade como uma dimensão humana capaz de integrar o ser humano, distanciando-o do paradigma da separatividade e das normoses existentes na sociedade atual.

Expomos as dificuldades do espaço acadêmico em aceitar essa possibilidade e a causa de algumas amarras do sistema educacional, de estar inclusive ligado às normoses desse sistema. Este capítulo tem por objetivo demonstrar alguns caminhos de como a inteligência espiritual se manifesta e como pode possibilitar uma percepção integradora para a vida. Sugerimos também que a religião pode ser um dos caminhos que ajudam e reforçam a prática integradora da pessoa, auxiliando-a a dar sentido à realidade que a circunda e que o espaço acadêmico poderá também estar incluído como possibilidade de caminhos.

2.1 A VIVÊNCIA DA INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA

Vamos primeiramente abordar sobre o estado de consciência. Mediante esse conhecimento, pretendemos identificar como compreender e vivenciar a inteligência espiritual. Então, o que significa consciência? Alguns teóricos dizem ser a consciência um sentimento ou um conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou apreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior, ou melhor, um sentido ou uma percepção que o ser humano possui do que é moralmente certo ou errado em atos e motivos individuais. Para Weil (2003 p. 70),

A consciência é o que há de mais importante dentro de nós, pois é ela que nos permite e favorece o contato com a realidade. Ela tem o poder extraordinário de nos ligar a verdades muito diferentes das percebidas em atividades corriqueiras, reservando surpresas.

O ser humano não é apenas um ser físico ou psíquico. Antes de tudo, é um ser cósmico. Weil (2003) classifica como estados de consciência do ser humano vigília, sonho, sono e transpessoal. Ele afirma que o estado em que a maioria se encontra é adormecido, o suposto estado de vigília. As pessoas não conseguem visualizar em suas mentes nada além de suas realidades. Consequentemente se perdem em meio a representações do mundo totalmente pequenas e limitadas. E essa limitação leva o ser humano a viver em seu próprio inferno.

Compreendemos que temos de nos despertar para o todo, sair da ilusão da separatividade gerada pelo ego, nos integrar ao universo, respirar e nos centrar no momento presente, tendo essa dimensão divina na vida, a consciência. O presente é nossa única certeza. Ele é a realidade que nos fortalece e nos dá segurança para existirmos inteiramente. Quando vamos tornando mais claro esse tipo de consciência, esses momentos de integração vão ficando mais frequentes, até que não há mais separatividade.

O despertar no aqui e agora é a porta de entrada para alcançarmos uma consciência mais ampla. Esse é o acordar pleno, um estado permanente de consciência própria dos grandes místicos, santos e mestres. Porém esse estado, em cada cultura, religião ou crença, recebe um nome específico: na cultura africana, *Bangré*; no Judaísmo; *Deveculth*; no Zen, *Satori*; no Budismo, Nirvana; no Hinduísmo, *Samadhi*; e no Cristianismo, reino dos céus (WEIL, 2003).

Aceitar e viver a realidade é, sobretudo estar presente. Weil (2003) diz que estar consciente favorece ao ser humano o contato com a realidade e a enxergar verdades que não conseguia antes desse estado de consciência. É preciso possuir uma extensa consciência de que o momento presente é tudo que temos e deverá ser o foco principal da vida. As coisas são como são; isso é a realidade. O que quer que o momento atual contenha, devemos aceitá-lo como escolha nossa. Devemos trabalhar a favor e não contra essa consciência porque isso transformará nossa vida.

Estar consciente é estar presente, observando o que acontece dentro e fora de nós, e o melhor indicador do nível de consciência é a maneira como lidamos com os desafios da vida. Essa percepção só será possível se a pessoa tomar consciência sobre a existência de uma dimensão humana presente em si mesmo, sua inteligência espiritual. Para ter consciência da realidade é fundamental ter certo grau de maturidade. No processo de aprendizagem do estar consciente, vamos

compreendendo alguns aspectos sobre a vida, pois ter consciência nem sempre é simples, uma vez que a realidade pode romper as expectativas pessoais.

Somente quando observamos a realidade como ela é somos conscientes de fato, pois ter consciência sobre algo é conhecer a verdade sobre os fatos que envolvem a nossa vida e nos permitem tomar decisões mais efetivas e conectar-nos com a felicidade. Assumir uma realidade é tomar consciência dela. Entende-se como realidade olhar para a vida conforme ela é, sem rodeios nem maquiagens. É estar presente. Significa querer conhecer de fato tudo que envolve a vida, as oportunidades e riscos, as pessoas que acolhem e aquelas que repelem.

Zohar (2000) ressalta que o estado de consciência é um dos critérios mais importantes da inteligência espiritual elevada, mas também uma das prioridades mais baixas da cultura espiritualmente embotada que vivemos. Desde os primeiros dias da escola, as crianças são treinadas para olhar para fora, a focalizar os fatos e problemas práticos do mundo externo, a se orientar por metas. Nada na cultura ocidental, com exceção das escolas e universidades confucionais, são aquelas ligadas a uma religião ou tradição, nos encoraja a refletir sobre nós mesmos, nossa vida interior, nossos motivos. O que de fato tem sentido e significado para a vida. Para essa autora, desenvolver maior consciência é de alta prioridade para elevar a inteligência espiritual.

A consciência é uma lei moral interior. É uma pequena voz interior que gera calma e paz, contrária ao ego, que, para a psicologia, é uma instância psíquica por meio da qual o indivíduo se reconhece como “eu” e tem consciência da sua própria identidade.

Para a Psicanálise Freudiana, o ego é o equilíbrio que permite que o ser humano possa satisfazer as suas necessidades de acordo com parâmetros sociais. O ego se concentra na sobrevivência, nos prazeres e no crescimento do ser humano excluindo todos os outros e é egoisticamente ambicioso. Já a consciência democratiza e eleva o ego, levando-o a um sentimento mais amplo de grupo, de todo, de comunidade, de maior bem. Vê a vida em termos de servir e contribuir, estar atento à segurança e à realização dos outros. O ego funciona quando nos deparamos com a autêntica crise, mas não temos discernimento para decidirmos qual a gravidade da crise ou da ameaça. O ego não pode dormir. Microgerencia tudo. Tira nossa autonomia. Reduz nossa capacidade de análise. A consciência respeita profundamente as pessoas e reconhece seu potencial de autocontrole. Ela

nos fortalece. Reflete o mérito e o valor de todas as pessoas e afirma sua capacidade e sua liberdade para escolher. A consciência nos ensina que os fins e os meios são inseparáveis, que os fins na verdade são anteriores aos meios. É a consciência que constantemente nos diz o valor dos fins e dos meios e como eles são inseparáveis. E é o ego que nos diz que os fins justificam os meios, esquecendo que um fim meritório nunca poderá ser atingido por meios desprezíveis. Quando as pessoas lutam para viver de acordo com a sua consciência, obtêm integridade e paz de espírito (COVEY, 2005).

A consciência é uma propriedade que emerge com o cérebro, ou possivelmente com a vida. Nós seres humanos somos filhos da vida neste Planeta. Portanto, não somos apenas nossos neurônios ou nosso limitado eu. Nossa consciência, ou pelo menos algum aspecto de nossa inteligência, inclui-se em uma história muito mais importante, a inteligência transcendente. Ela é o que denominamos de inteligência espiritual, ou seja, uma inteligência que nos radica fora de nós mesmos, na corrente mais ampla da vida.

A transcendência como propriedade do QS é naturalmente uma perspectiva atrativa. Significa que um aspecto essencial da inteligência humana nos dá acesso ao fundamento do ser, às leis e a princípios primordiais da existência. Exatamente como pensadores hindus e budistas sempre pensaram, a consciência tem origem no próprio núcleo das coisas. A inteligência espiritual transcende o próprio ego.

Contudo, de onde irrompe a consciência? A consciência nasce no cérebro. O cérebro é uma estrutura física do corpo humano capaz de gerar consciência plenamente desenvolvida. Seres humanos conscientes têm raízes na origem do próprio universo. Nossa consciência é um fenômeno particularmente unificado. Não estamos sós nem isolados no contexto das inteligências. Há um contexto mais amplo de sentido e valor no qual podemos inserir a experiência humana (ZOHAR, 2000).

A consciência é a pedra de toque de um ser humano inteligente. A capacidade de controlar sentimentos é fundamental para o discernimento e para a compreensão de si e da vida. A incapacidade de observar nossos verdadeiros sentimentos nos deixa à mercê deles. As pessoas mais seguras de seus próprios sentimentos são os melhores pilotos de suas vidas, tendo uma consciência maior de como se sentem em relação a decisões pessoais, desde com quem se casar a qual emprego aceitar. A consciência tem por objetivo reconhecer sentimentos e montar

um vocabulário para ver as ligações entre pensamentos, sentimentos e reações; saber se são os pensamentos ou os sentimentos que governam uma decisão; e avaliar as consequências de opções alternativas. A consciência também se dá no reconhecimento de nossas forças e fraquezas, na possibilidade de vermos uma luz positiva, mas realista, evitando com isso armadilhas comuns da própria vida (GOLEMAM, 1995).

A vivência da inteligência espiritual é o que favorece o despertar da consciência. Somente a partir da espiritualidade é que perceberemos e compreenderemos esse caminho. Para Moraes (1997), a espiritualidade favorece a compreensão de que estamos numa viagem individual, e ao mesmo tempo coletiva. Somos levados por ela a uma consciência de fraternidade e de solidariedade mais acentuada com os outros seres vivos. Nela existe uma compreensão de que a nossa evolução é e será sempre em conjunto com outros seres e que a harmonia, a paz e a felicidade tão almejadas pelas pessoas dependem de uma mudança de mentalidade não apenas individual, mas também coletiva.

Parece existir uma emergência por uma nova consciência espiritual na humanidade. Segundo Moraes (1997), alimentar a espiritualidade seria cuidar do espaço interior humano, no qual todas as coisas se ligam e religam. A espiritualidade é a vivência da inteligência espiritual. É o despertar da consciência que coloca a vida no seu centro, que celebra a vida, um modo de ser que propicia a vida, sua expansão e sua defesa.

Moraes (1997) relata sobre uma espiritualidade que compreende a inexistência de um único caminho para chegar até Deus, de uma única verdade. Vários são os caminhos que levam ao Sagrado que existe dentro de cada um. Seria a práxis de uma espiritualidade que não tem pátria, nem religião, mas que está presente em todas as culturas seja ela oriental, ocidental, andina, mulçumana, africana ou outra qualquer. A prática dessa espiritualidade seria o QS em exercício, possibilitando esse despertar da consciência com a capacidade de orientar e gerir a própria vida, decidindo o caminho a seguir e o foco de direção à vida.

Se a vivência da espiritualidade é a porta aberta para o despertar da consciência, como é possível a partir dessa experiência a pessoa viver de forma integral e íntegra? Como essa vivência espiritual ajudará a pessoa a desenvolver atitudes integradoras de forma que ela possa compreender e crescer em todas as suas dimensões de ser humano como, por exemplo, intelectual, social, emocional e

espiritualmente? No próximo tópico deste capítulo abordaremos a vivência da espiritualidade como dimensão integradora da pessoa. A pessoa a que nos referimos está inserida em todos os espaços que compõem a sociedade, onde o espaço acadêmico, objeto de estudo desta pesquisa, é um deles. Essa pessoa vive a partir de uma perspectiva mecanicista e normótica, seguindo os padrões da sociedade atual, alimentada pela ciência tradicional, fragilizada em seu meio, robotizada em um mundo contemporâneo que usa ambiguidades, sem viver e manter um estado de presença.

2.2 A VIVÊNCIA DA INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL COMO DIMENSÃO INTEGRADORA DA PESSOA

A pessoa, neste estudo, são os indivíduos que ainda não identificaram e/ou desenvolveram sua inteligência espiritual e estão inseridos em todos os espaços da sociedade contemporânea, presas em um mundo de ilusão, cegas pelas normoses que fazem parte de seu viver diário, sem ao menos perceberem o que se passa com eles mesmos. Estão comprometidos com as suas relações, muita competitividade no trabalho, sem uma busca interior e doentes físicas e emocionalmente, pois não atentaram para o ver que antecede ao conhecer. Precisam resgatar uma visão clara. Precisam mudar o olhar. A tarefa então a fazer é afastar a ignorância da normose, abrir portas, construir pontes da sabedoria, sem negar nossa realidade atual, cheia de imperfeições, e demonstrar uma vivência e uma possibilidade de olhar diferenciadas.

Como vivência entendemos ser a dimensão do viver diário, a convivência, a inteligência espiritual, para orientar a vida, direcionando as escolhas, ajudando no caminhar, orientando o caminho da vocação a ser tomado como bússola e norte. Trazendo em si respostas às grandes questões da existência que nos fazemos todos os dias: de onde viemos? Qual a nossa origem no tempo? Que extensão tem a história da qual somos parte? Por quanto tempo duramos?

Todas as civilizações documentadas na história possuem uma versão própria da história da criação, uma história que procura responder às perguntas apresentadas acima. Numerosos antropólogos notaram a repetição de temas

importantes nas histórias contadas por povos diferentes, como se a consciência em si tivesse contado sua história através da voz de muitas civilizações.

Nesta pesquisa o nosso olhar está voltado para as culturas ocidentais, onde estamos convivendo com todas as influências recebidas de um mundo mecânico, compartimentalizado e normótico, sem termos uma direção, um centro fortalecedor ao qual possamos lançar mão. Vivemos uma verdadeira fragmentação, uma fantasia. Pessoas estão correndo sempre sem saberem para onde nem para quê.

Zohar (2000, p. 172) descreve a moderna cultura ocidental como uma cultura de “centro ausente”. Na física newtoniana não há um centro particular do cosmo. Na medicina ocidental, o corpo não tem um centro vital ou uma integridade unificadora. O corpo humano é simplesmente um conjunto de partes: coração, pulmão, rins, cérebro etc. E essas partes são todas estudadas isoladamente. Na educação ocidental falta um sentido mais significativo, pois ensinamos matérias: matemática, geografia, inglês, química, física.

Nas religiões tradicionais do ocidente, Deus é simplesmente algo que está longe em relação a nós. A espiritualidade é tratada como uma dimensão apenas para ser utilizada na religião que tem o seu monopólio, não tendo as pessoas o devido esclarecimento que se trata de uma dimensão para ser desperta em todas as áreas da vida humana.

A psicologia ocidental também não possui um centro. Somos apenas combinações de traços de personalidade e motivos inconscientes, um conjunto de características comportamentais, um feixe de tendências genéticas, uma série de atividades neurais. Somos produto dessa fragmentação presente em todas as áreas da vida, uma verdadeira “fantasia da separatividade”. Dessa forma, identificar essa dimensão presente em nós seria um grande trabalho de busca interior e de autopercepção.

Zohar (2000) relata que a ciência dessa dimensão espiritual integradora do ser humano é um conhecimento do eu, de Deus, o Criador, e do universo criado. A consciência de um eu e de um centro profundo não se restringe a místicos e filósofos. O centro do eu é como um local de quietude e singularidade. É uma fonte inerente a nós, repleta e inesgotável em si mesma, o âmago de alguma realidade mais ampla, talvez sagrada ou divina. É simultaneamente aquilo que nos alimenta e mediante a qual alimentamos nossa criatividade. Esse centro seria a inteligência

espiritual desperta e presente na pessoa, de forma integradora, capaz de orientar o caminhar da vida como uma verdadeira bússola.

O que queremos da vida, nossos sonhos, nossos motivos, nossas intenções ou finalidades para que vivemos constituem um tipo profundo de energia psíquica. Impulsionam potencialidades do centro do eu para a superfície. Somos movidos a partir de nossas necessidades, condicionados por motivos, e agimos no mundo e sobre o mundo para satisfazer essas necessidades. De algumas coisas temos conhecimento como, por exemplo, sei que quero cuidar bem de meus filhos, sei que quero escrever livros, sei que quero ganhar dinheiro suficiente para manter o estilo de vida que desejo. São os motivos básicos do centro do eu que nos levam a procurar sentido, inteireza e integridade para desenvolver e transformar o curso da vida. Nesses motivos precisamos prestar muita atenção e direcioná-los, porque em uma cultura espiritualmente embotada, pode ocorrer uma distorção dos motivos (ZOHAR, 2000).

As pressões sociais e econômicas que nos cercam levam-nos a confundir o que queremos com o que de fato necessitamos. Insistem conosco para querermos mais do que precisamos. As medidas usadas pela cultura para medir sucesso faz a pessoa querer mais propriedades, mais dinheiro, mais poder. Um exemplo claro disso é o fato de existirem tantas pessoas obesas no Ocidente. A obesidade é uma das doenças espirituais mais comuns provocadas por motivações distorcidas. Come-se para encher um vazio que se recusa a ir embora. A inteligência espiritual, então, requer que reflitamos mais sobre o que pensamos que realmente queremos como uma referência mais ampla de nossas motivações e finalidades básicas na vida. Andamos com uma bagagem grande demais. Preocupamo-nos demais com forma e aparência e muito pouco com o que importa realmente (ZOHAR, 2000).

Essa distorção dos reais motivos que nos movem leva-nos ao desespero. A ansiedade é a doença da morte. Afligirmo-nos demasiadamente é a forma final de abdicar da vida, uma espécie de ato contínuo de quase suicídio. O indivíduo desesperado desiste. Não consegue encontrar sentido e significado para a vida, porque não tem a atenção devida ao que de mais essencial lhe move. Estar consciente sobre a sua realidade é uma forma de minimizar o sofrimento. É necessário reforçar aqui a necessidade da identificação de nossos verdadeiros motivos, e isso só será possível se tivermos um centro ao qual possamos lançar mão, ou seja, se estivermos olhando uma forma diferente de viver.

Goleman (2014) chama de “leme interno” essa forma diferenciada de viver. Ele conta uma história sobre um menino que não tinha interesse em estudar durante o ensino médio. Quase nem se formou. Criado num sítio nos arredores da cidade passava muito tempo sozinho, lendo ficção científica e tendo como paixão mexer em potentes carros antigos. Na semana anterior à sua formatura, um carro muito veloz passou por trás dele, quando estava entrando na garagem de sua casa, e destruiu seu carro esportivo.

O menino quase morreu. Recuperado, entrou para a faculdade comunitária local onde descobriu uma vocação para fazer cinema, o que o fez focar sua atenção e mobilizar seus talentos criativos. Assim, transferiu-se para uma faculdade de cinema. Como projeto de final de curso fez um filme que chamou a atenção de um diretor de Hollywood que o contratou como assistente. Produziu o filme sozinho. Ficou sem dinheiro. Correu atrás de empréstimos, mas todos os bancos negaram. No entanto, um empréstimo, no último minuto no décimo banco ao qual ele implorou, salvou o projeto. Todo mundo que conhecia a indústria do cinema aconselhava George Lucas a não continuar o filme sozinho, uma vez que uma decisão dessas exige imensa autoconfiança nos próprios valores. Todavia, sua insistência e a certeza do caminho da vocação o mantiveram no controle de seu caminho. O filme era “Guerra nas estrelas”, que se tornou um sucesso e fenômeno mundial de cultura popular.

O segredo intrínseco nesse exemplo é o que Goleman chama de autoconsciência, e Zohar denomina de inteligência espiritual. É a precisão para decodificar a voz interior dos murmúrios do corpo. O cérebro armazena nosso mais profundo senso de propósito sentido para a vida nas regiões subcorticais, áreas pouco conectadas com as áreas verbais do neocórtex, ricamente ligadas à intuição. Esse ‘radar interno’ é a chave para administrarmos o que fazemos (GOLEMAN, 2014).

Quando estamos desconectados dos motivos que nos movem, do centro que nos impulsiona, temos uma visão embotada sobre a vida, o mundo e as coisas. Por essa visão distorcida, por cooperar com uma fragmentação nessa vivência, acontecem algumas consequências na vida da pessoa que assim procede, principalmente em sua saúde, quando não está devidamente conectado com essa fonte de vida, que é sua inteligência espiritual.

Para Zohar (2000), umas das maneiras mais comuns através das quais indivíduos carentes de sentido procuram inteireza, é a obsessão pela saúde. Em vista disso, apegamo-nos a todas as novas modas sobre saúde, dietas de vitaminas e regimes de aptidão física que podemos incluir em nossa vida ocupada. A medicina moderna é extremamente newtoniana. Considera o corpo como um mecanismo, uma máquina genética bem lubrificada. Vê a doença como algo a ser erradicado ou curado e o envelhecimento e a morte como falhas ou inimigas do sistema.

A falta de sentido na vida causa em algumas pessoas doenças de sentido. Alguns médicos e terapeutas profissionais começam a enxergar com novos olhos essas doenças. Eles consideram esses aspectos como um grito do corpo e da pessoa, pedindo atenção para alguma coisa em sua vida que, se deixada a si mesma, resultará em dano irreversível, sofrimento físico, emocional e espiritual duradouro até a morte.

De acordo com Zohar (2000), grande parte do sofrimento humano, e mesmo de estados físicos crônicos, consiste em doenças de sentido. O câncer, as doenças cardíacas, o mal de *Alzheimer* e outros tipos de demência que podem ser precedidas por depressão, fadiga, alcoolismo ou abuso de drogas seriam provas da crise de falta de sentido, da falta da existência de um centro, levada às próprias células do corpo.

Sabemos que, ao longo do tempo, a medicina não tinha o formato que temos hoje no mundo ocidental. A cura era praticada por curandeiros populares, guiados pela sabedoria tradicional, que concebiam a doença como distúrbio da pessoa, que envolvia seu corpo e sua mente. Uma pessoa espiritualmente inteligente verá a saúde dessa forma. Hoje temos realidades que se aproximam muito da visão dos místicos e de numerosas culturas tradicionais, em que o conhecimento da mente e do corpo humano e a prática de métodos de cura são partes integrantes da filosofia natural e da disciplina espiritual. Como exemplo disso tem a figura do Xamã, que é uma pessoa capaz de ingressar num estado incomum de consciência, a fim de estabelecer contato com o mundo dos espíritos para o benefício dos membros da sua comunidade.

O Xamã é usualmente um líder religioso e político, além de médico. É, portanto, uma figura muito poderosa e carismática. Nesse contexto, a cura não se separa da vida espiritual. A característica predominante na concepção xamanística de doença é a crença de que os seres humanos são partes integrantes de um

sistema ordenado em que toda doença é consequência de alguma desarmonia em relação à ordem cósmica e espiritual (CAPRA, 1982).

O propósito do reconhecimento de que a inteligência espiritual é inerente ao ser humano, é compreender que ela aumenta os horizontes das pessoas, tornando-as mais criativas, além de gerar um significado para a vida. A inteligência espiritual se mantém presente quando se percebe que essa pessoa busca um sentido para sua vida, ao fazer perguntas como: o que significa minha vida? O que significa meu trabalho? Duas das dez principais situações de morte no mundo ocidental são o suicídio e o alcoolismo, causas relacionadas com esse tipo de crise de sentido, oriunda da falta de definição de um centro norteador e integrador.

A falta um centro unificador, que seria a inteligência capaz de nos orientar seguramente, promove uma ausência de ordem interna, aquilo que possibilitaria a vivência da inteligência espiritual, integração de todo o ser. O indivíduo pode ter grande sorte de descobrir cedo um autêntico caminho, como tornar-se médico, professor, advogado, padre e pastor. Se isso acontecer, ele estará agindo a partir do centro, das motivações mais marcantes de sua vida e tomando um caminho espiritualmente inteligente. Entretanto, com grande frequência, existe uma pressão para se comprometer logo com um caminho e em seguida nele persistir.

A tendência da cultura ocidental leva muitos jovens a ignorar a riqueza de caminhos que se abrem diante deles ou a seguir uma rota que careça de inteligência espiritual. Talvez em função disso seja forçado a uma escolha precipitada de uma trilha para corresponder às expectativas dos pais ou da sociedade. Alguns seguem uma estrada simplesmente porque as circunstâncias o levaram até ela, e não sabem como deixá-la. Outros ainda acham que não há nenhum caminho, pois estão submersos em um grande sono e são facilmente levados pela maioria (ZOHAR, 2000).

Ter consciência de que tal vida é possível, fazer melhores escolhas, estar presente, sair da inconsciência, constitui o primeiro passo na elevação da inteligência espiritual. Compreender que muitas são as possibilidades de rotas e que, no curso da vida, percorrer várias talvez seja a maior realização pessoal da inteligência espiritual. Temos de compreender que há muitos caminhos, que não há apenas um único para ser espiritualmente inteligente, nem mesmo um melhor que o outro. Todos são válidos e necessários.

O mundo precisa de cozinheiros, professores, médicos, mecânicos, pais, atores, terapeutas, homens e mulheres de negócios espiritualmente inteligentes. Todos esses caminhos exigem sua própria sabedoria e vocação, e cada um combina melhor com alguns tipos de personalidade, com aquilo que sabemos fazer de melhor, o que encanta o nosso coração, que nos traz alegria, felicidade e harmonia conosco mesmo (ZOHAR, 2000).

Ser espiritualmente inteligente não é tarefa fácil. Requer um grande esforço da pessoa. Usar a inteligência espiritual implica em forçar a imaginação humana. Significa transformar sua consciência, bem como descobrir no ser humano as camadas mais profundas do que as que utilizamos usualmente para viver. Uma inteligência espiritual desperta criará também na pessoa uma habilidade adicional de compreensão além da usual, uma capacidade de apreender o contexto global em que tudo está interligado com tudo. A essa capacidade de unificação das experiências Zohar (2000) chamou de pensamento unitivo.

Essa capacidade unitiva constitui um aspecto essencial da consciência capaz de unificar as experiências e dar respostas. Esse pensamento unitivo seria fundamental para compreender a base neurológica da inteligência espiritual. Essa inteligência seria a capacidade de reformular ou recontextualizar nossa experiência e, portanto, de transformar a maneira como entendemos a vida (ZOHAR, 2000).

Essa inteligência se manifesta na pessoa mediante um sentimento de transformação, que é uma dimensão vivencial de nossa inteligência espiritual. Não se trata apenas de um estado da mente, mas de uma maneira de ser que transforma por completo nosso entendimento e nossa vida. Esse sentimento de transformação desperta a consciência e deixa as pessoas mais conscientes sobre todas as atitudes e ações que precisam tomar no meio em que vivem, ou seja, atenção profunda para o momento presente. É necessário compreender que a consciência é um processo transcendente. A consciência põe a pessoa em contato com uma realidade mais profunda e rica do que a mera conexão e vibração de umas poucas células nervosas.

A transcendência é o aspecto mais fundamental de manifestação de uma inteligência espiritual na pessoa. Por transcendente teólogos e numerosos indivíduos religiosos entendem geralmente algo que está além do mundo físico. Transcendente é o que leva o indivíduo para além do momento presente, que o leva aos limites de conhecimento e experiência e põe essa realidade em um contexto

mais amplo. O transcendente dá o sabor, uma prova do extraordinário, do infinito, que está dentro de cada pessoa. Seres humanos podem experimentar o infinito (ZOHAR, 2000). A transcendência é fundamentalmente a capacidade de romper todos os limites, superar e violar os interditos projetar-se sempre num mais além (BOFF, 2000).

Seres humanos têm plena condição de experimentar o infinito. Infinito, através do prefixo *in*, seria a negação de tudo o que é finito. É a afirmação categórica da impossibilidade intrínseca da existência de toda e qualquer fronteira ou limite. Infinitude é, pois, a qualidade do que não tem fim (WEIL, 2005). Muitos gostariam de ter uma compreensão científica da inteligência espiritual. Porém, ela terá de ser um entendimento que não reduza a importância ou dissolva com palavras os próprios aspectos da experiência que nos faz sentir mais profundamente humanos. Esta terá que ser a maior chave de comprovação de sua existência: a experiência. A capacidade de estar consciente, de transcender e de acessar e usar a experiência de sentido e valor é a base daquilo que assimilamos à inteligência espiritual (ZOHAR, 2000).

A inteligência espiritual se faz presente na pessoa quando ela consegue e compreende que nunca está sozinho, que faz parte de uma longa busca humana de sentido e de tradições, símbolos, associações, lugares sagrados e imagens que deram expressão a essa procura. A pessoa espiritualmente mais inteligente poderá ser ajudada de muitas maneiras, tais como pela compaixão de pessoas, padre, rabino, terapeuta ou conselheiro experiente; por se viver próximo à natureza; por recorrer a uma interpretação pessoal de símbolos religiosos; ou por aquilo que para nós significa algo como a Cruz, a Estrela de Davi, o Shema de Israel, a Árvore da Vida, uma estátua de Buda, a chama de uma vela, recordando um poema ou cantando uma melodia (ZOHAR, 2000).

A inteligência espiritual seria o senso de equilíbrio interior na pessoa. Ela seria capaz de iluminar o caminho através daquilo que os místicos chamam de “olho do coração”. Para os místicos medievais judeus e cristãos, o “olho do coração” era uma metáfora relativa à intuição. Em algumas tradições, o olho direito representa a percepção ativa que seria o sol, e o esquerdo a lua, o passivo. Há ainda um terceiro olho, que está no centro da testa de Shiva. No budismo, é o olho que tudo vê de Buda, que se senta à borda, entre a unidade e a multiplicidade, entre o vazio e o não vazio, conforme entendimento de (ZOHAR, 2000).

Um forte sinal da presença da inteligência espiritual na pessoa seria o senso do Sagrado em todos os objetos e eventos da vida diária, o senso do Sagrado no ato de fluir, o êxtase quase insuportável que se sente quando o conhecimento aflora o senso de júbilo quando se traz alguma coisa nova ao mundo, o senso de profunda satisfação quando se vê justiça ser feita, o senso profundo de paz quando se sabe que aquilo a quem se serve também serve a Deus.

Existem algumas qualidades nas pessoas que facilmente as indentificaremos como de seres humanos espiritualmente inteligentes, entre elas, as que praticam e estimulam o autoconhecimento; são conduzidas em suas vidas por valores humanos; têm capacidade de enfrentar adversidades; são holistas; celebram a diversidade; têm independência; perguntam sempre o porquê de algo; têm capacidade de colocar as coisas num contexto mais amplo; têm espontaneidade; e têm compaixão pelas pessoas (ZOHAR, 2000).

O desenvolvimento da inteligência espiritual é possível e necessário para qualquer pessoa, uma vez que a espiritualidade é uma característica inerente ao ser humano. A ignorância espiritual gera crença mágica, mas a inteligência espiritual gera um senso de propósito que consegue, aos olhos da racionalidade, acessar a dimensão do impossível e do milagroso.

Zohar (2000) apresenta sete passos para se obter maior inteligência espiritual: tornar-se consciente de onde estou agora, sentir fortemente que quero mudar, refletir sobre onde está o meu centro e sobre as minhas mais profundas motivações, identificar e eliminar obstáculos, examinar numerosas possibilidades de progredir, comprometer-me com um caminho e permanecer consciente de que são muitos os caminhos. Todos os caminhos levam ao centro e partem do centro. Segui-los é uma busca, mas, em certo ponto, completar a jornada torna-se um ato de rendição. Quando vivemos nosso próprio caminho espiritual, o alto coeficiente de inteligência espiritual ou iluminação que obtemos contém em si a graça inacreditável do dia a dia, que a transformação real consiste em nos trazer de volta ao lugar de onde começamos, apenas com a diferença de que nesse momento nós vivemos verdadeiramente conscientes.

A inteligência espiritual nunca está ausente, embora nossa visão e nossa capacidade de usá-la possam estar bloqueadas. O que nos bloqueia talvez seja o ato de procurá-la como se fosse um objeto fora de nós. Nunca estamos sós. Somos parte de uma longa busca humana de sentido e de tradições, símbolos,

associações, lugares sagrados e imagens que deram expressão a essa procura. Conduzimos dentro de nós, no inconsciente profundo, toda a história do próprio universo, que faz parte do inconsciente coletivo da humanidade. Todos somos parte de uma comunidade maior e a maioria também é parte de uma comunidade menor, pessoal, de amigos e família. A espiritualidade é um estado de inteireza centrada, de unificação. A inteireza da inteligência espiritual seria reunir as nossas peças como, por exemplo, se perdemos a paz, devemos encontrá-la novamente, porque toda perda de paz resulta em perda de energia e naturalmente na perda da saúde. Quando nos esquecemos dessa parte que em nós é produtora de paz, a sensação é de que estamos andando na escuridão. O Eu profundo, que nos permite ter consciência sobre tudo, está conosco como direito humano inato e como presente testemunha à medida que nossa vida se desenvolve (BOFF, 1999).

O que importa é que mundialmente há uma demanda por valores não materiais, por uma redefinição do ser humano como um ente que busca um sentido plenificador e que está à procura de valores que inspirem intensamente sua vida. A inteligência espiritual carregada de sentidos também desponta como meio unificador para a paz no mundo. A singularidade de nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão integradora do humano, como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individuação e como espaço da paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais (BOFF, 2001).

A vivência da inteligência espiritual como dimensão integradora na pessoa é um potencial presente em todos os seres humanos e podemos ter acesso a ela. Ela é habilitada para conduzir a pessoa e orientá-la por toda a vida. É capaz de romper as barreiras da normose, da separatividade, da ilusão e da fantasia, colocando-a, de forma inteligente, a saber, viver o momento presente, a ter saúde e, sobretudo, a transcender e viver a infinitude do ser humano. Se tudo isso é possível de se vivenciar a partir do despertar da consciência, tendo conhecimento sobre essa dimensão integradora na pessoa, sua inteligência espiritual, que caminhos buscar para possibilitar essa vivência? Seria a religião um desses caminhos?

2.3 A RELIGIÃO COMO POSSIBILITADORA DA VIVÊNCIA DESTA DIMENSÃO HUMANA: A ESPIRITUALIDADE

A religião se apresenta como um dos caminhos para possibilitar a vivência da espiritualidade, apesar de um alto coeficiente de inteligência espiritual não manter uma conexão necessária com a religião. Uma pessoa muito religiosa pode ser espiritualmente embotada; e um ateu, espiritualmente inteligente. Ainda assim o desafio de desenvolver uma alta inteligência espiritual de modo algum é antirreligioso. A maioria das pessoas precisa de um marco religioso, orientações para viver considerando pensamentos de grandes mestres, atos dos santos e indicações sobre comportamento de códigos de ética. Quase todos se sentem bem quando possuem crenças profundas, básicas. Muitas pessoas ficariam perdidas sem elas. A indicação da existência de um “ponto de Deus” na constituição neurológica do cérebro humano indica que a capacidade de ter alguma forma de experiência religiosa ou crença confere uma vantagem evolutiva à nossa espécie. De maneira acessível esse “ponto de Deus” no cérebro conecta-nos com sentido e valor, estimula o esforço, dá-nos senso de finalidade, de contexto (ZOHAR, 2000).

Vários teóricos afirmam que a falta de sentido mais agudo na vida é a crise básica de nossa época. A maioria das pessoas que busca a realização espiritual não vê qualquer relação entre seus anseios e a religião formal. A inteligência espiritual não mantém nenhuma conexão necessária com a religião, mas sim com o Sagrado (ZOHAR, 2000). Para explicar essa afirmativa conceituaremos a seguir religião e Sagrado.

Para Croatto (2001, p. 58), o significado de religião “provém do latim (*religio*) e sua provável etimologia dá a idéia de ‘atadura’ (*re-ligare*) do ser humano com Deus. Entendida a religião como um sistema de idéias e práticas”. Mesmo que a vivência religiosa seja transcendente, trata-se de uma experiência humana, própria do ser humano e condicionada por sua forma de ser e pelo seu contexto histórico e cultural. Sobre o Sagrado Croatto (2001) afirma que é uma categoria metafísica, que poderemos entender um pouco mais sua noção entendendo-o como uma relação. “O Sagrado é essencialmente uma relação entre o sujeito (o ser humano) e um termo (Deus), relação que se visualiza ou se mostra em um âmbito (a natureza, a

história, as pessoas) ou em objetos, gestos, palavras. Sem essa relação, nada é Sagrado” (CROATTO, 2001, p. 48).

Para Otto (1965), “o Sagrado é um elemento de uma qualidade absolutamente especial que se coloca fora de tudo aquilo que chamamos de racional, constituindo assim algo inefável”. Para Eliade (1992 p. 52), “qualquer que seja o contexto histórico no qual esteja imerso, o *homo religiosus* acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o Sagrado, que transcende esse mundo, mas que manifesta nele e por isso mesmo santifica-o e o faz real”.

As experiências religiosas não podem ser reduzidas a formas de condutas não religiosas. Todo fato religioso constitui uma vivência específica decorrente do encontro do ser humano com o Sagrado. Ambos teóricos defendem a religião como um sistema de práticas, mas que carrega em sua essência o Sagrado. Não há religião sem a manifestação do Sagrado. Esses autores concordam entre si que o Sagrado é uma relação. É uma manifestação ao ser humano que se distancia de tudo que seja racional. Por essa razão, Zohar (2000) diz que a inteligência espiritual vincula-se ao Sagrado e não com a religião, muito embora o despertar dessa inteligência, em muitos casos, aconteça em espaços das religiões.

A inteligência espiritual tem origem no centro profundo do eu. Por isso, qualquer sistema religioso que esteja em contato com o espírito contém sua própria versão da verdade total contida no universo. Qualquer forma religiosa radicada no centro constitui uma expressão ou forma válida do centro. Falar da religião nesse contexto é importante porque alguns estudiosos que têm se dedicado à inteligência espiritual entendem a religião como um dos resultados ou consequências da inteligência espiritual, da necessidade que o ser humano tem de encontrar o Sagrado. De fato, se observarmos a importância que tem a religião na vida das pessoas, percebemos que se trata de uma experiência universal da humanidade pela qual se tenta compreender o mistério que envolve o ser humano. Suas repercussões estão presentes em toda a história da humanidade.

A religião é carregada de sentidos e significados, e por isso se torna uma porta para o ser humano ter seu encontro com o Sagrado e conseqüentemente a oportunidade do despertar da inteligência espiritual. Ela passa a ser uma possibilitadora da vivência dessa dimensão humana. Sabemos que a religião em muitos casos não tem a capacidade ou ferramentas adequadas para que os fiéis que a frequentam possam descobrir sua inteligência espiritual ou ter um despertar da

consciência. Ela é uma ponte para este caminho nem sempre conhecido por quem a pratica. A pesquisa de campo, que demonstraremos por meio de gráficos no terceiro capítulo, evidenciou que 90% dos(as) alunos(as) entrevistados(as) disseram que a religião faz parte de suas vidas. Isso demonstra, portanto, uma necessidade dessa busca do Sagrado, uma prova que comprova a existência do “ponto de Deus” no cérebro, referido nesta pesquisa no primeiro capítulo.

Na vivência da religião o ser humano sente veneração e fascínio diante da suprema instância que nos supera e para a qual nos sentimos atraídos. Nesse aspecto, a religião se enraíza nas fontes do ser e promove sentido à sua caminhada sobre a terra, pois essa é uma necessidade inerente ao ser humano. Abordaremos neste tópico da pesquisa a opinião de alguns teóricos investigados sobre o papel da religião na vida da sociedade e das pessoas, pois sabemos que ela é carregada de sentidos e significados e por isso se torna uma porta de entrada para a manifestação da inteligência espiritual. Ela também se apropria de ser uma instituição com estrutura e forças que possibilitam às pessoas encontrarem sentido para a vida, de construir uma rota e até mesmo de identificarem o caminho da vocação.

O fenômeno religioso seria uma espécie de especulação sobre tudo aquilo que escapa à ciência e, geralmente, ao pensamento distinto. As religiões, diametralmente opostas por seus dogmas, estão de acordo para reconhecer que o mundo, com tudo que contém e com tudo o que o cerca, é um mistério que pede explicação. Portanto, ele as faz consistir essencialmente em uma crença na onipotência de alguma coisa que supera a inteligência. Não existe sociedade conhecida sem religião, como também não existe sociedade, por mais grosseira que seja a sua organização, na qual haja um sistema de representações coletivas que se relacione com a alma, origem e destino dos indivíduos (DURKHEIM, 1979).

É sabido que os primeiros sistemas de representações que o homem produziu no mundo de si mesmo são de origem religiosa. Não há religião que não seja ao mesmo tempo cosmologia e especulação do divino. A filosofia e as ciências nasceram da religião. Existe certo número de noções essenciais que domina a nossa vida intelectual como, por exemplo, as noções de tempo, espaço, gênero, número, causa, substância e personalidade que correspondem às propriedades universais das coisas. Durkheim (1979, p. 492-3) relata sobre esta força que dá uma verdadeira estruturação de vida ao ser humano:

Um deus não é unicamente uma autoridade de quem dependemos; é também uma força sobre a qual se apoia a nossa força. O homem que obedeceu ao seu deus e que, por essa razão, acredita tê-lo consigo, enfrenta o mundo com confiança e com o sentimento de energia fortificada. A verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à ciência, representações de outra origem e de outro caráter, mas nos fazer agir, nos ajuda a viver. O fiel que comungou com o seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas, porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, sob qualquer forma que conceba o mal.

Essa dimensão espiritual inerente ao ser humano à luz do pensamento de Durkheim é a capacidade de o indivíduo se apropriar dessa experiência e transformar o seu modo de viver, de ver o mundo, as coisas e a vida. É importante entender que a religião é produto de uma busca do ser humano de uma força que ele próprio carrega consigo, isto é, sua inteligência espiritual.

A origem das grandes religiões universais está associada à aparição e ao desenvolvimento da cidade. As religiões só surgiram pela necessidade explícita do ser humano. Nesse ponto ela funciona como princípio de estruturação que constrói a experiência e consegue também submeter o sistema de disposições em relação ao mundo natural e ao mundo social. A religião exerce um efeito de consagração, através de suas sanções santificantes, porque inculca no ser humano um sistema de práticas e representações. Ela é o princípio de uma estruturação que constrói a experiência em termos lógicos, porém, em estado prático e num sistema de questões indiscutíveis. Por meio da consagração ou legitimação, a religião submete o mundo natural e social a uma transformação do *ethos*. O *ethos* seria o conjunto de valores e normas que rege a vida de uma pessoa. Se a religião cumpre suas funções sociais, além das funções primárias, conta-se com ela para a justificação de uma posição social e de todas as propriedades que lhe são inerentes (BOURDIEU, 2003).

O pensamento de Bourdieu condiz com a ideia de que a religião seria consequência de uma inteligência espiritual, na medida em que ele ressalta que as religiões só apareceram pela necessidade explícita do ser humano, ou seja, elas existem para suprir uma carência do ser humano. Mesmo possuindo o componente Sagrado, com seus símbolos, mitos e ritos, ela nasce como resultado de uma necessidade humana.

A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer grandes, poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos seres humanos mediante a criação de conceitos e princípios de uma ordem de existência geral. A religião, por constituir a centralidade da cultura, é um sistema simbólico. Os símbolos sagrados sintetizam o *ethos* de um povo, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e suas disposições morais e estéticas e sua visão de mundo. Se a inteligência espiritual é a capacidade de a pessoa apropriar-se da experiência religiosa e transformar seu modo de vida, o conceito de Geertz (1989) sobre o fenômeno religioso também condiz com inteligência espiritual, visto que ele apresenta a religião como um sistema de símbolos que sintetiza o *ethos* de um povo, burila o caráter, faz com que essas pessoas vivam de forma melhor, dando-lhes sentido e significados para continuar vivendo (GEERTZ, 1989).

Para Jung (1987), a religião é uma das expressões mais antigas e universais da alma humana. Dessa forma, fica subentendido que todo tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos. Religião é de acordo com o vocábulo latino *religare*, uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Otto (1985, p. 15) acertadamente chamou de “numinoso”, que constitui uma condição do sujeito e é independente de sua vontade.

Para Otto (1985), o Sagrado possui uma dimensão que passa uma qualidade absolutamente especial e se coloca fora de tudo àquilo que chamamos de racional, constituindo, assim, algo inefável. Esse autor adota o termo latino *numen*, que significa a força divina manifestada na ação pessoal. A experiência com o Sagrado só acontece no âmbito religioso. Quando esse autor afirma que o elemento Sagrado está presente em todas as religiões, ele parte do princípio da experiência humana, porque o humano está presente em todas as religiões.

Segundo Leloup (2003), tudo o que sabemos de Deus é sempre através de um ser humano. Tudo o que sabemos do Absoluto é sempre através de um ser relativo. Quando nos interrogamos, do ponto de vista científico, sobre a gênese das religiões, constatamos que, na origem, há sempre um ser humano. E que esse ser humano tem um inconsciente pessoal e outro coletivo. Cada ato religioso proporciona inúmeras experiências com o Sagrado que ninguém poderá conter ou controlar. O elemento do qual falamos parece vivo em todas as religiões. Ele

constitui a parte mais íntima e, sem ele, a religião perderia as suas características, porque é a partir do ser humano que se estabelece uma religião.

Eliade (1955) diz que qualquer que seja o contexto histórico no qual esteja imerso o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o Sagrado, que transcende esse mundo, mas que se manifesta nele e, por isso mesmo, santifica-o e o faz real. Seus atos religiosos estão orientados a essa realidade máxima que se manifesta nas hierofanias, manifestações de Deus. Para esse autor, o ser humano só conhece o Sagrado porque ele se manifesta, mostra-se, como algo totalmente diferente do que é profano. Por meio dessa experiência real com o Sagrado é fácil compreender que o homem religioso deseja intensamente participar dessa realidade. O objetivo principal de Eliade não é comparar sistemas filosóficos, mas, sim, respaldar-se mediante comportamentos existenciais. Para ele o Sagrado é o real por excelência. Aquele que conheceu os mistérios é aquele que sabe. A existência humana só é possível por causa dessa comunicação permanente com o céu. E a este diálogo com o céu citada por Eliade é possível que venha a ser uma centelha divina carregada pelo ser humano, que torna acessível a ele as coisas do céu.

A religião é uma atitude do espírito humano. Ao termo religião Jung (1987) se refere a uma determinada profissão de fé religiosa que se funda originalmente na experiência do numinoso, na fidelidade, na fé e na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta. A experiência religiosa é algo de absoluto. Aquele que a tem possui inestimável tesouro, algo que se converteu para ele numa fonte de vida, de sentido e de beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à humanidade. A religião tem um grande valor prático por promover às pessoas esperança e uma visão mais jubilosa da vida. Ela não é uma ilusão, mas uma função natural que afeta a humanidade tanto quanto a vontade de poder. Para esse autor, uma visão religiosa da vida era essencial (JUNG, 1987). Experimentar uma espiritualidade é viver consciente com o mundo que o cerca, gerando sentido e significado para a vida. Essa expressão de Jung nos reporta ao primeiro capítulo desta tese, quando Zohar (2000, p. 297) diz:

Um forte sinal da presença da inteligência espiritual na pessoa seria o senso do Sagrado em todos os objetos e eventos da vida diária, o senso do Sagrado no ato de fluir, o êxtase quase insuportável que se sente quando o conhecimento aflora, o senso de júbilo quando se traz alguma coisa nova ao mundo, o senso de profunda satisfação quando se vê a justiça ser feita, o

senso profundo de paz quando se sabe que aquilo a quem se serve também serve a Deus.

James (1987) dizia ser melhor acreditar em Deus, já que isso, muitas vezes, produziu bons resultados. Essa opinião era fruto de seu pragmatismo, que não se preocupava com a verdade de uma crença, mas com seus efeitos sobre a vida. A religião é a crença de que o mundo faz parte de um universo mais espiritual e tem por finalidade alcançar a harmonia com ele.

Berger (1985) diz que a religião é um empreendimento humano pelo qual se estabelece o Sagrado. Ela é a cosmificação feita de forma sagrada. O homem enfrenta o Sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade coloca-se numa ordem dotada de significado. Religião significa cuidar. Conforme Boff (1999), o oposto ao cuidado é o descuido e o descaso. Cuidar é mais que uma ação. Por isso abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo. O cuidado é uma constituição ontológica sempre subjacente a tudo o que o ser humano empreende, projeta e faz.

Baseado nessa constituição ontológica do cuidado em relação ao ser humano e por ser finalidade das religiões, Boff (1999) afirma que temos também uma busca dentro de nossas igrejas, a do saber cuidar. Quando somos espirituais, quando nossa inteligência espiritual está no comando, o senso de preservação de cuidado é muito maior. Esse autor afirma que hoje estamos diante de uma humanidade mais cuidadosa em preservar sua história, seus lugares públicos, suas praças. Falamos aqui de uma comunidade sustentável, de termos um planeta sustentável para viver. Por sustentável entende-se a sociedade que produz o suficiente para sua sobrevivência e para os seres dos ecossistemas, tomando da natureza somente o que ela pode repor. Isso mostra um sentido de solidariedade generosa. Isso é viver uma espiritualidade. A compreensão desse autor nos reporta a pensar que a religião, que é carregada de sentidos para vida, justifica-se para cuidar dos fiéis que a seguem e dos demais seres humanos que serão alcançados por elas.

Berger (1985) afirma que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. Ela representa o ponto máximo da autoexteriorização do homem pela infusão dos seus próprios sentidos sobre a realidade. Supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser e é uma ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo.

A religião seria independente da opinião de diversos teóricos, uma manifestação de algo maior no humano, ou seja, uma necessidade do culto, dos símbolos, rituais, do estar junto e desenvolver uma comunicação coletiva, independentemente dos motivos que a levaram a ser criada. O mais importante é que ela representa uma disposição, ou melhor, uma motivação humana impulsionada por algo maior.

Por se tratar de um dos componentes-chave para a descoberta da inteligência espiritual, uma vez que ela trata propriamente de aspectos carregados de significados, a religião lida com a principal contingência que o ser humano precisa enfrentar: a morte. Além dessa grande imprevisibilidade, a ela também, em seu contexto, tenta compreender toda sorte de problemas que o ser humano carrega consigo: problemas existenciais, financeiros, de falta de emprego e saúde, de relacionamentos difíceis entre outros.

A religião criada a partir da necessidade do ser humano existe para oferecer credibilidade e densidade à vida. Ela sempre será uma ferramenta de ajuda, um fator que auxiliará o ser humano na construção de sua nomia. Ela será o princípio que fundamentará outras estruturas da sociedade. Religião como legitimadora só começa seu poder de legitimar quando gera sentido e significado para o ser humano e relativiza o absoluto. O ser humano, portador de uma inteligência espiritual, precisa de sentido para viver, e a religião, neste caso, é responsável por repassar ao homem essa razão para viver.

Geertz (1978) diz que falar de uma perspectiva religiosa é por implicação falar de uma concepção entre outras. Uma perspectiva é um modo de discernir, apreender, compreender, entender algo. Para esse autor, a perspectiva religiosa difere da visão do senso comum, porque se move para além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas. Ela difere do olhar científico pelo fato de questionar as realidades da vida cotidiana. A perspectiva religiosa repousa justamente nesse sentido do que é verdadeiramente real, e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensificá-lo e, tanto quanto possível, torná-lo inviolável pelas revelações discordantes da experiência secular. Neste particular a experiência religiosa carregada de sentidos difere das demais perspectivas porque ela promove ao ser humano a possibilidade de mudanças e transformações de vida mediante a proposta que a sustenta. Diante

disso, compreendemos que a religião, por ser carregada de sentidos, possibilita ao ser humano vivenciar uma inteligência espiritual.

Conforme Boff (1999), existe hoje uma forma de espiritualidade diferenciada. O ser humano expressa essa suprema realidade com mil nomes ou simplesmente dá-lhe o nome de Deus. Sente que Ele arde em seu interior na forma de uma presença que o acompanha e o ajuda a discernir o bem e o mal. O elã vital, eu superior, o leva a crescer, trabalhar, enfrentar obstáculos, alcançar seus propósitos e viver com esperança. Esse desejo está no ser humano, mas é maior que ele. Não está em seu poder manipulá-lo, criá-lo ou destruí-lo. Assim, a espiritualidade dá origem às religiões que expressam o encontro com Deus nos códigos das diferentes culturas.

Sábios de todos os povos sempre pregaram sobre a existência de uma fonte maior existente dentro do ser humano. De acordo com Boff (1999), a religião tem vivenciado essa experiência, tem anunciado a seus fiéis e adeptos a necessidade de acolher o espírito e cuidar dele. Isso significa cuidar dos valores que dão rumo à vida e significações que geram esperança para além da morte. Cuidar do espírito implica colocar compromissos éticos acima dos interesses pessoais ou coletivos. Demanda alimentar a brasa interior da contemplação e da oração para que ela nunca se apague. Significa cuidar da espiritualidade, inteligência primordial que herda o ser humano.

Segundo Crema (2003), toda religião surge do amor em movimento, de uma brisa fresca de consciência plena, quando o ser humano, tocado pelo numinoso, aberto na dimensão noética de sua escuta, assume a função do construtor de pontes, que interliga terra e céu e se faz mensageiro do Totalmente Outro. Afirma que na sequência surge a instituição, que busca pôr ordem e estrutura a esse processo vivo da mística. A fonte de todas as religiões é a experiência do Sagrado, que parte da necessidade do próprio humano e pela manifestação do Sagrado nas hierofanias, que, conforme Eliade (1955) encerra maravilhas. É essa experiência que traz o justo sentido para a existência das religiões. É o sopro que não vemos sutil e concreto. É o que nos permite estar aqui. É o salário essencial que respiramos ao qual devemos à existência. É este encontro de respirações. É a inteligência espiritual em ação, produzindo uma espiritualidade carregada de sentido e significado para a vida.

A partir dos teóricos pesquisados, compreendemos que a religião surge do desejo e da necessidade humana de lidar com as grandes contingências da vida e, sobretudo do fio que liga o ser humano a algo Sagrado, pela centelha divina que cada ser carrega dentro de si mesmo. Dessa maneira, seu justo papel, por ser carregada de sentido, é fomentar ao ser humano o verdadeiro sentido de viver e lutar por dias melhores presentes e futuros. As religiões carregadas de sentido abrem ao ser humano possibilidades para ele desenvolver, de forma mais coesa, livre e solta, sua inteligência espiritual.

Portanto, se a inteligência espiritual é o que dizem conceitos trazidos até agora, poderemos concluir que a experiência religiosa pode proporcionar ao ser humano um novo modo de ser e estar no mundo, porque permite a ele se apropriar dessa experiência e transformar sua consciência e seu modo de viver.

Se a religião é provedora de sentido, integra as pessoas, ajuda as pessoas a se encontrarem consigo mesmas e com a fonte da plenitude (que na maioria das religiões chama-se Deus), isso nos leva a perceber como não só a religião é uma consequência da inteligência espiritual, mas também sua função é promover às pessoas a plenitude e o sentido da vida. Se ela se traduz no princípio que irá fundamentar as outras estruturas da sociedade, surgem as seguintes indagações: qual seria então o papel do espaço acadêmico junto aos seus alunos no que diz respeito à vivência da espiritualidade? Como poderia ser trabalhada a inteligência espiritual como dimensão humana e integradora da pessoa? Existe lugar para um debate sobre a espiritualidade no espaço acadêmico? Como esses conteúdos são vistos pela Academia?

No próximo capítulo, apresentaremos possibilidades para o discente, no espaço acadêmico, estudar, desenvolver, integrar e se transformar a partir da experiência do despertar da inteligência espiritual.

CAPÍTULO III: A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL COMO PARÂMETRO DE UM NOVO *HABITUS* CULTURAL

A sociedade contemporânea está imersa em normoses que a mantêm por intermédio de *habitus*, ou seja, um conjunto de valores que legitima a ação das pessoas, que sustentam o sonho de tornar menos apavorante à incerteza e cada vez mais verdadeira a felicidade. Este é um desejo que permeia a mente e o coração das pessoas como verdadeira obsessão na busca de dias melhores. Nossa hipótese perpassa pela ideia de que a espiritualidade é uma inteligência que poderá contribuir para a inserção de uma perspectiva espiritual integradora no ambiente acadêmico, como também proporcionar uma transformação no modo como às pessoas veem a si mesmas, o outro e o mundo, contrapondo-se às normoses existentes.

Nos capítulos anteriores, apresentamos o mapeamento do processo sociocultural do mundo em que vivemos mediante a demonstração do paradigma atual vigente, bem como propostas de novos paradigmas emergentes: o paradigma transdisciplinar holístico, o paradigma da complexidade, a visão sistêmica do mundo e a possibilidade da inteligência espiritual. Demonstramos pela inteligência espiritual, com base em cientistas e suas principais teorias, a comprovação da existência de um “ponto de Deus” no cérebro humano. Identificamos ainda que a religião é uma possibilitadora do despertar dessa inteligência por ser fornecedora de sentido, integrar e ajudar as pessoas a se encontrarem consigo mesmas e com uma fonte de plenitude que, na maioria das religiões, é denominada de Deus.

Este capítulo tem como objetivo principal demonstrar que a inteligência espiritual poderá contribuir como parâmetro para um novo *habitus* cultural, em que estaremos utilizando um recorte para o espaço acadêmico, apresentando uma possibilidade em que ele poderá ser um local a absorver esses novos conteúdos sobre a inteligência espiritual, assim como demonstrar que esse conhecimento, quando apresentado aos alunos (as), poderá impactá-los provocando mudanças em suas vidas e na sociedade, levando pessoas a descobrirem sentido e significado para suas vidas.

A pesquisa de campo, parte desta tese que comprova nossa hipótese, foi realizada com discentes da disciplina de Teologia, que vem, ao longo da existência da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), sendo obrigatória e inclusa na grade curricular de todas as graduações, favorecendo com isso a todo o seu corpo discente um espaço de integração, transformação e despertar da consciência de seus jovens aprendizes.

Sabemos que, em sua maioria, as Universidades atuais priorizam um modelo de ciência no qual prevalecem, num certo momento histórico, teorias de aprendizagem que influenciam a prática pedagógica. Percebemos que, neste contexto atual, tem-se um espaço acadêmico fragmentado e normótico, no qual se trabalha a multidisciplinaridade e não a transdisciplinaridade. O que nos parece é que a PUC Goiás, no que diz respeito a este quesito, está na contramão do que dita o modelo atual de educação, especialmente no que diz respeito ao estudo da espiritualidade humana, ou seja, ela se preocupa em ensinar a condição humana, falar sobre todas as dimensões presentes no ser humano, inclusive a sua espiritualidade, ao incluir no seu calendário curricular a disciplina de Teologia para todas as graduações. Com esta ação, a PUC Goiás propõe uma integração das ciências com as artes, a filosofia, a religião e a cultura. Dessa maneira ela promove ao discente uma conscientização do significado de ser humano, cuidando de sua vida na totalidade, incluindo o caminho da vocação. Sabemos que muito ainda falta para alcançarmos o ideal de uma educação includente e integradora nessa Universidade, isto é, que essa possibilidade é apenas uma entre inúmeras mudanças que precisam ser alcançadas nessa Instituição.

Tendo a oportunidade de ministrar a disciplina de Teologia, incluímos em sua ementa o tema sobre a espiritualidade humana. Tal ementa aproveita todos os conteúdos trabalhados ao longo do semestre interligando-os com temáticas sobre a inteligência espiritual. Assim, demonstra aos discentes que o ser humano é composto de múltiplas inteligências e que a inteligência espiritual é sua inteligência reinante, a principal, aquela com capacidade de criar sentido e significado para vida conduzindo-os ao caminho da sua vocação.

Esse conteúdo é ministrado com base em uma metodologia diferenciada que aplica dinâmicas de grupos e vivências capazes de responder às questões dos discentes sobre “quem são” e “para onde estão indo”. Utiliza também músicas, poemas e vídeos vinculados ao conteúdo da espiritualidade, além de promover

debates e pesquisas de campo a diversas religiões para a identificação de como a presença do Sagrado se manifesta em diferentes culturas religiosas.

Além dessa vivência em sala de aula, e para fundamentarmos nossa hipótese nesta tese, realizamos uma pesquisa de campo com 150 discentes da disciplina de Teologia da PUC Goiás que estavam cursando ou que fizeram essa matéria, os quais tiveram a oportunidade de conhecer os conteúdos em que defendemos a espiritualidade como uma inteligência humana. Nossa intenção foi demonstrar que qualquer pessoa, instituição ou organização, quando colocados frente a frente com estes conteúdos, com esta realidade, serão afetados e convidados a provocar mudanças em suas vidas. Escolhemos o espaço acadêmico pela experiência vivida em sala de aula como professora desses conteúdos da inteligência espiritual, e por se tratar de um espaço de cultura normótica, em que “essa normose se define pela estagnação da dinâmica evolutiva inerente a realidade humana, que é caracterizada pelo conformismo e adaptação a um contexto mórbido em grande escala” (CREMA, 2017, p. 21). Cabe então levantarmos a possibilidade de o espaço acadêmico ser um agente de acolhimento desta proposta.

3.1 O ESPAÇO ACADÊMICO COMO REPRODUTOR DA CULTURA NORMÓTICA

O espaço acadêmico é uma síntese do que a sociedade produz síntese das inteligências sociais. Diria que ele seria o grande elo sustentador e reprodutor de uma cultura normótica, que é a síndrome da normalidade. Esse espaço também é o ponto de convergência de todas as inteligências, por isso cabe falar sobre inteligência espiritual no âmbito da academia. A princípio precisamos compreender como se encontra o espaço acadêmico atual através das seguintes indagações: que abertura teremos para desenvolver tais conteúdos na academia? Será um tema aceito quando se tem uma educação fragmentada e normótica?

Sabemos que o espaço acadêmico, por fazer parte de um processo da educação vigente, apresenta entraves e dificuldades próprios do momento atual, dos *habitus* desenvolvidos ao longo desses anos fundamentando uma cultura normótica.

Quando da elaboração deste projeto de pesquisa, indicamos como um dos problemas existentes o distanciamento do mundo acadêmico do tema da

espiritualidade, e da espiritualidade como inteligência humana. A universidade, como muitas outras instituições, é produto do mundo fragmentado em que vivemos do paradigma vigente, pois tem uma visão reducionista e mecanicista sobre a percepção do ser humano integral. E essa visão causa grandes problemas aos nossos discentes, pois, segundo Weil (1991), quebramos a unidade do conhecimento e distribuímos pedaços entre os especialistas.

O espaço acadêmico atual faz parte de uma educação normótica vigente no país e no mundo. Entendemos que a educação é um fenômeno social que contribui para o desenvolvimento econômico, científico, cultural e político de uma sociedade. Cada grupo social concebe, organiza e operacionaliza seu sistema educativo a partir de determinada visão do ser humano e do mundo, em função de referenciais individuais e coletivos que vigoram no tempo e no espaço específico. Como outras ciências, a educação possui um conjunto de princípios concretizados pela aplicação de propostas educacionais que contêm, no seu bojo, diferentes visões da sua finalidade e dos seus objetivos. Sabemos que a construção da visão educacional de uma determinada época e de um determinado local recebe influência de forças sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, científicas e religiosas que atuam na sociedade (WICKERT, 2010).

No momento histórico atual, observamos que antigas fontes da identidade educacional desapareceram, mas que convivemos ainda com princípios fundamentais de uma visão tradicional e, ao mesmo tempo, com uma visão emergente que possui uma perspectiva mais ampla, fundamentada nos novos conhecimentos e nas novas necessidades das pessoas e da sociedade.

Quando se fala de uma visão tradicional no espaço acadêmico, nos advêm as seguintes indagações: de onde decorre a crise de percepção da atualidade? Qual a origem da atual forma de pensamento, valores e percepções que prevalecem em nossa visão da realidade? De onde origina esse desenvolvimento cego e descontrolado da tecnociência, gerador dessa agonia planetária provocadora de tantas rupturas?

Tais valores emergem de uma associação de várias correntes da cultura ocidental, dentre elas, a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial, que estiveram presentes a partir dos séculos XVII, XVIII e XIX. Moraes (1997, p. 32-3) relata que:

Antes de 1500, a visão de mundo que prevalecia na Europa da Idade Média e em grande parte do mundo era orgânica, vivenciava os processos da natureza em relações caracterizadas pela interdependência dos fenômenos materiais e espirituais e na subordinação das necessidades individuais às da comunidade. A estrutura científica que predominava nessa visão de mundo orgânica estava assentada no naturalismo aristotélico e na fundamentação platônico-agostiniana, e depois tomista, que consideram de maior significância as questões referentes a Deus, à alma humana e à ética. Naquela época o objetivo principal da filosofia era servir de base à teologia e tinha como causa de suas preocupações religiosas a salvação da alma após a morte. A partir dos séculos XVI e XVII, a natureza da ciência medieval começou a sofrer mudanças radicais. A visão de um mundo orgânico, vivo, espiritual e encantado passou a ser substituída pela noção de um mundo-máquina.

O racionalismo reafirma a visão de mundo em que há a concordância entre o racional (coerência) e a realidade do universo, excluindo, dessa forma, o irracional. Essa visão se baseia em uma afirmação lógica, e dela deduz todas as consequências práticas, negando assim outras possibilidades de explicação. Essa nova atitude mental e os valores dela decorrentes permitiram ao ser humano o desvelamento dos mistérios da natureza, que perdera sua sacralidade e sua inviolabilidade. Do ponto de vista do objetivo da ciência, essa mudança teórica e prática da relação homem/natureza alterou também a relação ética e teórica do homem consigo mesmo e com os outros, e do homem com o religioso e o Sagrado. Em consequência disso, ocorreram mudanças nas relações humanas do ponto de vista social, político e cultural, e também do homem com a natureza. Esse é o motivo pelo qual se deu o distanciamento entre o espaço acadêmico e as questões espirituais e da consciência, tornando-se o grande reprodutor das normas existentes (MORAES, 1997).

Na perspectiva crítica de Moraes (1997), observando a evolução dos fatos, percebemos que o divino desapareceu da visão científica do mundo, deixando um vácuo espiritual que se tornou característico de nossa cultura. A base filosófica passou a ser a divisão cartesiana entre espírito e matéria, e a análise passou a ser o instrumento necessário e indispensável do pensamento. Sabemos que tudo na vida tem dois lados, ao mesmo tempo em que crescemos, demos alguns saltos no processo da evolução e progresso. Isso também se constituiu em perdas para a espécie humana, em termos de sensibilidade, estética, sentimentos e valores, ao direcionar a atenção e importância para tudo o que fosse mensurável e quantificável.

O mundo foi ficando árido, morto, incolor, sem paladar, cheiro, consciência e espírito (MORAES, 1997).

Bauman (2008) analisa como a sociedade moderna de produtores foi gradualmente se transformando em uma sociedade de consumidores. Nessa nova organização social, os indivíduos se tornam ao mesmo tempo promotores de mercadorias e também as próprias mercadorias que promovem, e todos habitam o espaço social que costumamos descrever como “o mercado”. Identificamos três tipos de normoses atuais apresentadas por Bauman (2008) que impactam o espaço acadêmico e a sociedade como um todo: o consumismo, a sociedade de consumidores e a cultura consumista.

Para atender a todas essas novas necessidades, impulsos, compulsões, hábitos e vícios, como oferecer novos mecanismos de motivação, orientação e monitoramento da conduta humana, a economia consumista tem de se basear no excesso e no desperdício. O espaço acadêmico como reprodutor dessa normose corre para assimilar a massa de inovações que se expande de modo incessante, que possui em suas estruturas todos os incentivos à produção de uma economia consumista, contribuindo para o volume e ritmo no aumento de novidades tecnológicas em todas as áreas do saber, que tendem a ultrapassar qualquer meta estabelecida de acordo com a demanda registrada. Para este autor, a sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não satisfação de seus membros e a infelicidade deles. A sociedade de consumidores representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Não existe nesta normose a possibilidade de povoar o mundo com pessoas mais afetuosas e induzi-las a terem mais afeto porque isso não figura nos panoramas pintados pela utopia consumista. Existe uma busca de nossos jovens no espaço acadêmico para alcançarem um lugar onde eles possam ser vistos, evidenciados e, como retorno disso, possam receber uma melhor remuneração. Não se fala no caminho da vocação, em desenvolver uma habilidade, um ofício e dele retirar o sustento de sua vida (BAUMAN, 2008).

O mundo atual acadêmico também convive com a normose do cientificismo, que se trata dos grandes representantes da ciência do século XIX que postularam determinismos variados centrados na competitividade. Para Crema (2003), Darwin apontou para o determinismo biológico e competição entre as espécies; Marx, para o

determinismo econômico e competição entre as classes; Freud, para o determinismo psíquico e competição entre as potências psicológicas. Poucos falaram de cooperação, solidariedade, espiritualidade, fraternidade e sinergia. São elas virtudes perenes e imprescindíveis que foram cultivadas pelas autênticas vias espirituais de forma natural. Se tivermos uma experiência mística legítima e contarmos isso a um médico psiquiatra ou psicólogo, dirão que estamos doentes e precisamos de tratamento psíquico. Para aqueles que representam uma normose científicista, não existe a categoria do espiritual. Cristo e Buda são ilusões, o ópio do povo ignorante, ilusão e alienação patológica. Esta normose, que muito circunda os espaços acadêmicos, caracteriza-se pela unidimensionalidade simplista e pela estreiteza da mente binária, que despreza e reprime todos os demais níveis da realidade e dimensões do ser humano, o domínio da complexidade, que na abordagem transdisciplinar, se chama do terceiro incluído (CREMA, 2003).

Por terceiro incluído, termo oriundo da transdisciplinaridade, entende-se que a palavra “três” e “trans” têm a mesma raiz etimológica: três significa a transgressão dos dois, o que vai além dos dois. A transdisciplinaridade é a transgressão da dualidade que opõe os pares binários: sujeito/objeto, subjetividade/objetividade, matéria/consciência, natureza/divino, simplicidade/complexidade, reducionismo/holismo, diversidade/unidade (NICOLESCU, 1999).

O espaço acadêmico como reproduzidor dessas normoses encontra-se diante da cegueira ética e consciencial do abismo em que nos encontramos. A sociedade de consumidores, a normose binária, a lógica da exclusão, o fanatismo por um único nível de realidade encontram-se na base do científicismo. Na afirmação de Nicolescu (1999, p. 27): “a fonte da barbárie moderna não é a ciência, mas a proliferação anárquica da tecnologia e o predomínio do pensamento binário, o do sim ou não”. Sabemos que com o nascimento da Idade Moderna cria-se o racionalismo científico. Na época existia um poder religioso despótico que torturava e jogava na fogueira os dissidentes do paradigma dogmático aristotélico-tomista.

Os representantes da nova ordem tiveram que fazer uma negociação com a Igreja. Surgiu, então, o pacto que provocou a grande divisão no conhecimento: cabe à ciência emergente estudar e pesquisar o mundo material, observável, quantificável, manipulável e cabe à Igreja a função de cuidar da alma, da subjetividade, da ética, do espírito. Foi introduzido um princípio equivocado de antagonismo entre ciência e consciência, entre matéria e espiritualidade, no cerne

do paradigma moderno, reforçado pelo Iluminismo do século XVIII, com sua proposta de liberalismo, que surge para eliminar os horrores de uma religião desviada e perversa. E ainda o cientificismo do século XIX, causando massacre da afetividade pela eficiência, apágio de uma razão imperialista e excludente, de uma religião positivista e materialista, desidratada de subjetividade e consciência do universo interior. A consciência da diferenciação foi a grande contribuição do racionalismo científico que inunda nossos espaços acadêmicos e os tornam reprodutores dessas ações e atitudes normóticas (CREMA, 2003).

Esses mundos ficaram tão distantes e isolados entre si, o da ciência e o da espiritualidade, que não encontramos, em nossos livros convencionais de pedagogia, de psicologia, de filosofia, de psiquiatria, de administração ou liderança, a maestria de Buda ou de Cristo, dois ilustres representantes de uma inteligência integral do oriente e do ocidente. Gerações e gerações de médicos, de psicólogos, de psiquiatras e de outros cuidadores não estudaram os mais eminentes representantes desses ofícios, expoentes educadores e terapeutas da humanidade. Em detrimento da normose academicista, grandes homens e mulheres que demonstraram o majestoso alcance da capacidade humana de florescer não estão sendo estudados cientificamente por terem desenvolvido, além da razão, a plenitude da inteligência espiritual, consciência da alma. Mesmo dando testemunhos belos e paradigmáticos de amor e fraternidade, foram banidos das escolas, das universidades (CREMA, 2003).

Na leitura de D'Ambrósio (1993) estamos vivendo a maior crise de fragmentação conhecida na história da humanidade, da qual o espaço acadêmico faz parte e é também responsável. No que diz respeito ao conhecimento, fragmentou-se em quatro ramos distintos, com pouca ou nenhuma relação entre eles: a ciência, a arte, a filosofia e a religião. A compartimentação disciplinar do conhecimento é algo extremamente limitador e, sobretudo, condicionador. Essa compartimentalização ideológica conduziu a inúmeras distorções disciplinares nas ciências, ao conflito homem e natureza, ao divórcio mente e corpo, à agressividade entre classes sociais e à rivalidade entre nações. Tudo isso deu origem a uma depredação ambiental, decadência moral e interior. Admitindo-se que a fonte primeira de conhecimento é a realidade na qual estamos imersos, a fragmentação do conhecimento tem como resultado o impedimento da entrada de outros "novos" conhecimentos, porque está preso a essa teia divisionista. Esse procedimento

disciplinar provoca a perda da visão global da realidade. Diríamos que o espaço acadêmico é o grande reprodutor dessa fragmentação e do distanciamento a tudo que fuja ao paradigma da racionalidade.

Quais são as causas desse amplo desequilíbrio? São inúmeras, mas o verdadeiro problema está no fato de a maioria dos intelectuais que integram o mundo acadêmico e suas instituições terem percepções estreitas da realidade, inadequadas para resolver os principais problemas de nosso tempo. Esse problema decorre de um pensamento reducionista, fragmentado, simplificado, que, por sua vez, gera ações que não expressam a unidade e a diversidade existente no todo. Nossos problemas são sistêmicos, estão interligados e são interdependentes. Para a superação disso, são necessárias metodologias mais abrangentes e adequadas para sua solução. Os atuais problemas que perpassam o espaço acadêmico não podem ser resolvidos com base em enfoques fragmentados que caracterizam nossas instituições acadêmicas, gerados por modelos culturais ou conceituais obsoletos irrelevantes (CAPRA, 1988).

Sabemos que a realidade é complexa, e que isso requer um pensamento abrangente, multidimensional, capaz de compreender a complexidade do real e construir um conhecimento que leve em consideração essa mesma amplitude. Sabemos também que a ciência, como conhecimento sistemático do universo físico, exige uma nova visão de mundo, diferente e não fragmentada, que já não pode ser compreendida como dominação e controle da natureza. Lembramos aqui de Morin (2013 p. 151) quando diz: “a ciência que liberta não aprisiona”. O seu lado bom não pode ser destruído. Entendemos que o desenvolvimento da ciência, da técnica e da tecnologia não pode ignorar os problemas da humanidade relacionados aos aspectos sociais, psíquicos, éticos e morais, no qual incluímos o espaço acadêmico.

Muitos jovens estão numa corrida sem saber como aguentar tanta competição, tantas mudanças. O maior problema está em aguentar o que não é para ser aguentado, está em não sofrer e não apresentar sintomas. Este é o drama da normose: o próprio espaço acadêmico traz essa carga de desordem organizada. Diante disso, surge uma grande dúvida: como transmitir aos nossos jovens uma mensagem que indique um caminho diferente como uma possibilidade não extremista? Sabemos que este sistema está se esgotando e indo à falência. Não podemos abrir mão do que existe nem sair dele. O que podemos orientar é que fiquemos e atravesemos essas contradições, pois, estando dentro do sistema,

teremos condições melhores de tentar os caminhos de mudanças. Todos nós fomos normoticamente torturados no espaço acadêmico, sobretudo propomos mudanças que nos levem a caminhos mais humanos e com resultados mais duradouros que não nos façam adoecer. O espaço acadêmico atual pode ser comparado à famosa cama de Procusto, o bandoleiro da mitologia grega que oferece sua hospitalidade a todos os viajantes. Entretanto, se o hóspede fosse maior que a cama oferecida, Procusto cortava-lhe as pernas, ou se o hóspede fosse menor, ele as esticava naturalmente até chegar ao tamanho da sua cama. Assim está o espaço acadêmico nos dias atuais, rígido e padronizado, com raras exceções (CREMA, 2003).

Em contrapartida, surgem alguns caminhos e propostas com o novo paradigma emergente de se trabalhar as normoses na sociedade, suas fragmentações como um todo e, em consequência disso, também o espaço acadêmico. O paradigma emergente apresenta alguns princípios, entre eles, o conhecimento em rede. No conhecimento de rede, conceitos e teorias estão interconectados. Uma ciência ou uma disciplina não é mais importante do que a outra. A visão do conhecimento em rede constitui um instrumento para a transformação potencial do próprio conhecimento. Todo conhecimento está em processo de construção e reconstrução, é um conjunto de elementos conectados entre si. Se pretendemos educar com o método científico atual, não podemos continuar promovendo a fragmentação disciplinar em que se encontra a educação, escondida atrás da linguagem técnica e matemática, impedindo que cientistas se comuniquem uns com os outros em diferentes campos do conhecimento ou que se realizem as sínteses necessárias. As especializações, cada vez mais específicas e desconectadas entre si, caracterizam a multidisciplinaridade (MORAES, 1997).

Para Morin (2013), a proposta do paradigma emergente para a educação adequa todas as disciplinas científicas, humanistas e integradoras às verdadeiras finalidades educativas fundamentais que foram ocultadas pelas fragmentações disciplinares e pelas compartimentações entre as culturas. Assim, forma jovens capazes de organizar seus conhecimentos em vez de armazená-los por uma acumulação de saberes e ensina a condição humana para que cada pessoa se conscientize do significado de ser humano.

O conjunto das ciências humanas deveria nos levar a discernir entre nosso destino individual, social, histórico, econômico, imaginário, mítico ou religioso. Precisaria nos levar a valorizar ao lado da cultura humanista a literatura, o teatro e o

cinema, para que vejamos os indivíduos em sua singularidade e subjetividade, sua inserção social e histórica, suas paixões, amores, ódios, ambições e ciúmes. Careceria nos ensinar a tomar consciência das realidades humanas, especialmente nas relações com as pessoas, a família, classe, sociedade, nação e história. Necessitaria nos fazer enxergar a complexidade do caráter da condição humana. Teria de nos ensinar a conhecer e enfrentar as incertezas.

O ensinamento da incerteza que caracteriza o mundo deve partir das ciências, particularmente das ciências humanas como a filosofia, a teologia e a antropologia, incluindo a física, que é parte das ciências exatas, e a biologia, das ciências biológicas. Deve ser priorizado o aprendizado da cidadania nos espaços acadêmicos, na medida em que servirá para situar o aluno em sua condição de cidadão e a cidadania do planeta Terra. A religação dos saberes reforça que a missão do ensino que favorece a aptidão do aluno(a) aprendiz mediante uma inteligência espiritual seria a de contextualizar e globalizar conteúdos.

Existe uma enorme diversidade entre os sistemas de educação de um país em relação ao outro. A mundialização dos desafios de nossa época leva à mundialização dos problemas da educação e, por consequência, da academia. Os abalos que permeiam o campo acadêmico são apenas os sintomas de uma única e mesma crise planetária em mutação. Parece até então que não existe uma receita milagrosa, mas existe um senso comum de que desejamos viver em um mundo mais harmonioso.

A tomada de consciência sobre um sistema de educação defasado é explicitada por vários relatórios, colóquios e estudos. O relatório mais recente e mais exaustivo foi elaborado pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, ligada à UNESCO e presidida por Jacques Delors. Este relatório enfatiza claramente os quatro pilares de um novo tipo de educação continuada ao longo de toda a existência: aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a viver, aprender a fazer (NICOLESCU, 1999). Com este importante objetivo, em seu relatório, Delors *et al.* (1997) indicam as grandes tensões a serem superadas: entre o global e o local; entre o universal e o singular; entre tradição e modernidade; entre a longa e a curta duração; entre a competição e a igualdade de oportunidades; entre o extraordinário desenvolvimento do conhecimento e a capacidade de sua assimilação pelo ser humano. Ainda temos uma constatação entre o espiritual e o material. Tem-se aqui uma grande tarefa para a educação: suscitar em cada pessoa, segundo suas

tradições e convicções, elevação do pensamento e do espírito até o universal e a certa transcendência de si mesma. Nesta proposta a UNESCO apresenta soluções para contrapor os caminhos normóticos da sociedade através da educação (CREMA, 2017).

A educação deve transmitir, de fato, eficaz e progressivamente, saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mas orientá-las a projetos de desenvolvimentos individuais e coletivos. À educação cabem fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar por meio dele.

Nesta visão prospectiva, uma resposta puramente quantitativa à necessidade insaciável de educação, uma bagagem escolar cada vez mais pesada, já não é possível nem mesmo adequada. Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança.

Uma nova concepção ampliada de educação deveria fazer com que todos pudessem descobrir reanimar e fortalecer o seu potencial criativo, revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser (MORIN, 2007). Baseada nesta nova proposta da UNESCO, apresentada por Delors *et al.* (1997), descreveremos a seguir o significado de cada um dos quatro pilares.

Primeiro, aprender a conhecer é a aprendizagem de métodos para compreender o mundo, ou seja, parâmetros capazes de facilitar a distinção entre o real e o ilusório para um contato inteligente com os saberes disponíveis. Ele deve ser dotado de um espírito científico fundamentado sobre uma interrogação aberta e permanente, com a recusa da atitude fechada e dogmática. É importante conciliar

uma cultura geral e ampla, passaporte para uma educação permanente ao longo de toda a existência, com a possibilidade de trabalhar um pequeno número de matérias (CREMA, 2017). Também significa a aquisição de habilidades para estabelecer pontes entre os diferentes saberes e os seus significados para a vida cotidiana, entre os saberes, as significações e o universo interior. A dinâmica transdisciplinar é o complemento indispensável para o próprio desenvolvimento disciplinar, já que conduz um ser capaz de se adaptar às exigências mutantes da vida profissional, dotado de uma flexibilidade, orientado para a atualização de seus potenciais intelectuais (NICOLESCU, 1999).

Segundo, aprender a fazer é a tarefa de colocar em prática os conhecimentos e de adquirir uma qualificação profissional e uma competência que possibilite ao aprendiz fazer perante numerosas situações práticas como, por exemplo, trabalhar em equipe, uma dimensão essencial na abordagem transdisciplinar que considera a diversidade de saberes na ordem da complementaridade e da sinergia. Trata-se de conciliar a necessidade da especialização no aprendizado de uma profissão com uma visão mais global e com uma ação criativa e flexível. Esta competência e as suas qualificações tornam-se mais acessíveis se os estudantes tiverem a capacidade de testar suas capacidades em atividades profissionais e sociais paralelamente aos estudos. Neste sentido há uma mesma realidade na alternância entre a academia e o trabalho (CREMA, 2017).

Terceiro, aprender a conviver, sem dúvida, representa um dos maiores desafios da educação. O que observamos nos meios de comunicação é um mundo de violência que se opõe à esperança imposta por alguns no progresso da humanidade. A opinião pública, nos meios de comunicação social, torna-se observadora e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora, a educação não pôde fazer algo notável para modificar esta situação real. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos tendem a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza, atualmente, a atividade econômica, no interior de cada país, e, sobretudo, em nível internacional, tende a dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. Essa é a sociedade normótica em que vivemos. De fato, esta competição resulta, atualmente, numa guerra econômica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres, que divide as nações do mundo e exacerba

as rivalidades históricas. Sabemos que a cultura educacional vigente contribui para que o espaço acadêmico seja reprodutor desses *habitus* normóticos (MORIN, 2007). Diante disso, este pilar sugere viver consigo, com o outro, com a comunidade, com a natureza e com a própria vida. Dessa forma, nos deparamos com o desafio da alteridade, isto é, reconhecer a si mesmo no semblante do outro, o que exige um processo permanente de aprendizagem, respeito às próprias convicções religiosas e políticas. Contudo, isso fará com que se viva em harmonia, diminuindo assim toda a sorte de violência proposta por causa de diferenças (CREMA, 2017).

Quarto, aprender a ser significa que a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, ou seja, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. Aprender a ser coopera ao ser humano tanto o desenvolvimento positivo de sua personalidade quanto à capacidade de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Por isso, a educação não deve negligenciar quaisquer potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas com a elaboração de programas, mas também com a definição de novas políticas pedagógicas (MORIN, 2007). Aprender a ser é uma renovação educacional, pois facilita o desenvolvimento do potencial evolutivo de cada ser humano. Esta meta solicita uma pedagogia iniciática, que inicie o ser humano, com o desenvolvimento dos seus talentos vocacionais particulares, que favoreça o desvelar de uma inteligência espiritual que possibilite a expressão do carisma de cada um cultivado na tarefa de compreender o mundo e a si mesmo. Aprender a ser implica em conciliar o ser humano em suas dimensões pessoal e transpessoal inerentes a cada indivíduo.

Esses quatro pilares são as novas práxis educacionais, ou melhor, novos referenciais em que se propõe uma atitude reflexiva e crítica sobre os aspectos educacionais e as teorias que os fundamentam. Dessa forma o espaço acadêmico

poderá se tornar disseminador de uma educação que integra o desenvolvimento das dimensões humanas: saber conhecer, saber ser, saber conviver e saber fazer. Nesses quatro pilares apresentados pela UNESCO, encontramos espaços para desenvolver a espiritualidade como inteligência humana, objetivo desta tese, que estamos denominando de inteligência espiritual.

Os quatro pilares da educação da UNESCO vai de encontro ao que Nicolescu (1999) chama de transdisciplinaridade, que sinaliza o advento de cultura transdisciplinar, que poderá contribuir para a eliminação das tensões que ameaçam a vida em nosso planeta. Contudo isso se torna impossível sem uma nova educação que considere todas as dimensões do ser humano. Os referenciais educacionais também conversam com o que Morin (2007) chamou de religações dos saberes, pontos que se encontram ausentes do ensino e que deveriam ser considerados essenciais como a arte de organizar o pensamento, de religar e ao mesmo tempo diferenciar, assim como favorecer a aptidão natural do espírito humano a contextualizar e globalizar. Os pilares da educação apresentados por Delors/UNESCO também dialogam com o que Moraes (1997) chamou de o “paradigma educacional emergente”, em que questiona qual referencial teórico seria capaz de nortear a busca de um novo paradigma para a educação e de conciliar o que está acontecendo no mundo da ciência com os avanços científicos e tecnológicos e com a necessidade emergente da construção e reconstrução do ser humano. Sua proposta foi construir um novo ambiente de aprendizagem em que o ser humano fosse compreendido em sua multidimensionalidade.

Os referenciais educacionais da UNESCO propostos por Delors *et al.* (1997) também debatem com o que Crema (2009) chamou de horizontes de um novo aprender a aprender: conhecer, fazer, conviver e ser. Esses seriam uma nobre tarefa de a educação suscitar em cada pessoa seus valores, talentos e um viver diferenciado de acordo com sua missão e vocação. A partir desse movimento mundial no sistema educacional vigente percebemos ser possível falar sobre a espiritualidade humana no espaço acadêmico. Novas possibilidades se abrem e a inteligência espiritual encontra lugar fértil nessas pesquisas, nesses estudos e nessas novas propostas para a educação no mundo. Possibilitar o estudo da inteligência espiritual no espaço acadêmico viabiliza conhecer e vivenciar o ensinamento da própria condição humana, que é o princípio da incerteza.

Assim, concluímos que mesmo sendo o espaço acadêmico um reprodutor da cultura normótica e estando ainda vivendo no paradigma vigente da racionalidade, observamos pelas pesquisas realizadas uma movimentação mundial em prol de mudanças desta realidade. Grupos mundiais de cientistas do mundo inteiro estão preocupados com o caminhar da educação, pois necessita de mudanças.

No próximo tópico demonstraremos o conceito de *habitus* como o legitimador da cultura normótica. Este conteúdo nos ajudará a compreender as normoses presentes no espaço acadêmico, uma vez que partem de um conjunto de valores que legitima a ação das pessoas, os *habitus*. Nosso questionamento a partir desta compreensão seria: é possível introduzirmos novos valores no espaço acadêmico e esses estariam aptos para legitimar a ação das pessoas, ou seja, seria a inteligência espiritual capaz de levantar novos desafios ante o novo paradigma, na construção de novos *habitus* capazes de legitimar novos valores, contrapondo a cultura normótica?

3.2 *HABITUS*, O LEGITIMADOR DA CULTURA NORMÓTICA

A sociedade atual é habitada por variadas expectativas denominadas de normoses: a do homem ideal, a mulher ideal, casal ideal, sociedade ideal, a profissão ideal entre outras. Há um momento em que a tarefa seja renunciar a esse ideal para estar livre da idealização e começar a trabalhar com o ser humano real, com a sociedade tal qual ela é. E a partir dessa realidade tal qual ela é, novamente ser capaz de dar um passo a mais. Sabemos que estamos atrelados às normoses da sociedade contemporânea. Por normose entendemos estar estagnados. Retidos numa imagem, num sintoma, numa ideia sem o devido espaço para olharmos e conhecermos outras propostas diferentes, quase fazemos tudo sem perceber. Para Weil (2003) esse é um drama inconsciente. Nesta cegueira a sociedade contemporânea encontra-se mergulhada no pântano da compulsão-repetição, que são os *habitus* que começam no indivíduo. Esse ser humano desajustado cria uma sociedade também desajustada porque reprime os valores fundamentais, desenvolvendo normoses específicas como, por exemplo, uma sociedade competitiva, em que insistem o mundo empresarial e o espaço acadêmico. A ênfase

na competição reflete-se no aspecto econômico de exclusão e de extremo consumismo. Este autor continua reafirmando que estamos diante de uma sociedade patológica que destrói a natureza com seu consumismo, expressando com isso um apego coletivo. A normose é fundamentada em *habitus* que são constantes repetições que levam a um condicionamento, e por fim a comportamentos considerados normais.

Na perspectiva crítica de Setton (2002), o conceito de *habitus* é um instrumento que nos auxilia a pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. Ele pode ser mudado e ressignificado. *Habitus* é uma noção que nos auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação, consciente ou inconsciente. *Habitus* é como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controversa, creio que a teoria do *habitus* nos habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo.

Esse conceito tem uma longa história nas ciências humanas. Trata-se de uma palavra latina utilizada pela tradição escolástica que traduz a noção grega *hexis* utilizada por Aristóteles para designar então características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem. Durkheim (1947) faz uso do conceito para designar um estado geral dos indivíduos, estado interior e profundo que orienta suas ações de forma durável. Mais especificamente, Durkheim (1947) citou esse conceito em duas situações singulares: as sociedades tradicionais e os internatos. Na primeira, considera o grupo realizando de maneira regular uma uniformidade intelectual e moral. Tudo seria comum a todos: prática, normas e procedimentos. No segundo caso, emprega o conceito da noção cristã como uma forma de educação que englobaria a criança integralmente como influência única e constante. O *habitus*, em Durkheim (1947), corresponderia perfeitamente à situação de internato, uma instituição social total, com várias regras, normas e procedimentos. A educação estaria organizada de maneira que produzisse um efeito profundo e duradouro. Assim seria possível afirmar que a coerência das disposições sociais que cada ser

social interioriza dependeria da coerência dos princípios de socialização aos quais os indivíduos estão submetidos.

Para Bourdieu (1982 p. 92), ao utilizar o conceito de *habitus*, mostra que

a cultura não é só um código comum, nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas comuns ou um grupo de esquemas de pensamento particulares e particularizados. É, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, precisamente assimilados a partir dos quais se engendram, segundo uma arte da invenção semelhante à de uma escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares.

No entanto, essa teoria, logo depois sistematizada por Bourdieu, atribui um sentido mais preciso ao conceito. A partir de pesquisas realizadas na Argélia e entre camponeses da região francesa de Béarn, tal conceito surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais (BOURDIEU, 1982).

Na leitura de Elias (1996), *habitus* é compreendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. Se *habitus* foi concebido como princípio mediador, princípio de correspondência entre as práticas individuais e as condições sociais de existência, foi no seu desajustamento que ele se tornou explícito.

Em pesquisas empreendidas na Argélia nos anos de 1950 e 1960, Bourdieu (1963) observou a situação de desamparo de indivíduos arrancados de um universo rural e submetidos a um ambiente urbano e capitalista. Sem os instrumentos e/ou categorias de percepção que os ajudassem nesta situação de desamparo, como compreender o comportamento e as práticas desses indivíduos? Formulada em um contexto específico, a noção de *habitus* adquire um alcance universal, tornando-se um instrumento conceitual, ao permitir examinar a coerência das características mais diversas de indivíduos dispostos às mesmas condições de existência. Assim, esse conceito propõe identificar a mediação entre indivíduo e sociedade como uma das questões centrais da produção teórica desse autor. *Habitus* surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as

realidades individuais capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades.

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas e estruturantes, adquirido nas e pelas experiências práticas em condições sociais específicas de existência, constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. Ele é uma subjetividade socializada. Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação experimentado e praticado, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam (BOURDIEU, 1982).

É um instrumento conceitual que auxilia grupos a terem certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos produtos de uma mesma trajetória social. Assim o conceito consegue esclarecer o princípio de parte das disposições práticas frequentemente vistas de maneira difusa. Em razão disso não pode ser interpretado apenas como sinônimo de uma memória sedimentada e imutável. É também um sistema de disposição construído continuamente, aberto e constantemente sujeito a novas experiências. Pode ser visto como um estoque de disposições incorporadas, mas praticadas a partir de estímulos conjunturais de um campo. É possível vê-lo, pois, como um sistema de disposição que predispõe à reflexão e a certa consciência das práticas, se e à medida que um feixe de condições históricas permitirem (BOURDIEU, 2007).

Em essência, o conceito de *habitus* busca romper com as interpretações deterministas e unidimensionais das práticas. Os *habitus* individuais, produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa. É possível pensar o indivíduo portador de uma experiência que o predispõe a construir sua própria identidade, a fazer suas próprias escolhas sem obedecer cega e unicamente a uma memória incorporada e inconsciente. Trata-se de uma experiência incorporada, mas também em construção contínua na forma de um *habitus* que habilita o indivíduo a construir-se processual e relacionalmente com base em lógicas práticas de ação conscientes ou inconscientes. Na falta de um eixo

estruturador único (família, escola e/ou cultura de massa) e pela circularidade das referências, o indivíduo contemporâneo estaria mantendo novas relações com o mundo exterior (BOURDIEU, 2007).

Para Bourdieu (2007), o princípio unificador e gerador de todas as práticas, em particular orientações descritas como escolhas da vocação, seria a mudança de *habitus*, isto é, um sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas, e que como lugar tende a produzir práticas. O *habitus* constitui um princípio gerador que impõe um esquema durável, flexível a ponto de possibilitar improvisações regulares. Por sua vez o *habitus* deverá ser visto como um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas diferenciadas que permitem resolver os problemas da mesma forma dos resultados obtidos.

O *habitus* vem a ser um princípio operador que leva a cabo a interação entre dois sistemas de relações. Ele constitui o fundamento mais sólido e melhor dissimulado da integração dos grupos ou classes. Seria um conjunto de esquemas implantado desde a primeira educação familiar e constantemente repostos e reatualizados que demarcam os limites da consciência possível de ser mobilizada pelos grupos ou classes, sendo responsável pelo campo de sentido em que operam as relações de força.

De acordo com o conceito de *habitus* em Bourdieu (2007), observamos que os *habitus* dão sustentação às normoses. Mesmo esses *habitus* não sendo estáticos em muitos momentos, porque eles se modificam para atender as exigências próprias da sociedade, eles se mantêm por constituírem o fundamento de integração entre as pessoas e os grupos.

Bourdieu (2007) aborda que a escola propicia aos indivíduos um corpo comum de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação. A educação tende a assumir uma função de integração lógica de modo cada vez mais completo e exclusivo na medida em que seus conhecimentos progridem e que os indivíduos devem à escola um repertório de lugares comuns, não apenas discurso e linguagem comum, mas problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas.

O autor afirma que cultura não é apenas um código comum nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas recorrentes. Ela constitui um conjunto

comum de esquemas fundamentais previamente assimilados, e a partir dos quais se articula segundo uma arte da invenção. A cultura e os sistemas simbólicos são um instrumento de poder e de legitimação da ordem vigente. Esta cultura produz *habitus*, ou seja, práticas que resultam da relação dialética entre uma estrutura por intermédio dos *habitus*, como *modus operandi*, e uma conjuntura entendida como as condições de atualização deste *habitus*, e que não passa de um estado particular da estrutura.

A sociedade contemporânea é submersa em muitos *habitus*. Vive a normose do consumismo em todos os aspectos, que é reforçada pela normose da competitividade, alimentada pelo sistema educativo. Temos o consumo exagerado de quase tudo: alimentos, compra de roupas, calçados, carros, eletrodomésticos e outros. Para atender a todas essas novas necessidades, impulsos, compulsões e vícios, assim como oferecer novos mecanismos à conduta humana, a economia consumista tem de basear-se no excesso e no desperdício. A sociedade de consumo com seus *habitus* tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar ou mesmo sonhar. E a promessa de satisfação só é sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito (BAUMAN, 2008).

As crianças, antes mesmo de aprenderem a ler, já estão dependentes das compras. Esse *habitus* se estabelece nas crianças numa sociedade de consumidores, em que todos são consumidores por vocação. A vocação consumista se baseia nos desempenhos individuais. Bombardeados por todos os lados por sugestões do que precisam para se manterem na posição social que desejam, têm de acompanhar essas ofertas e sugestões para isso serem bem vistos e reconhecidos pela sociedade atual. É preciso estar atento, e vale como uma advertência, que, faça o que fizer em relação ao consumo, nada dura para sempre, isto é, qualquer garantia de segurança deverá ser renovada. O nível de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento porque o ato de assumir o palco, de estar em evidência, exige manter outras pessoas fora dele. Isso é desumano. Esse palco é a atenção do público. A síndrome consumista degradou a duração e elevou a efemeridade. Ela eleva o valor da novidade acima do valor da permanência das coisas (BAUMAN, 2008).

Tudo é efêmero, tudo é passageiro, não se faz história, ou melhor, não se tem tempo de construí-las. O mercado não deixa. Como vivemos nessa busca

exacerbada, não temos espaços para pensar. Todos os dias são novos produtos, novas tecnologias, afetando dessa forma o processo de formação da carreira, principalmente dos jovens que acreditam poder acompanhar essa corrida. Essa realidade os tira do foco, porque vivemos em um mundo plástico, volátil, sem fundamentação e estrutura, tudo muda o tempo todo. Em contraposição a essa cultura normótica, surgem os desafios de um novo paradigma, conjuntamente, a proposta da inteligência espiritual com a possibilidade de nos proporcionar um novo olhar, de criar novos *habitus*.

Nesta nova proposta precisamos nos atentar ao fato de que até mesmo o Sagrado está sendo comercializado pela sociedade contemporânea normótica. Nada escapa aos olhos do mercado. E a espiritualidade tem sido um item muito trabalhado nestes últimos anos pelo despertar das pessoas em procurar nova forma de viver ou porque foram alcançadas por pessoas e grupos comercializando e promovendo uma resolução de problemas, cura, emprego, tudo através de conteúdos espirituais. As próprias organizações estão utilizando conteúdos da espiritualidade para levar aos seus colaboradores metodologias e elementos que os tornem mais calmos, sem ansiedade e estresse, pois, na medida em que eles se tornam mais produtivos, geram mais lucros à empresa. Além disso, é bastante positivo para a imagem de uma empresa que ela seja notada nas mídias sociais como uma instituição que se importa com seus colaboradores e com a qualidade de vida deles.

Passos (2017) considera que o capitalismo pós-moderno alcançou um estágio muito alto de sofisticação que conseguiu colocar a criatura à frente do criador. O momento atual do sistema capitalista colocou o consumo numa escala superior à produção. O consumo deixou de compor a base material da vida para ocupar um espaço como produtor de sentido e significado existenciais. As tecnologias atuais são capazes de sublimar os desejos mais contidos em algo concreto e objetivo.

O campo material é sacralizado e revestido por uma mística simbólica que sobrepõe o sujeito. A vida contemporânea se tornou uma grande vitrine. As disputas da vida nessa grande e sortida vitrine pretendem ocupar os maiores e melhores espaços aos olhos dos consumidores. Passos (2017) apresenta a ideia das normoses que se mantêm pelos *habitus* na sociedade contemporânea quando ressalta que há uma cartilha mercadológica que prescreve o que se esperar das principais demandas humanas. Exemplo disso, entre outros, é a saúde, que se tornou sinônimo de magreza de corpos torneados e esculturais, ingestão de

qualquer coisa menos de comida *in natura*, ou seja, de substâncias embaladas em potes, envelopes, cápsulas, farelos e energizantes. Quanto ao dinheiro, a pessoa precisa sempre de muito. O que tem não basta. Precisa de mais, porém isso não gera sentido e liberdade, ao contrário, escraviza. Permite o sujeito conhecer o mundo, mas, se perdendo de si mesmo, se transforma numa mercadoria forte e num ser humano fraco.

A era da informação não possibilitou ao ser humano mais sabedoria e sensibilidade. Quanto mais conhecimento produzimos menos assimilamos, porque tudo encontra-se nas prateleiras. São mercadorias. Não fazem parte de nós. Os resultados disso tudo são a despolitização da juventude, ou seja, temos uma juventude que não se importa com o que está acontecendo, uma sociedade sem heróis. Herói ou heroína são aqueles ou aquelas que conseguem se manter em evidência no palco das redes sociais, com divulgação de suas vidas, de sua intimidade, coisas fúteis. A televisão apresenta os *reality shows*, com confinamento de pessoas e elas brigando entre si por causas banais, em que moças e rapazes exibem seus corpos tatuados, promovendo com isso o fortalecimento de *habitus* em uma sociedade plástica, líquida, onde tudo é passageiro e efêmero. Há uma produção crescente de lixo e resíduos destrutivos para a natureza, bem como uma banalização da violência, em que recebemos constantemente mensagens e vídeos e filmes violentos. Vivemos uma falta de sentido e significado para a vida, produtos de uma sociedade constituída por um *habitus* legitimador da cultura normótica.

A cultura normótica considera tudo normal, e o que escapa a essa normalidade está fora do parâmetro de viver nesta sociedade. É nessa realidade que se encontra o espaço acadêmico, que é uma síntese do que a sociedade produz, isto é, síntese das inteligências sociais. Diríamos ainda que seria o grande sustentador e reproduzidor de uma cultura normótica, que é a síndrome da normalidade.

Na abordagem de Baumam (2008), a sociedade atual está um pouco distante de viver uma vida diferente, pois a realidade que vivemos se opõe ao que apontam os fetichistas da comunicação. Os servidores do mundo armazenam informações para que a nova cultura líquido-moderna possa substituir o aprendizado pelo esquecimento como maior força motriz das atividades de vida dos consumidores. Os servidores engolem e armazenam as marcas de dissensão e protesto para que a política líquido-moderna possa ir em frente sem sofrer influências nem interrupções,

substituindo o confronto e a argumentação por frases descontextualizadas e oportunidades para fotos, pois tudo deve ser devidamente registrado. Por isso esse autor reforça que a vida do consumidor, a vida de consumo, não se refere à aquisição e posse, tampouco com o se livrar do que foi adquirido anteontem e exibido com orgulho no dia seguinte, mas, acima de tudo, a estar em movimento. Essa vida deve estar em constante movimento. Deve ser plástica, volátil, não gerar permanência.

Para Crema (2017) tal impermanência ligada à vida da sociedade contemporânea, sustentada em seu conjunto de valores normóticos produzido pelos *habitus*, são produtos de algumas normoses específicas, entre elas, podemos citar a normose da especialização, que é a estreiteza do olhar e da escuta. Sob esse enfoque, todos são dependentes de todos, cada qual com seu saber, desprovidos de uma visão da totalidade. O especialista é aquele normótico que sabe quase tudo de quase nada. Dotado de algum saber funcional, ele se orgulha da unilateralidade de sua visão de sua ação, ou melhor, é dotado de uma viseira sofisticada, mas que lhe impossibilita a visão ampla.

Outra normose que a sociedade contemporânea está submersa e produz essa impermanência é a da estética, culto narcisista de uma beleza exclusivamente exterior e que, em muitos casos, inflige danos. O consumo compulsivo e normótico fomenta o uso de certos medicamentos para dietas e o abuso de cirurgias estéticas. Há uma distorcida ginástica mecanicista que consiste em manter a barriga para dentro e o peito para fora, geradora de uma hipertrofia muscular, exercícios para manter especificamente a estética do corpo sem olhar o gesto físico, a respiração e a consciência. Precisamos pensar em uma prática física que seja integrada à alma e à consciência. A inteligência espiritual diz que a verdadeira beleza advém de uma integração do corpo com a alma (CREMA, 2017).

Outra normose é a negação da impermanência, negação da morte, que não é próprio do ser humano saudável envelhecer, ao passo que a inteligência espiritual nos indica que existem estações da existência. Por exemplo, a primavera é o tempo-espaco destinado para aprender. O verão é a inserção na sociedade mediante uma prática vocacional e o exercício da cidadania. O outono é o tempo de oferta dos frutos da própria colheita. E o inverno é a estação da preparação para o retorno ao lar. A juventude não diz respeito à idade cronológica, mas é um estar desperto,

inteiro e afinado com as estações da existência. Juventude é um estado de consciência capaz de aceitar o que se é (CREMA, 2003).

Para Crema (2017), a normose tem-nos conduzido a um sono em que ficamos em total desconexão com a nossa própria condição humana, como também um profundo distanciamento da natureza. A normose tem comprometido a harmonia e o equilíbrio da vida, fazendo de nós, a humanidade, agentes de um processo destrutivo e desagregador, processo cuja faceta dramática é preciso enfrentar com certa indignação para que possamos mudar o curso dessa série de ações violentas e absurdas que têm caracterizado a dita civilização moderna.

Essa desconexão normótica tem norteado as atitudes da grande maioria dos seres humanos para com o planeta, num total desrespeito pela teia da vida. Os *habitus* desta sociedade contemporânea nos anestesiaram e banalizaram o que deveria ser o deslumbramento. São muitos os *habitus* que fundamentam esta sociedade normótica que precisam ser superados para assumirmos nossa autenticidade e transparência humana, requisitos que poderão ser aprendidos com a inteligência espiritual. Precisamos nos desvertir das *personas* normóticas do poder, da embriaguez, da vaidade, da burocracia, do consumismo, da especialização e de tantos outros disfarces normóticos para nos vestirmos de uma humanidade que seja vocacionada. Quando a normose predomina, a saúde autêntica se expressa por meio de um desajustamento saudável, de uma revolta lúcida, de uma angústia sóbria. Por isso temos tantas pessoas doentes na sociedade por ser meras repetidoras de *habitus* que a fazem adoecer sem perceber e sem terem consciência disso.

Nestas condições encontra-se a sociedade contemporânea, envolta em *habitus*. É nesta realidade que estamos apresentando a inteligência espiritual para contrapormos a cultura normótica. Reafirmamos aqui o conceito de *habitus* em Bourdieu (1982) que ele constitui um princípio gerador que impõe um esquema durável, flexível a ponto de possibilitar improvisações regulares, e que também constitui o fundamento mais sólido e mais bem dissimulado da integração dos grupos ou classes. Esses *habitus* são responsáveis pelo campo de sentido em que operam as relações de força. Mesmo não sendo estáticos, em muitos momentos, eles se modificam para atender as exigências próprias da sociedade. Eles se mantêm porque constituem o fundamento de integração entre as pessoas e os grupos. Baseados nesta teoria de Bourdieu (1982) demonstramos que é possível

introduzir e trabalhar conteúdos da inteligência espiritual no espaço acadêmico, pois sabemos que tomar consciência sobre esses aspectos requer um tipo determinado de disposições e a posse direta ou imediata de um discurso capaz de assegurar o domínio simbólico dos princípios dominados pelo *habitus* de uma sociedade.

A partir do estudo dessa teoria e posicionamento de outros teóricos, a inteligência espiritual demonstra que é possível contrapor esses *habitus* que sustentam as normoses adquirindo-se novos *hábitus*. Compreendemos a partir do conceito de *habitus* em Bourdieu (1982), que uma sociedade não se constitui nem se fundamenta sem os *habitus*. E assim como se formam *habitus* negativos, podem também construir *habitus* positivos. É possível não perder a sabedoria nem a sensibilidade. Isso não significa que vamos deixar de consumir mercadorias, mas, acima de tudo, que teremos consciência desse consumo, não nos deixaremos adoecer ou escravizar, que encontraremos uma nova forma de viver que seja saudável e feliz, descobrindo um verdadeiro sentido para existirmos que não estão em coisas.

O exercício da inteligência espiritual não consiste em ter grandes ideias e maravilhosos projetos, e sim em dar um passo a mais a partir do ponto que nos encontramos. É típico e sintomático da normose a patologia da pequenez, ou seja, ver sempre como pequenas as coisas grandes como, por exemplo, a ética da benção, do bem olhar e do bem dizer, que tem o dom de facilitar que a pessoa se conecte com o melhor de si mesma. A palavra que proferimos poderá estruturar o outro e ao mesmo tempo nos modelar. Assim como a visão que tem uma função em duplo sentido, além do poder de condicionar o outro, nós acabamos nos tornando naquilo no qual fixamos o nosso olhar. Isso é inteligência espiritual.

A inteligência espiritual apresentada nesta pesquisa tem a capacidade de nos levar para além dos *habitus* que sustentam a normose em que vivemos e nos fazer olhar em outra direção capaz de nos apresentar novos caminhos de como modificar esta sociedade normótica. Baseados nessa proposta da inteligência espiritual e como comprovação de nossa hipótese, no próximo tópico, demonstraremos que essa inteligência se apresenta como desafio à cultura normótica ao apresentarmos o trabalho de campo por nós desenvolvido na PUC Goiás.

3.3 A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL COMO DESAFIO À CULTURA NORMÓTICA: O CASO DA PUC GOIÁS

Estamos todos incomodados com a realidade que vivemos na sociedade atual. Diversas pessoas têm-se levantado para apresentar novas soluções e ideias de como lançar desafios para contrapor a cultura normótica, com a introdução e sugestão de novos *habitus*, novos rumos para transformar esta realidade eminente. Um repensar sobre o tema passa a ser requerido, bem como novos debates, novas ideias, articulações, buscas, construções e novos desafios, com base em novos fundamentos. Em consequência, inicia-se um processo de mudança conceitual. Surge uma forma de pensamento totalmente diferente, uma proposta de transição de um modelo para outro, decorrente da insatisfação com modelos vigentes atuais.

Partindo de um tipo de pensamento que trata as coisas em sua totalidade e compreende o mundo mais amplo e complexo, estamos na busca de contribuir com um novo paradigma para a sociedade, demonstrando com a experiência realizada na disciplina de Teologia da PUC Goiás a introdução de conteúdos sobre a espiritualidade humana, em que apresentamos ser possível estudar sobre a espiritualidade no espaço acadêmico. Essa possibilidade envolve o processo de construção do conhecimento e sua organização, associados à necessidade de desenvolvimento de uma nova visão de mundo capaz de colaborar para um novo posicionamento do ser humano no espaço acadêmico.

Na história da PUC Goiás, a disciplina Teologia perpassa por todas as graduações. Não está atrelada a uma área apenas do conhecimento. E para melhor compreensão dos aspectos que estamos desenvolvendo nesta pesquisa, falamos aqui sobre a história da PUC Goiás, fundada em 1959 como uma instituição pioneira em Educação Superior no Centro-Oeste. Conta com 51 cursos de graduação, 72 especializações, 14 mestrados e 3 doutorados. É respeitada nacionalmente, tendo consolidado, ao longo de sua história, a qualidade de ensino, da pesquisa e da extensão. Tem, portanto, uma tradição a ser conservada e respeitada. A longa tradição educacional da PUC Goiás confirma que a vida universitária apresenta uma realidade bem distinta daquela experimentada educacionalmente lá fora. Na Universidade, o estudante é desafiado a construir sua autonomia intelectual e se

torna responsável pela gestão de suas atividades acadêmicas, além de receber uma formação humana e orientação para vida e carreira.

A PUC Goiás tem as dimensões de uma cidade universitária. O discente passa a integrar uma comunidade composta de mais de 25 mil estudantes de graduação e pós-graduação. No âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, a PUC Goiás mantém institutos, centros, programas, projetos e núcleos de pesquisa. Para viabilizar sua missão educacional, conta com amplo quadro de professores (especialistas, mestres e doutores) e de funcionários administrativos (também especialistas, mestres e doutores).

O objetivo central das Universidades Católicas é servir à verdade em todos os campos do conhecimento, ou melhor, é a busca da verdade. Para atingir essa meta procura uma integração de fé e vida. Faz mediação entre ciência que investiga a verdade e a fé que ilumina a trajetória na sua busca. O papa João Paulo II, na Constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas, mostra que a preocupação da Igreja é com o ser humano e sua integralidade, visto que a cultura é dele mesmo, provém dele e é para ele. O papel principal das Universidades Católicas é fazer esta mediação entre a vida plena da pessoa humana e a fé (RIBEIRO, 2004).

Em um mundo tão pragmático, em meio a uma sociedade de consumo que afirma que o ser humano é igual à produção e ao dinheiro, surgem as universidades de fundamentação cristã que irão se contrapor a essa situação na qual as coisas valem cada vez mais e as pessoas cada vez menos, pois o ideal dessas instituições é promover a valorização e promoção integral do ser humano. É neste contexto que surge a PUC Goiás com seu procedimento diferenciado em relação ao seu corpo discente quando em sua grade curricular introduz a disciplina Teologia. Existe uma missão pertinente a estas universidades e faculdades católicas, a coerência com a fé cristã e o compromisso também da divulgação dessa fé. O Concílio Vaticano II ressalta:

A Igreja cuida das escolas superiores, faculdades e universidades. No que dela depende, procura organizar o ensino de acordo com os princípios próprios de cada disciplina, seu método e a liberdade de que deve gozar para investigar no seu campo, em vista do desenvolvimento do saber, do avanço nas questões novas e do aprofundamento das pesquisas, seguindo os passos dos doutores da Igreja, especialmente de Tomás de Aquino, o que permitirá ver melhor de que modo à fé e a ciência caminham na mesma direção (CONCÍLIO VATICANO II, 2007).

A disciplina Teologia ocupa espaço relevante na grade curricular de todos os cursos nas Universidades Católicas no Brasil e no mundo, e pode-se entender que sua existência decorre de a educação para essas instituições implicar em um compromisso na formação integral e crítica dos seus discentes.

Sabemos que não tem sido um processo fácil, pois ainda estamos vivendo o modelo vigente atual, o paradigma da racionalidade. No entanto, com a experiência realizada na PUC Goiás, na disciplina Teologia, observamos que é possível trabalhar conteúdos sobre a espiritualidade humana que despertem nas pessoas um sentimento de cuidado, bondade, ética e, sobretudo de organização da própria vida, cuidar da carreira e do caminho da vocação. Trabalhamos durante dois anos com graduações diferentes e adequamos a ementa e o plano de aula da disciplina Teologia para cada área do conhecimento na universidade (ciências humanas, ciências sociais, ciências da vida e as ciências exatas). Utilizamos um modelo padrão adequando uma ou outra necessidade temática em cada área específica.

De forma geral a disciplina Teologia sofreu adaptações, em seu plano semestral, em relação a conteúdos da espiritualidade humana. Apresentaremos a seguir o plano dessa disciplina na area de ciências humanas para formação de professores para exemplificar como fazíamos as adequações aos conteúdos propostos por essa disciplina.⁶

⁶ Os demais planos referentes às areas ciências da vida, ciências sociais e aplicada e ciências exatas estarão anexos ao final desta tese (Anexos IV, V e VI e VII).



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

PLANO DE ENSINO

DISCIPLINA: TEOLOGIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	CODIGO: FIT 1720
CURSO: EDUCAÇÃO FÍSICA	SEMESTRE LETIVO: 2012/2
Prof.^a: DEUSILENE LEÃO	TURMA: C03

EMENTA

Possibilitar a compreensão de que existe no ser humano uma dimensão espiritual que o leva ao despertar da consciência, à transformação da vida, a organizar qual caminho deve seguir, descobrindo sentido e significado para sua existência, incluindo as reflexões sobre as relações entre o fenômeno religioso e as realidades sociais, políticas e econômicas no Brasil e na América Latina, tendo como ponto de partida a tradição teológica cristã latino-americana, e como eixos de referência os valores evangélicos da solidariedade, da justiça, do cuidado, da responsabilidade e da compaixão.

OBJETIVO GERAL

Reconhecer a importância da Teologia como espaço metadisciplinar para a construção de uma visão global da existência humana e de seu mundo como sistema complexo de valores para uma prática crítica das ciências sociais e humanas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o processo histórico da espiritualidade a partir da manifestação do sagrado nas tradições religiosas.
- Tomar consciência da existência de um mundo espiritual do qual fazemos parte.

- Possibilitar uma organização da vida, orientação da carreira descobrindo o caminho da vocação.
- Possibilitar novos caminhos como uma ética superior, valorização do outro.
- Criar seu sistema pessoal de valores.
- Desenvolver a inteligência espiritual e o despertar da consciência.
- Experimentar espiritualidade e transdisciplinaridade.
- Utilizar criticamente ideias e modelos das tradições teológicas para enfrentar questões transdisciplinares na área das ciências que tratam da formação de professores.
- Propor questões emergentes da sociedade atual e exercitar uma postura crítica diante delas a partir da tradição teológica que define a identidade da PUC Goiás.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas teóricas e expositivas, com o uso de recursos audiovisuais.
- Utilização de vídeos, músicas, danças sagradas e poemas.
- Aulas práticas com trabalhos individuais e em grupo (seminários, debates e oficinas voltadas para cada área); dinâmicas de grupo, com vivências específicas para cada área do conhecimento.
- Pesquisas de campo junto a diversas religiões, tradições e culturas.

AValiação

- Avaliação escrita individual com questões objetivas e discursivas (N1 e N2).
- Trabalhos práticos individuais e em grupo, com apresentação em slides.
- Atividades complementares: tarefa para casa, leitura dos textos.
- Atividades AED mensais com carga horária de 2 horas cada.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO | CRONOGRAMA PROVÁVEL

PARTE I – TEOLOGIA, RELIGIÃO E FENÔMENO RELIGIOSO	
	Apresentação do Programa da disciplina Fé, Teologia e Ciência no espaço acadêmico (Gil Barreto Neves)
	A Transformação pelo Encontro (Deusilene Leão) A vivência dos quatro elementos (água, ar, fogo e terra)
	A existência de um mundo invisível, a manifestação do sagrado; a existência de um ser superior. Elementos e Estrutura do Fenômeno Religioso (Haroldo Reimer)
	A pessoa humana como ser que necessita da espiritualidade Religião e Sociedade: a eterna busca de sentido (Carolina Teles) Conceito e Interpretações da Religião (Luigi Schiavo)
	As Religiões e seus Textos Sagrados (Valmor da Silva)
	Panorama Religioso do Brasil (Alberto da Silva Moreira)
	Vídeo “Quem Somos Nós?” Fazer uma síntese do filme colocando sua opinião no final 0,2 pts.
PARTE II – RELIGIÃO, SER HUMANO E CULTURA	
	O caminho da espiritualidade Carnaval da Alma, Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era; (Leila Amaral)
	A contribuição Xamânica para o Fenômeno Religioso no Mundo (Deusilene Leão)
	Como se manifesta a espiritualidade Paz: Vocação e compromisso das Religiões (Ivoni Richter Reimer)
	Uma Ética para Salvar a Terra (Leonardo Boff) VÍDEO SOBRE ÉTICA E MORAL – MÁRIO SÉRGIO CORTELLA – PUC-SP Ética para a vida
	A Ética da Ação Comunicativa e da Justiça/Princípios e Valores Éticos da Carta da Terra (Leonardo Boff)

	A Teologia da Libertação e o Cristianismo Social (Alberto da Silva Moreira)
	APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE PESQUISA, METADE DA AVALIAÇÃO DE N1 E PESQUISA AED (FENÔMENO RELIGIOSO À LUZ DA CIÊNCIA, DA CULTURA E DA RELIGIÃO)
	N1 – AVALIAÇÃO
PARTE III – TEOLOGIA E RELIGIÃO EM DIÁLOGO COM AS CIÊNCIAS HUMANAS	
	A espiritualidade como estado de conexão com a vida, o caminho para o despertar da consciência sobre as inteligências (QI, QE, QS) e as múltiplas inteligências (Gardner)
	A inteligência espiritual – Teologia e Formação de Professores (Uene José Gomes)
	Como vivenciar a espiritualidade Religião e Alteridade – Diferença, Preconceito e Discriminação (Irene Dias) Religião e Relações de Gênero (Zilda Fernandes Ribeiro)
	Religião e Espiritualidade – Pelo Caminho do Ocidente, Pelo Caminho do Oriente/As Religiões a Serviço da Espiritualidade (Leonardo Boff)
	Alguém me tocou, eu senti que uma força saía de mim – Um ensaio sobre Jesus e os Taumaturgos de seu tempo (Paulo Cezar Nunes de Oliveira)
	A espiritualidade vivida no cotidiano
	APRESENTAÇÃO DO FILME “A SERVIDÃO MODERNA” (Elaborar Síntese com opinião pessoal no final para entrega, 0,2pts)
	Morte e Ressurreição na Nova Antropologia (Leonardo Boff)
PARTE IV – TEOLOGIA E RELIGIÃO E A TRANSDISCIPLINARIDADE	
	O novo paradigma e a visão sistêmica do mundo e a complexidade (Fritjof Capra, Edgar Morin)
	Uma Nova Visão do mundo: a transdisciplinaridade (Basarab

	Nicolescu)
	O paradigma holístico e a nova visão de mundo (Pierre Weil, Roberto Crema)
	A inteligência espiritual e o paradigma educacional emergente (Maria Cândida Moraes)
	APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE PESQUISA (PESQUISA DE CAMPO EM GRUPO). CADA GRUPO ESCOLHERÁ UMA RELIGIÃO DENTRE AS PRINCIPAIS, SEM REPETIR NENHUM GRUPO. DEVERÃO SER FEITAS TRÊS VISITAS <i>IN LOCCO</i> COM REGISTRO DE FOTOS E FILMAGENS PARA SER APRESENTADAS PARA TODA A TURMA, JUNTAMENTE COM O TRABALHO ESCRITO. ATIVIDADE AED.
	Atividade avaliativa – N2
	Entrega e discussão de notas e frequência
Total de aulas = 36 x 2 = 72 aulas + 8h de atividade extra sala = 80 aulas	

AED - Atividades Externas da Disciplina – Carga Horária = 8h

ATIVIDADE	TEMA	CARGA HORÁRIA	DATA DE ENTREGA
Trabalho de campo: pesquisar sobre os elementos que compõem o fenômeno religioso na comunidade que participa (símbolos, mitos, ritos, literatura sagrada, doutrinas e outros). Este trabalho contará metade da nota de N1 e AED.	Fenômeno Religioso	4h aula	
Pesquisa de campo, escolher uma religião, grupo ou comunidade religiosa para fazer acompanhamento <i>in loco</i> , no mínimo três visitas devidamente registradas com fotografias e	As Grandes Religiões do mundo	4h aula	

filmagens que deverão ser apresentadas em sala de aula em slides e trabalho escrito. (Este trabalho contará metade da nota de N2 e AED)			
Todos os trabalhos deverão obedecer as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).			

ATIVIDADES COMPLEMENTARES QUE CONTAM NOTA

- Os textos deverão ser lidos e estudados em casa
- Atividades em grupo em sala de aula
- Tarefas para casa: resumo, síntese, fichamento de textos
- Participação em sala de aula

Como pode ser notado, cuidamos para interligar esses temas aos conteúdos básicos da disciplina para utilizar criticamente as ideias e os modelos das tradições teológicas para enfrentar questões transdisciplinares na área das ciências que tratam da vida, da saúde, da justiça, das relações humanas e outros.

Utilizamos junto aos discentes uma metodologia de ensino diferenciada. Trabalhamos com aulas teóricas e expositivas mediante recursos audiovisuais, vídeos, músicas, danças sagradas e poemas. Desenvolvemos ainda aulas práticas por meio de trabalhos individuais e em grupo (seminários, debates e oficinas voltadas para cada área). Aplicamos dinâmicas de grupo, com vivências específicas para cada área do conhecimento. E orientamos pesquisas de campo junto a diversas religiões, tradições e culturas.

Propomos os seguintes conteúdos programáticos sobre a espiritualidade juntos aos discentes da disciplina Teologia: a espiritualidade como estado de conexão com a vida, o caminho para o despertar da consciência; a pessoa humana como ser que necessita da espiritualidade; a existência de um mundo invisível, a manifestação do sagrado; a existência de um ser superior; o caminho da espiritualidade; como se manifesta a espiritualidade; como vivenciar a espiritualidade; a espiritualidade vivida no cotidiano; a inteligência espiritual; a ética

para a vida. Ressaltamos que todos esses conteúdos foram trabalhados em conjunto com os conteúdos propostos pela ementa da disciplina Teologia.

Ao iniciarmos o semestre da disciplina Teologia, acolhíamos e explicávamos aos discentes o motivo e objetivo da disciplina. Em seguida fazíamos uma vivência com todos os discentes para identificarmos o perfil daquela turma em específico. Essa vivência era intitulada “Os quatro elementos”. Ela consistia em trabalharmos o perfil da turma mediante uma abordagem da cosmopsicologia, em que eram utilizados os quatro elementos da natureza (água, ar, fogo e terra) relacionado-os com a data de nascimento de cada aluno. Como resultado dessa vivência sabíamos a qual elemento o(a) discente fazia parte. Com isso, mapeávamos o elemento predominante na turma, traçávamos o perfil dessa classe e decidíamos quais métodos seriam usados de acordo com a descrição de cada turma.⁷

Não percebemos rejeições aos conteúdos apresentados em todos os semestres. Ao contrário, notamos uma curiosidade por parte dos discentes em relação a esses conteúdos ao observarmos seus comportamentos, interesses em relação à disciplina, suas perguntas. Além disso, eles traziam questões familiares, financeiras, espirituais. Contavam suas histórias.

Diante disso, acreditamos que, a partir da leitura que fizemos em sala de aula, a resposta desses discentes aos conteúdos apresentados foi favorável, assim como seus depoimentos e respostas as pesquisa comprovam o que afirmam os teóricos pesquisados.

Isso confirma o pensamento de Moraes (1997) que nos diz que aquilo seria uma espiritualidade de identificação com o planeta Terra, suas culturas, seu meio ambiente, os conflitos, as mudanças e a interdependência de todas as coisas. Esse conteúdo permitirá ao indivíduo desenvolver uma autoconsciência positiva e em harmonia com as forças do seu meio ambiente, bem como ser capaz de dividir com os outros a beleza e a grandeza do universo existente na humanidade como parte do Planeta.

Essa nova concepção tem como um dos principais objetivos ajudar a pessoa a construir sistemas de referência baseados em princípios humanitários que permitam aos indivíduos identificarem o que são a paz e a harmonia nesta vida

⁷ Colocaremos em anexo cópias dessas vivências (Anexo IX).

mediante o diálogo com seres humanos mais iluminados para serem capazes de restaurar a paz em nosso Planeta.

Essa nova visão de mundo, segundo Moraes (1997), é cheia de esperança e implica em uma necessária e coerente mudança de valores que vai da competição para a cooperação, da quantidade para a qualidade, da dominação para a parceria, do consumismo para a conservação. Isso é espiritualidade em ação. Isso é experimentar uma nova forma de vida mais igualitária e sistêmica. Essa autora contextualiza a espiritualidade de forma mais ampla, abrangente e holística.

Como considerações finais para este tópico reafirmamos que a disciplina Teologia ocupa espaço relevante na grade curricular de todos os cursos nas Universidades Católicas no Brasil e no mundo. A dedicação à educação para essas instituições implica em um compromisso na formação integral e crítica dos seus alunos, na qual facilita que esses alunos aprendizes orientem seus corações para aprender. É preciso esforço e dedicação por esta proposta, colocar possibilidade de reflexões mais humanas e espirituais em nossas academias, para que nossos alunos aprendam sobre emoções, sentimentos e sobre tudo o despertar da consciência. Precisamos ousar em falar de espiritualidade, com a mente aberta e a atitude consciente e inclusiva. Crema (2009, p. 56) afirma que:

Quando o espírito lidera a consciência, a consciência lidera a alma e a alma lidera o corpo, estamos reerguendo os fundamentos do reino da excelência humana. Aqui você poderá assumir a autoria dos seus passos e não será mais uma folha levada pelo vento. Será o sujeito da própria existência.

Tendo como base a pesquisa bibliográfica, o posicionamento dos principais teóricos pesquisados e a aceitabilidade dos alunos a todos os conteúdos introduzidos na disciplina de Teologia da PUC Goiás sobre a espiritualidade humana, concluímos que a inteligência espiritual poderá se constituir em desafios e se contrapor à cultura normótica de nossa sociedade contemporânea. E que poderá ainda ter espaços para ser estudada na academia ou em qualquer lugar da sociedade atual, pois oferece a possibilidade de libertação da prisão da ignorância existencial, que é não saber quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

Ela nos ajudará também a transcender as amarras sombrias que nos acorrentam ao desconhecido ou esquecimento do Ser. Os conteúdos da inteligência

espiritual aplicados na academia auxiliar-nos-ão a dizer aos nossos jovens que não nos identificamos apenas com um corpo que está se esvaindo e fenecendo – resultado da prosperidade da indústria cosmética e narcisista que vende a ilusão da juventude eterna realimentando a alienação diante da lei da impermanência –, mas que há um lugar no espaço acadêmico para estudarmos sobre a espiritualidade também.

No próximo item apresentaremos a pesquisa completa realizada com 150 alunos da disciplina Teologia da PUC Goiás, bem como seus depoimentos colhidos em sala de aula. Primeiramente exporemos a pesquisa na sua íntegra e o descritivo de cada gráfico. Em seguida, faremos a análise de cada ponto relevante para esta pesquisa, bem como para a comprovação da hipótese desta tese.

3.4 ABORDAGENS METODOLÓGICAS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Buscamos para a verificação das questões de cunho empírico nesta pesquisa a aplicação de um questionário para coletar informações sobre a realidade experienciada pelos alunos na disciplina Teologia PUC Goiás. Adotamos a metodologia quantitativa (*survey*) e qualitativa (entrevistas pessoais) como instrumentos de coleta de dados.

Ao longo da aplicação dos questionários ou coleta de dados, foi possível colher vários depoimentos espontâneos a partir da temática apresentada. Esses depoimentos, apesar de não terem sido estruturados, mas manifestos espontaneamente, quando comparados com os resultados quantitativos, possibilitaram-nos constatar pontos de convergência em relação aos dados empíricos. Averiguaremos a classe social, vida econômica, sexo, formação religiosa e faixa etária dos participantes. Não serão fornecidos dados estatísticos, mas tendências e perspectivas de aprofundamento dos aspectos verificados na pesquisa quantitativa.

Na abordagem quantitativa o tipo de amostra que utilizamos foi a não probabilística (BABBIE, 1999) com cotas de sexo (+/- 50% homens e 50% mulheres) e idade (de 18 a 50 anos) entre os alunos da disciplina Teologia da PUC Goiás.

Foram utilizados questionários estruturados com perguntas fechadas e aplicados 150 questionários com uma margem de erro de +/- 8,2% em um intervalo de confiança de 95,5% com dois desvios padrões⁸. Após a coleta de dados foram feitas as análises de consistência, saltos, codificação e recodificação, digitação em *software* para base estatística, conhecido como Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). Após a digitação e checagem de digitação, foram gerados uma frequência simples de cada questão e os cruzamentos simples e múltiplos de acordo com a necessidade.

Selecionamos 150 participantes da pesquisa adotando como critério de inclusão: ser adulto, ter a idade de 18 a 50 anos em diante e estar cursando ou ter cursado a disciplina Teologia na PUC Goiás.

Quanto aos critérios de exclusão, foram eliminados da condição de participantes da pesquisa crianças e adolescentes menores de 18 anos. Entre os adultos, foram excluídas as pessoas que não estão cursando e/ou cursaram a disciplina Teologia na PUC Goiás.

Os (as) discentes selecionados para a pesquisa fazem parte de diversas graduações na Universidade que correspondem às áreas de ciências humanas, ciências sociais, ciências da vida e ciências exatas, tais como os cursos de Engenharia, Biologia, Jornalismo, Publicidade, Direito, Psicologia e Educação Física.

O contato foi feito em sala de aula e/ou por telefone, *e-mail* e redes sociais, *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. A partir dessa triagem, foi aplicado um questionário em que os selecionados foram solicitados a respondê-lo por meio físico e/ou eletrônico⁹.

As entrevistas sobre os impactos que a disciplina Teologia com conteúdos da espiritualidade humana causou no cotidiano dos alunos, na organização de suas vidas, nas mudanças domésticas e familiares foram respondidas em sala de aula de forma presencial.

Os participantes foram informados individualmente de todos os procedimentos que envolvem a pesquisa. Receberam fisicamente um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento para ser assinado dando permissão à pesquisadora utilizar os dados apresentados na pesquisa, bem como

⁸ A tabela estatística de margem de erro e intervalo de confiança será anexada ao final da tese.

⁹ O questionário será anexado ao final da tese.

os depoimentos fornecidos na entrevista em sala de aula no período da disciplina, no intuito de não haver qualquer dúvida a respeito.

A participação desses entrevistados (as) na pesquisa foi pautada na livre disposição e disponibilidade em contribuir para a investigação.¹⁰ A seguir, apresentamos a pesquisa e sua tabulação, fazendo um demonstrativo de como ficaram as respostas dos(as) alunos(as) ao questionário, instrumento de coleta de dados.

3.4.1 A Pesquisa

A primeira questão da pesquisa mostrou que dos alunos pesquisados 62,09% são do sexo masculino e 37,91% do sexo feminino. A soma dessas porcentagens resultou um total de 100%, o que poderá ser conferido na Figura 1.



Figura 1: Respostas de alunos conforme o sexo
Nota: elaboração própria.

¹⁰ O TCLE encontra-se em anexo no final da tese.

Dos alunos pesquisados na questão dois, 91,39% são jovens com idade entre 18 e 29 anos, sendo que 6,62% representam a faixa etária das pessoas que entre 30 e 39 anos, e 1,99% representam a faixa etária de 40 anos em diante (Figura 2).



Figura 2: Respostas de alunos conforme a faixa etária
Nota: elaboração própria.

Dos 153 alunos pesquisados na questão três, 40,52% responderam fazer parte da classe C; 33,99% da classe B; 14,38% da classe D, 7,84% da classe A; e 3,27% da classe E (Figura 3).

Segundo classificação socioeconômica apresentada pelo IBGE, Marque com X a qual classe social você pertence, renda familiar.



Figura 3: Respostas de alunos conforme classe social
Nota: elaboração própria.

Dos 151 alunos(as) que responderam a questão quatro, 63,58% disseram fazer parte de uma família com cultura católica; 18,54% são de origem protestantes, evangélicos e pentecostais; 11,26%, espíritas; 5,96% não possuem nenhuma formação religiosa; e 0,66% é de religiões de matrizes africanas (Figura 4).

A partir dos enunciados abaixo indique qual sua formação religiosa familiar.



Figura 4: Respostas de alunos conforme formação religiosa familiar
Nota: elaboração própria.

Os pesquisados na questão cinco responderam que a disciplina foi importante em questões da vida como um todo, sendo que 59,48% vincularam tal relevância em questões ético-humanas; 20,26%, questões relacionais; 11,76%, questões comportamentais; 5,88%, questões profissionais; e 2,61%, questões profissionais (Figura 5).

Em que área da vida a disciplina de Teologia foi importante para você?



Figura 5: Respostas de alunos sobre a importância da disciplina Teologia para a vida pessoal
Nota: elaboração própria.

Quanto à questão seis, 34,67% os alunos responderam que seu entendimento sobre espiritualidade relaciona-se com sensibilidade, solidariedade e defesa da vida em todas as suas instâncias; 22,67%, viver a vida com um propósito; 16,00%, o direcionamento da vida; 14,00%, o despertar da consciência; 12,67%, descoberta de sentido e significado para a vida (Figura 6).

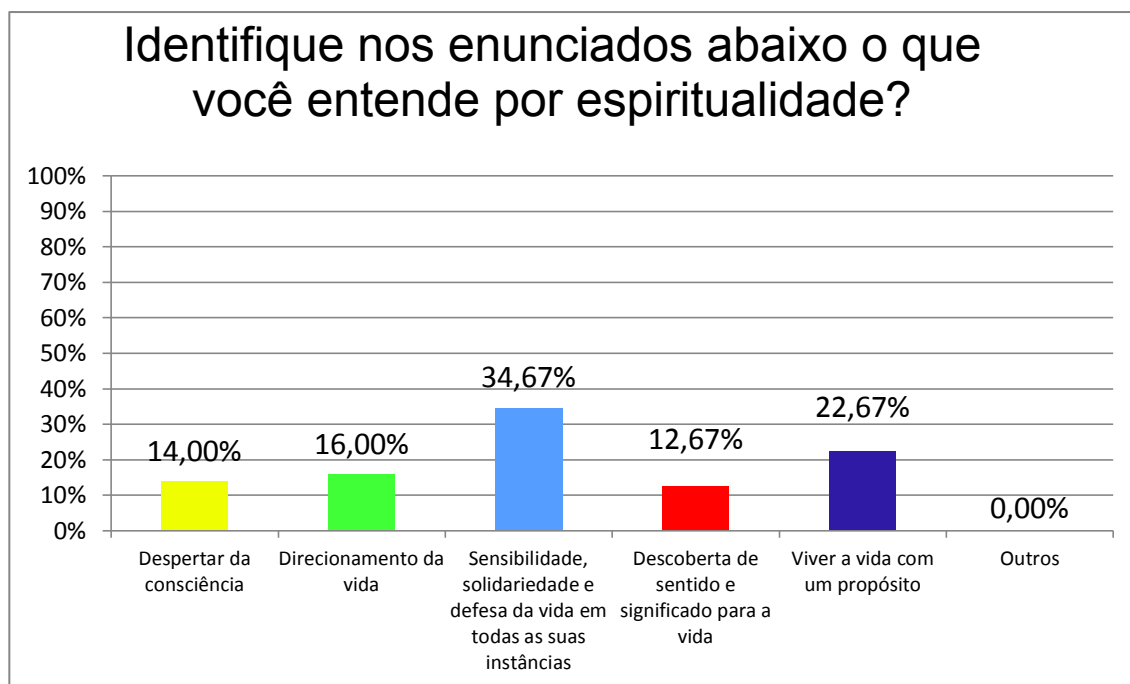


Figura 6: Respostas dos alunos sobre o que compreenderam sobre espiritualidade
Nota: elaboração própria.

Dos alunos pesquisados na questão sete, 44,00% disseram que foram ajudados em todas as inteligências; 26,00%, na compreensão da inteligência espiritual; 23,33%, na inteligência intelectual; e 6,67%, na inteligência emocional.

Para você, cursar a disciplina de Teologia, ajudou no desenvolvimento de qual inteligência?



Figura 7: Respostas dos alunos sobre qual inteligência a disciplina Teologia contribuiu para seu maior desenvolvimento
Nota: elaboração própria.

Dos entrevistados na questão oito, 84,46% declararam que existe espaço na academia para estudar sobre a espiritualidade, que é uma das dimensões do ser humano, isto é, espiritualidade ou inteligência espiritual, como estamos conceituando nesta pesquisa, e 15,54%, que o espaço acadêmico não é lugar para se tratar desses conteúdos (Figura 8).

Você acredita que a espiritualidade é uma dimensão do ser humano que deve ser estudada e trabalhada dentro do espaço acadêmico?

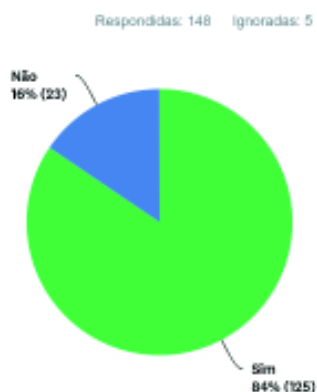


Figura 8: Respostas dos alunos quanto à espiritualidade ser uma das dimensões do ser humano que deve ser estudada no espaço acadêmico

Nota: elaboração própria.

Na questão nove, 32,03% dos alunos pesquisados responderam que os conteúdos os ajudaram a despertar para uma vida de bondade; 28,10% disseram que ajudou na escolha de um propósito para a vida; 20,26%, na definição de um caminho espiritual, uma fé religiosa; e 19,61%, no direcionamento da vida, carreira e vocação.

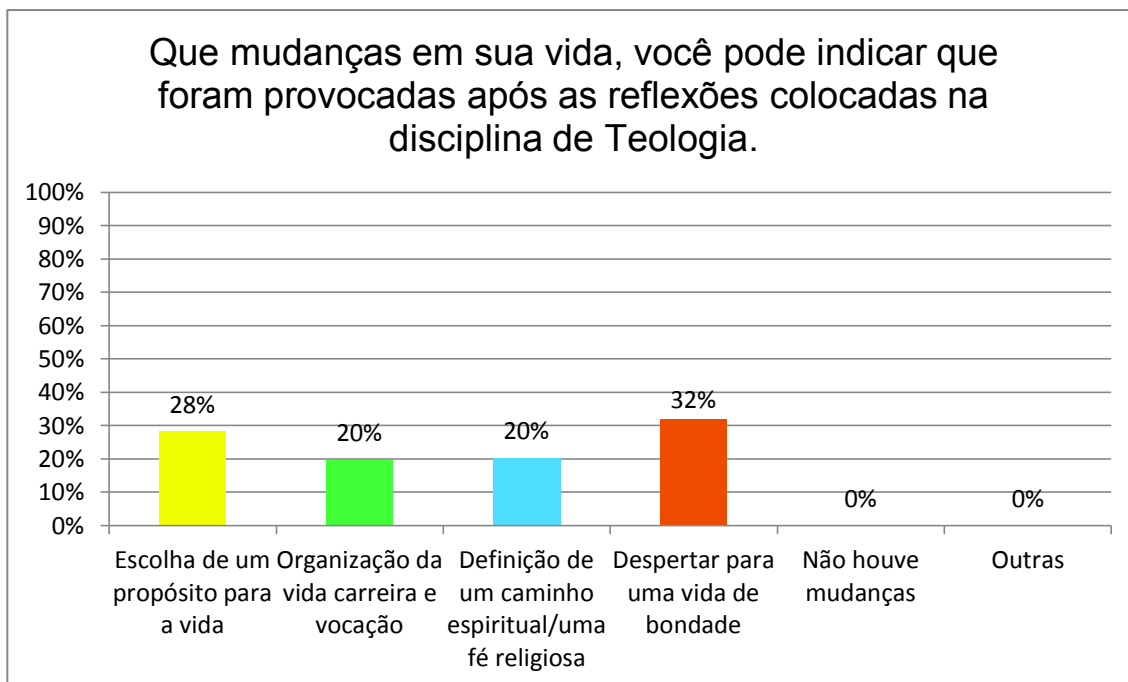


Figura 9: Respostas dos alunos sobre quais mudanças ocorreram em suas vidas provocadas pelos conteúdos ministrados na disciplina Teologia
Nota: elaboração própria.

Essas foram as respostas apresentadas pelos (as) alunos(as) pesquisados da disciplina Teologia da PUC Goiás. No próximo tópico deste capítulo, apresentaremos uma análise dos resultados obtidos com a pesquisa de campo e a conclusão a que chegamos com base nas entrevistas pessoais em sala de aula. Faremos também um confronto das respostas dos alunos com a nossa hipótese para constatar se realmente pode ser comprovada. Exporemos também considerações dos teóricos pesquisados para verificarmos se suas afirmações vão de encontro ou não aos resultados da pesquisa, bem como descreveremos os principais obstáculos e desafios a partir da análise desses conteúdos.

3.5 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS COM A PESQUISA DE CAMPO

Desenvolveremos neste tópico síntese analisando e fazendo cruzamentos das respostas fornecidas no questionário aplicado aos 150 alunos que cursaram ou estavam cursando a disciplina Teologia da PUC.

A análise de dados é o processo pelo qual se dá ordem, estrutura e significado às informações. Consistem na transformação dos elementos coletados em conclusões e/ou lições úteis e credíveis. A partir dos dados processados, procuramos tendências, diferenças e variações na informação obtida. O propósito dessa análise é descrever e resumir informações, identificar relações e diferenças entre variáveis, comparar variáveis e fazer previsões.

Existe no mundo acadêmico um crescente interesse pela análise de dados, porque isso dá legitimidade à pesquisa. Como pesquisadora deverei planejar e explicar quais as principais operações utilizadas para analisar cada informação coletada.

A partir da coleta desses dados, analisaremos se as assertivas dos principais teóricos apresentadas nesta pesquisa têm alguma relação com as respostas produzidas pelos alunos pesquisados e se esse vínculo comprova a hipótese desta tese.

Nossa principal busca é que a pesquisa de campo esteja condizente com nossa revisão de literatura, e que aquilo que dissemos com fundamento nos teóricos pesquisados confirme nossa hipótese mediante as respostas dos alunos entrevistados.

3.5.1 O Perfil dos Alunos

Consideraremos as variáveis sexualidade, faixa etária, classe social e religião como perfil dos alunos pesquisados da disciplina Teologia de várias graduações de todas as áreas do conhecimento da PUC Goiás.

Sobre a variável sexualidade, a Figura 10 demonstra que nos alunos pesquisados houve uma prevalência do sexo masculino. Diante disso, podemos afirmar que esta pesquisa desvenda o mito que diz que as mulheres são mais suscetíveis à espiritualidade, religiosidade e mística, na medida em que essas respostas mostram que espiritualidade é um assunto também de interesse masculino também. Na verdade, debater sobre espiritualidade não está vinculado à distinção de gênero porque é um tema ligado à nossa humanidade.

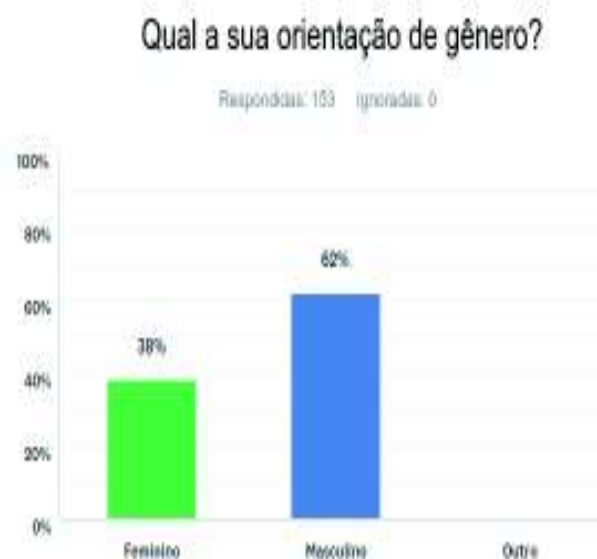


Figura 10: Respostas de 153 alunos sobre sua orientação de gênero

É inerente ao ser humano, independente do gênero, a necessidade do encontro com o Sagrado. Isso deu origem às religiões. Isso também atesta as pesquisas de Zohar e Mashall (2000), quando demonstram através de vários cientistas pesquisados a hipótese da existência do “Ponto de Deus no Cérebro”, independente das questões de gênero.

A análise também é importante para nos mostrar que os alunos e alunas pesquisados foram escolhidos para responder as questões independente de sua condição ou orientação sexual, desde que tivessem participado como aluno ou aluna da disciplina Teologia naquele período (Figura 10).

Sobre a variável idade, a maioria indicou ser jovem com idade entre 18 e 29 anos. Pela leitura que fazemos da sociedade normótica, os jovens que estão distantes desses conteúdos são os mais atingidos com a efemeridade e a descartabilidade do mundo que vivemos.

Nesta pesquisa percebemos que espiritualidade é um tema que tem interessado não somente jovens, mas também pessoas de outras faixas etárias, pois falar sobre espiritualidade é tratar do propósito de vida e do significado para viver, conforme demonstra a Figura 11.



Figura 11: Respostas de 151 pessoas de acordo com diferentes idades

Muitos desses jovens pesquisados demonstram que o tema da espiritualidade não está vinculado apenas ao fator idade. Por ser um assunto transdisciplinar, percebemos que foi uma oportunidade para esses jovens alunos e alunas olharem a realidade da vida de forma diferente, independente da idade.

Foram também pesquisados alunos que estão na faixa etária entre 30 e 39 anos e alunos de 40 anos em diante. Esses demonstraram interesse pelo conteúdo e sentiram-se impactados. Isso demonstra que, independente de faixa etária, o quantitativo referente à variável idade demonstrou que não é relevante nem interfere na compreensão dos conteúdos apresentados em sala de aula (Figura 11).

No que diz respeito à variável classe social, embora tivessem representantes de todas as classes sociais na pesquisa, os entrevistados faziam parte, em sua maioria, das classes C e B (Figura 12).

Q3 Segundo classificação socioeconômica apresentada pelo IBGE, Marque com X a qual classe social você pertence, renda familiar.

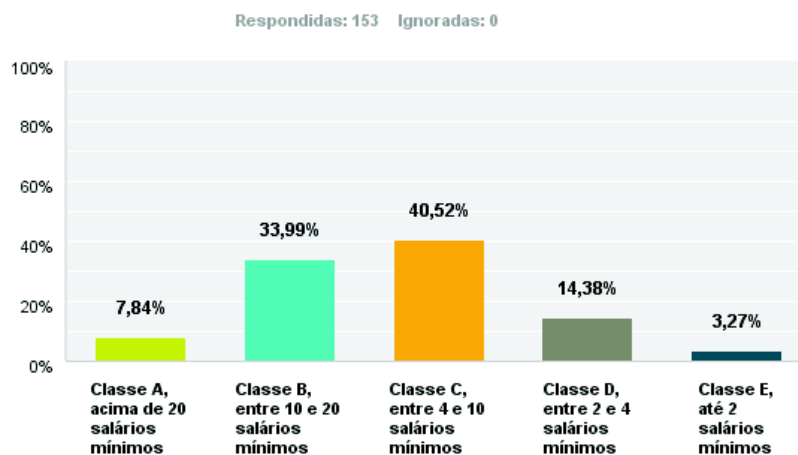


Figura 12: Respostas de 153 alunos considerando sua classe social

Conforme Mazzon (2014), classe social é um **grupo constituído por pessoas com padrões culturais, políticos e econômicos semelhantes**. O fator financeiro é uma das características mais marcantes na definição de uma classe social. As classes sociais podem ser interpretadas por diferentes pontos de vista, no entanto, a definição mais usual refere-se ao grupo limitador de indivíduos que constituem um mesmo nível e poder econômico, além de terem acesso a oportunidades e opções de lazer e entretenimento diferenciados.

A pesquisa demonstra também que os conteúdos apresentados sobre a espiritualidade humana em sala de aula têm a capacidade de agregar a todos, não importando o nível social em que estejam inseridos. Ficou claro para nós que esses jovens, independentes da sua classe social, estão interessados nesses conteúdos, que passam problemas comuns à humanidade e espécie humana e que buscam um propósito na vida, na carreira e no caminho da vocação, conforme demonstrou a Figura 12.

Sobre a variável religião, os alunos (as) pesquisados informaram ter uma formação religiosa familiar. A maioria faz parte de uma família com cultura católica; outros ficaram entre cultura de origem protestante, espírita e de matrizes africanas; restando um percentual muito pequeno para aqueles que declaram não ter nenhuma fundamentação religiosa familiar (Figura 13).

A partir dos enunciados abaixo indique qual sua formação religiosa familiar.

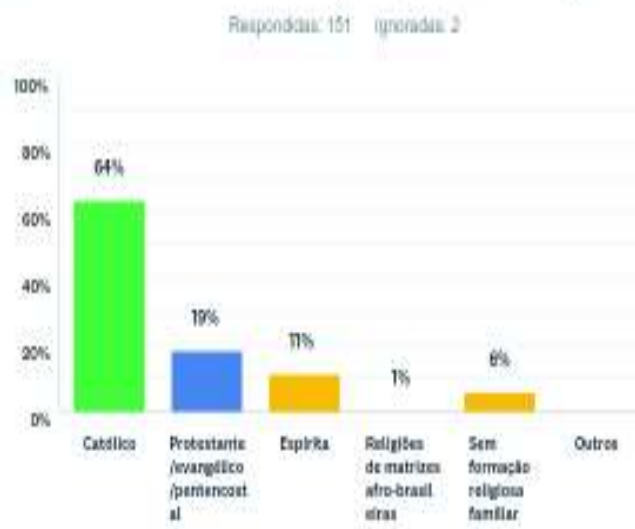


Figura 13: Respostas de 151 alunos sobre sua formação religiosa

Diante de teóricos consultados e das respostas de alunos, esta pesquisa comprova que a religião carregada de sentidos é uma porta para o ser humano ter seu encontro com o Sagrado, ou seja, que ela é uma possibilitadora da vivência da espiritualidade humana.

Entretanto, sabemos que a religião, em alguns casos, não tem a capacidade ou ferramentas adequadas para que os fiéis que dela fazem parte possam descobrir sua inteligência espiritual ou ter um despertar da consciência, fato esse demonstrado em sala de aula e a partir das respostas fornecidas na pesquisa.

Percebemos que as pessoas que possuem experiência religiosa são oriundas de alguma prática religiosa, mas que somente uma minoria de fato pratica a religião descrita na pesquisa. Observamos também que o fato de se dizerem partícipes de um segmento religioso ajudou muito na compreensão dos conteúdos apresentados sobre a espiritualidade humana.

Abaixo registramos alguns depoimentos colhidos dos alunos em sala de aula, e notamos que o que eles dizem sobre religião confirma os resultados da pesquisa de campo, assim como o que dizem os teóricos.

As disciplinas nos fez conhecer vários aspectos das mais diversas religiões e manifestações do sagrado, nos tornando pessoas muito mais tolerantes (G.A.B.S).

Abriu minha cabeça para a aceitação das diferenças culturais e religiosas, existentes entre as pessoas, podendo assim contribuir para meus relacionamentos interpessoais (I.H.B).

A religião é importante na formação pessoal. O conhecimento de diversas religiões e da religiosidade, quebra paradigmas e afirma que Deus é acima de qualquer coisa (K.C.R.R).

Estudar teologia contribuiu não só para a minha formação acadêmica, mas também para minha formação humana. Outras religiões diferentes e contraditórias à minha foram colocadas em pautas quebrando assim preconceitos e paradigmas que antes eu tinha por simplesmente não conhecer (T.C.A.B).

Ajudou a melhorar como pessoa e assim aprender a lidar com as diferenças religiosas. Por ser evangélica, aprendi a aceitar, sem julgar os outros tipos de confissões a partir desses encontros na disciplina de teologia (C.G.S.B).

Conforme os depoimentos acima descritos, a nossa análise entende que, independente da religião praticada, os conteúdos da inteligência espiritual ajudaram no despertar dessas pessoas, ajudaram-nas a conduzir e organizar sua vida. Auxiliaram-nos inclusive a olhar de forma diferenciada para a própria religião que eles disseram fazer parte.

Tivemos em sala de aula relatos de conversão de alunos em alguma prática religiosa durante o período da pesquisa. Percebemos que a maior parte das pessoas pesquisadas diz que a religião carregada de sentidos faz parte de suas vidas, da história de suas famílias, e isso corresponde a mais de 90% dos entrevistados.

A busca do Sagrado é algo que está arraigado na cultura e na condição humana, e isso demonstra e comprova a existência de um “ponto de Deus” no cérebro, conforme afirma Zohar (2000). Salientamos, no entanto, que os conteúdos apresentados em sala de aula não possuem qualquer ligação com alguma religião, tradição ou cultura em específico.

Analizamos então que, independente das aferições nas variáveis sexualidade, faixa etária, classe social ou religião, esse método de trabalho realizado com os alunos da disciplina Teologia da PUC Goiás causa reações positivas independente dessas variáveis por ser um método que apresenta uma perspectiva diferenciada nos conteúdos sobre a espiritualidade humana.

Durante esse período, foi trabalhada a inteligência espiritual de forma transdisciplinar, independentemente da confessionalidade de cada aluno(a). A pesquisa consegue diluir essas diferenças. Ela não discute as questões dogmáticas,

nem de sexualidade, idade ou classe social. Os conteúdos apresentados são bem maiores que essas divisões. Eles dissolvem as fronteiras impostas por essas variáveis que são planejadas pela cultura normótica. A pesquisa demonstrou que a transdisciplinaridade ultrapassa essas divisões.

3.5.2 Área da Vida em que os Alunos se Sentiram mais Ajudados pelos Conteúdos da Espiritualidade Humana

Sobre a área da vida em que os alunos se sentiram mais ajudados, a maioria dos pesquisados respondeu que a disciplina foi importante em questões da vida como um todo.

A análise que fazemos é que o conteúdo impactou a vida em sua totalidade, ou seja, que este conteúdo poderá tratar de todos os aspectos da vida.

Mais da metade dos alunos entrevistados disseram que esse conteúdo serviu para orientar sua vida de forma geral como, por exemplo, carreira, finanças, relações, espiritualidade e outros. Esse é um dado muito importante e surpreendente, pois expressa que a espiritualidade é transdisciplinar, perpassa por todas as áreas da vida, cria a possibilidade do encontro consigo mesmo, educa a si mesmo para a beleza, a bondade e a verdade, proporcionando assim o encontro com os outros, a natureza e o Sagrado (Figura 14).

Em que área da vida a disciplina de Teologia foi importante para você?



Figura 14: Respostas de 153 alunos sobre em que área da vida deles a disciplina Teologia foi mais importante

Um ponto importante que vale a pena considerar em nossa análise é que a disciplina Teologia se constitui em um caminho quase na contramão do que a PUC Goiás tem feito.

Percebemos, em alguns relatos de alunos, que a grande resistência deles em relação a essa disciplina é, muitas vezes, ela ser ministrada fora do contexto de algumas graduações. Em sua maioria, eles chegam à sala de aula com muita aversão em relação a essa disciplina, primeiro, pela fantasia da separatividade que se criou no mundo das inteligências, em que as disciplinas por área de estudo são devidamente separadas. Na opinião de muitos, este conteúdo não deveria ser incluso em sua graduação no início do semestre.

Analisamos a partir das respostas apresentadas que o conteúdo sobre a espiritualidade humana trabalhado na disciplina Teologia ajudou os alunos na sua vida como um todo, na medida em que eles perceberam que a proposta trabalhada poderia ser diferente.

Eles observaram que estavam diante de conteúdos que poderiam ajudá-los a conduzir sua vida, sua carreira e sua vocação a partir da compreensão sobre espiritualidade e como colocar esse conhecimento a favor do sentido e significado de suas vidas.

Com o passar das aulas, eles compreendem que é necessário estudar sobre esses aspectos, isto é, sobre o caminho da vocação, a missão de vida, o sentido e o significado para a vida, sobre a condição humana. Esse é um comportamento natural que confirma o pensamento de Zohar (2000, p. 172), quando diz que poderíamos descrever a moderna cultura ocidental como uma cultura de “centro ausente”. Isso significa que as pessoas estão mais interessadas no ter e cada vez menos em ser.

Os conteúdos da inteligência espiritual ajudaram os alunos nesses aspectos. Sabemos que na educação que temos em sua forma geral falta um sentido mais amplo, pois ensinamos matérias (Matemática, Geografia, Inglês, Química, Física) de maneira fragmentada. Em contrapartida, os conteúdos ministrados aos alunos pesquisados em sala de aula na disciplina Teologia, segundo seus próprios depoimentos, em sua maioria, contribuíram para sua vida como um todo.

Essa disciplina ajudou a abrir meus horizontes, ampliar minha gama cultural e intelectual. Os diferentes conceitos que estudamos e vivenciamos sobre espiritualidade me fortaleceram enquanto ser humano, foi uma das matérias que mais gostei (L.G).

Antes de entender o significado da disciplina de teologia, achava perda de tempo colocar esta disciplina na área de engenharia, agora sei o quanto foi e é importante para o seguimento de minha vida (L.T).

O conteúdo ministrado na disciplina vai além do ensino necessário para o exercício da profissão, ela nos dá mecanismos para compreender o mundo e as pessoas e orienta nossa vida nos diferentes níveis, seja físico, psicológico ou espiritual (J.N.S).

Esta disciplina me ajudou na formação acadêmica e na vida. Tive mudanças visíveis inclusive dentro de casa e nas minhas relações e no propósito que quero para minha vida (J.A.A).

De acordo com esses depoimentos e com as respostas dos(as) alunos(as) aos questionários durante a pesquisa, notamos que foram impactados com os conteúdos propostos sobre a espiritualidade humana na disciplina Teologia.

Tivemos o cuidado de explicar o programa da disciplina passo a passo, sua importância para a vida, bem como acerca dos novos conteúdos da inteligência espiritual. Fizemos uma explicativa sobre as inteligências humanas, em que apresentamos a espiritualidade como nossa inteligência reinante, aquela capaz de criar sentido e dar significado para a nossa vida.

Percebemos pelas respostas à pesquisa junto aos alunos e por toda a experiência da nossa condução aos conteúdos em sala de aula que os resultados confirmam o pensamento dos teóricos pesquisados.

Isso reforça a afirmação de Moraes (1997) de que a espiritualidade favorece a compreensão de que estamos numa viagem individual e, ao mesmo tempo, coletiva. Conforme essa autora, somos levados pela espiritualidade a uma consciência de fraternidade e de solidariedade mais acentuada com os outros seres vivos. Nela existe uma compreensão de que a nossa evolução é e será sempre em conjunto com outros seres e que a harmonia, a paz e a felicidade tão almejadas pelas pessoas dependem de uma mudança de mentalidade não apenas individual, mas também coletiva.

Parece existir uma emergência por uma nova consciência espiritual na humanidade. Isso decorre da necessidade de uma nova visão de mundo, de uma cosmologia completamente diferente da cosmologia moderna relacionada com o paradigma tradicional, elaborado a partir de Newton, Copérnico, Galileu e Descartes.

Alimentar a espiritualidade seria cuidar do espaço interior, no qual todas as coisas se ligam e religam. A espiritualidade é uma atitude que coloca a vida no seu centro, que celebra a vida, um modo de ser que propicia a vida, sua expansão e sua defesa.

3.5.3 O Conceito de Espiritualidade

Os pesquisados responderam que seu entendimento sobre espiritualidade relaciona-se com sensibilidade, solidariedade e defesa da vida em todas as suas instâncias; que espiritualidade é viver a vida com um propósito; tem a ver com o direcionamento da vida; é o despertar da consciência; espiritualidade é descoberta de sentido e significado para a vida (Figura 15).

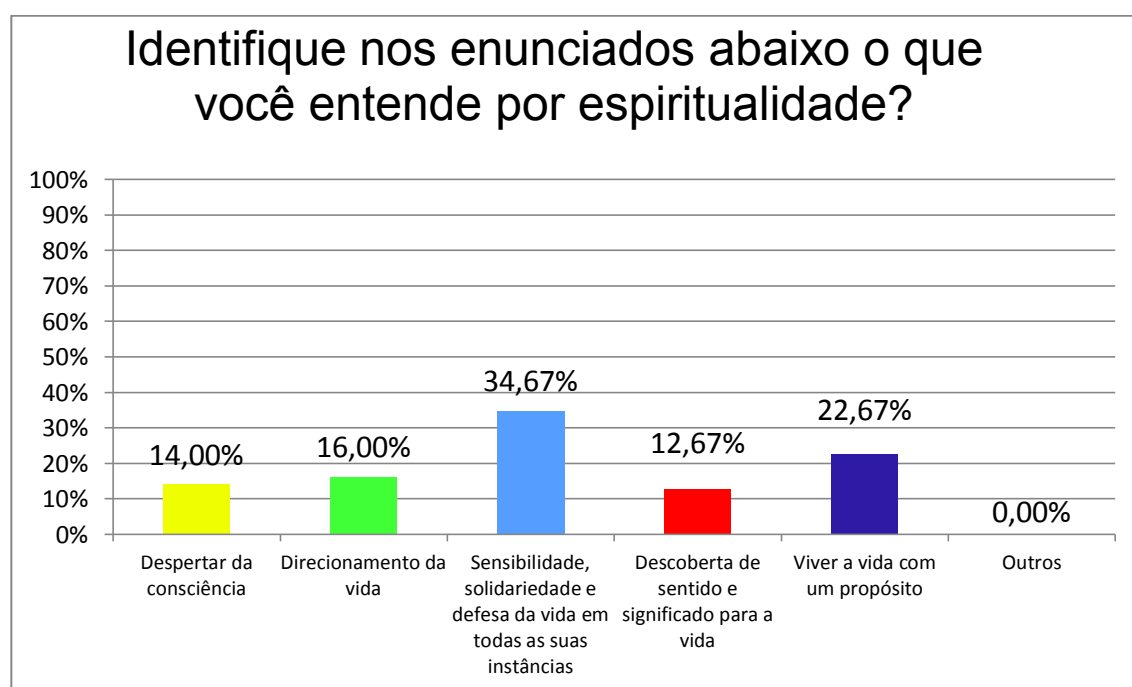


Figura 15: Respostas de 150 alunos sobre o que eles entendem por espiritualidade

A nossa análise em relação a este tópico é que todos os alunos pesquisados responderam de forma favorável a este questionamento. Os itens sensibilidade, solidariedade e defesa da vida em todas as suas instâncias e viver a vida com um

propósito tiveram um maior percentual, representando mais que a metade dos alunos pesquisados.

A compreensão da maioria é que a espiritualidade poderá ser um caminho que os ajudará a tornar a vida melhor para si mesmos e para os outros. O que ficou claro a partir de suas respostas é que quando nos encontramos neste caminho temos mais sensibilidade e solidariedade; defendemos a vida em todas as suas instâncias; temos um propósito de vida, um caminho a seguir, um direcionamento; o caminho da vocação se mostra claramente porque estaremos com uma consciência desperta; e que uma consciência desperta tem a capacidade de nos mostrar o sentido e o significado da vida.

As respostas fornecidas pelos alunos pesquisados confirmam o pensamento de Zohar (2000) que diz que a consciência é um dos critérios mais importantes de inteligência espiritual elevada, mas também uma das prioridades mais baixas da cultura espiritualmente embotada que vivemos.

Desde os primeiros dias da escola, as crianças são treinadas para olhar para fora, a focalizar os fatos e problemas práticos do mundo externo, a se orientar por metas. São poucas as propostas em nossa educação atual que apresentam um conteúdo aos seus alunos para despertar sua espiritualidade, ou seja, ativar a consciência para a orientação de uma vida pautada em razões que valham a pena.

Sabemos, com algumas exceções, que escolas e universidades confessionais fazem propostas diferenciadas de alcançar as mentes e os corações desses alunos, encorajando-os a refletirem sobre a vida interior, seus motivos, o que de fato tem sentido e significado para a vida. Contudo, sempre tem um direcionamento para a religião que as mantém.

Conforme a análise crítica a partir do pensamento de Covey (2005), ele reforça esse pensamento dizendo que desenvolver maior consciência é de alta prioridade para elevar a inteligência espiritual. A consciência é a lei moral interior. É essa pequena voz no íntimo. É calma. Traz paz. É a consciência que constantemente nos diz o valor dos fins e dos meios e como eles são inseparáveis. Mas é o ego que nos diz que os fins justificam os meios, esquecendo que um fim meritório nunca poderá ser atingido por meios desprezíveis. Quando as pessoas lutam para viver de acordo com a sua consciência, obtêm integridade e paz de espírito.

A seguir apresentaremos alguns depoimentos registrados em sala de aula que reafirmam as respostas da pesquisa e também o que defendem os autores pesquisados neste trabalho de pesquisa.

Esta disciplina fez com que a minha mente junto com os meus pensamentos e conceitos se abrissem para assuntos que nos tempos de hoje quase não são mais discutidos em sala de aula. Além de ter ajudado em meu interesse pela espiritualidade (M.J.D).

Abriu meus olhos a diferentes perspectivas do sagrado. Trouxe a mim novos conhecimentos e uma forma diferente de conhecer o mundo não apenas como tecnologia, biodiversidade, mas que há um âmbito espiritual em tudo que fazemos e o efeito que há em nossas escolhas (M.B).

Trouxe equilíbrio espiritual, o que proporcionou harmonia para a minha vida, enriquecendo todas as áreas da minha vida (D.M.A).

Analisando os depoimentos, e para todos os pesquisados, notamos que para os alunos o significado de espiritualidade e a sua importância para a vida ficaram claros. Todo o trabalho desenvolvido em sala de aula na disciplina Teologia demonstrou que as respostas dos(as) alunos(as) tanto na pesquisa quanto nas entrevistas confirmam o que dizem os teóricos pesquisados.

Diante desses conteúdos as pessoas se sentiriam afetadas e tocadas, por isso responderam que considerar a espiritualidade é cuidar da vida em todas as suas instâncias e viver a vida com um propósito.

3.5.4 A Inteligência em que se Sentiu mais Ajudado com os Conteúdos da Espiritualidade Humana

Durante os encontros com os alunos em sala de aula, repassamos a eles que como seres humanos somos detentores de múltiplas inteligências, ou seja, que todos nós somos possuidores de três grandes inteligências, intelectual, emocional e a inteligência espiritual.

A inteligência intelectual é responsável pelo aprendizado, à parte cognitiva, e múltiplas inteligências a compõem, conforme Gardner (2001): linguística, matemática, espacial, musical dentre outras.

A inteligência emocional, a que faz associações, é responsável por nossas emoções e pelas relações que constituímos no dia a dia. É a inteligência responsável pela empatia, compaixão, motivação e pelas relações intra e interpessoais (GOLEMAN, 1995).

A inteligência espiritual (objeto de estudo desta tese), nossa inteligência mais significativa, conduz a vida e o caminho da vocação, contextualiza nossa história e é responsável pelo sentido e significado da nossa vida, segundo Zohar (2000).

Na Figura 16 podemos visualizar o resultado da análise quanto às respostas dos alunos pesquisados sobre como a disciplina Teologia ajudou no despertar de suas inteligências intelectual, emocional e espiritual.

Para você, cursar a disciplina de Teologia, ajudou no desenvolvimento de qual inteligência?



Figura 16: Respostas de 150 alunos sobre qual inteligência (intelectual, emocional ou espiritual) foi mais desenvolvida a partir da disciplina Teologia

O fato é que a maioria indica que os conteúdos aplicados em sala de aula ajudaram no desenvolvimento de todas as inteligências, isso confirma o entendimento deles sobre inteligência seu significado para suas vidas.

Apreendemos, portanto, que eles compreenderam este ponto, uma vez que tomaram consciência que temos inteligências diversas e que a inteligência espiritual é a nossa inteligência reinante, porém pouco usada, pouco explorada na academia e na sociedade atual em que vivemos.

Esta pesquisa, mais uma vez, confirma o que os teóricos pesquisados afirmam sobre o tema das inteligências. Eles dizem que iniciamos o século XX acreditando que o quociente de inteligência intelectual (QI) era a única medida definitiva da inteligência humana. Somente na década de 1990 ele foi redimensionado pela descoberta do quociente de inteligência emocional (QE). A inteligência emocional seria um requisito básico para o bom uso do quociente de inteligência intelectual (QI).

Nos últimos séculos, especialmente nas sociedades ocidentais, definiu-se um ideal de pessoa inteligente. As dimensões desse ideal evoluem com o tempo e de acordo com o cenário que vivemos. Como afirma Gardner (2001), em escolas tradicionais, inteligente era quem dominava as línguas clássicas e a matemática, particularmente a geometria. No cenário empresarial, inteligente era quem previa oportunidades comerciais, assumia riscos calculados, construía uma organização, mantendo as contas equilibradas e os acionistas satisfeitos. No início do século XX, inteligente era a pessoa capaz de ser mandada para os confins de um império e executar ordens com eficiência.

Encontramo-nos então diante de uma difícil tarefa: escolher entre conservar as visões tradicionais de inteligência e de como deve ser mensurada e conceber um modo diferente e melhor de conceituar o intelecto humano. O autor adota esta última opção, apresentando provas de que os seres humanos têm um leque de capacidades e potenciais, inteligências múltiplas, que, tanto individualmente quanto em conjunto, podem ser usados de muitas formas produtivas.

Inteligências múltiplas podem ser mobilizadas na academia, em casa, no trabalho ou na rua, isto é, nas várias instâncias da sociedade. Pelas respostas dos alunos, percebemos que eles também fazem essa opção. É possível que a grande tarefa para o futuro não seja apenas afirmar novas ou várias inteligências e como usá-las adequadamente, mas compreender como a inteligência e a ética podem trabalhar em conjunto e criar um mundo em que grande variedade de pessoas queira viver, pois uma sociedade dirigida por gente “inteligente” ainda pode destruir a si mesma ou ao resto do mundo (GARDNER, 1995).

Reafirmamos nesta análise, somente para confirmar as respostas fornecidas pelos alunos, conteúdo já citado no capítulo primeiro, o que diz Zohar (2000) sobre a inteligência espiritual, ou seja, o QS seria a inteligência com a qual poderemos colocar a vida em um contexto mais amplo, mais gerador de sentido. A partir dessa

inteligência poderemos avaliar se determinado caminho na vida faz mais sentido que outro, ou melhor, ponderar o sentido último e mais amplo da existência humana. O QS seria a fundação, o alicerce para o funcionamento eficiente tanto do QI como do QE e das demais múltiplas inteligências defendidas por Gardner (1995). Ela ressalta que o QS é a nossa inteligência mais profunda, a inteligência que extrai sentido, contextualiza e transforma nossa existência.

Avaliamos também que esses conteúdos trabalhados na disciplina Teologia promoveram um aprendizado integral que abrangeu o conhecer, o fazer, o conviver e o ser. Foi um caminho transdisciplinar que propôs uma convergência e complementaridade entre a ciência moderna e a tradição sapiencial, objetivando com isso a compreensão do mundo e da própria vida. A visão transdisciplinar é aberta, transcendendo o domínio das ciências exatas, por meio de um diálogo inclusivo de reconciliação com as ciências humanas, a arte, a literatura, a poesia, a filosofia e a religião, conforme podemos confirmar a partir dos depoimentos descritos abaixo:

A disciplina foi para mim um divisor de águas. Entrei achando que Deus era aquilo que a igreja passava e descobri que Ele é o amor, o respeito entre os semelhantes das mais diversas culturas e crenças. Aprendi a ser inteligente (P.H.C.P).

Ajudou a abrir meus horizontes, ampliar minha gama cultural e intelectual, a desenvolver todas as minhas inteligências, a me colocar no lugar das outras pessoas e me fortalecer como ser humano (L.G.).

O conteúdo ministrado na disciplina vai além do ensino necessário para o exercício da profissão. Ele nos dá mecanismos para compreendermos o mundo e as pessoas em diferentes áreas da vida e em níveis físico, psicológico ou espiritual (J.N.S.S).

O estudo e a realização de atividades da disciplina Teologia contribuíram para a formação da minha vida tanto no ambiente acadêmico e profissional quanto pessoal, ou seja, em todas as inteligências (M.D).

A análise crítica que fazemos deste item é que, independente de sexualidade, faixa etária, classe social ou religião, o estudo dos conteúdos sobre a espiritualidade humana levou esses alunos a uma compreensão transdisciplinar, em todas as inteligências, como confirmou a maioria, em nível pessoal, emocional, psicológico e espiritual.

A compreensão sobre o bom uso do QI, QE e das demais múltiplas inteligências perpassa pelo caminho da inteligência espiritual, já que é ela que confere sentido e significado para a vida, desperta a consciência, ensina a condição humana, tornando-nos mais humanos. Ressaltamos mais uma vez que essa percepção dos alunos entrevistados reforça e confirma o pensamento dos principais teóricos que estão neste trabalho de pesquisa.

3.5.5 A espiritualidade humana como conteúdo a ser estudado no espaço acadêmico

Quanto à espiritualidade ser estudada no espaço acadêmico, a maioria dos entrevistados respondeu que existe, sim, espaço na academia para se estudar sobre a espiritualidade humana ou inteligência espiritual (Figura 17).



Figura 17: Respostas de 148 alunos sobre a espiritualidade inerente ao homem e a importância de ser estudada no espaço acadêmico

Valendo-nos da amostragem da Figura 17, percebemos que existe uma grande abertura da parte dos alunos para esses conteúdos sobre a espiritualidade ser trabalhada na academia. Eles demonstraram que estão em busca de um

conteúdo que os leve a pensarem sobre o sentido e significado da vida e a respeito do caminho da vocação, isto é, quanto à carreira que devem seguir. Perceberam que esses conteúdos deram certa ordem em suas vidas, provocaram mudanças na vida familiar, ajudaram na escolha de um caminho espiritual e também contextualizaram e conferiram uma direção a ser seguida. Ante essa análise, ponderamos que realmente existe a possibilidade de conteúdos sobre inteligência espiritual serem desenvolvidos no espaço acadêmico.

Os teóricos consultados citados nesta pesquisa falam de um novo momento que o mundo, as instituições e as pessoas estão passando em relação ao tema espiritualidade. Esse pensamento é reforçado com o que responderam os alunos na pesquisa de campo, bem como em suas entrevistas e seus depoimentos em sala de aula conforme descrito a baixo:

As melhores reflexões apresentadas na disciplina foram justamente pontos que nos fazem pensar a vida, como tratar da paz, do amor e da fé. Discutir o tema Deus, fé, espiritualidade em uma academia é algo desafiador e ao mesmo tempo interessante. Gostei muito da experiência! (I.M).

Pude ver além do horizonte, perceber que podemos ir muito além daquilo que a sociedade impõe, dizendo o que podemos ou não fazer. Por isso é importante o estudo da inteligência espiritual na universidade (L.R.C).

Estes conteúdos contribuíram para minha formação acadêmica. Assuntos que antes eu pensava de forma 'pequena' sem ter noção da verdadeira amplitude do conteúdo. Cabe se estudar esses conteúdos na nossa formação acadêmica (S.O.C).

Esta disciplina e seus conteúdos, no começo, admito que não entendia qual era seu objetivo. Com o passar do tempo e das aulas, eu percebi tamanha sua necessidade para a nossa formação acadêmica (H.M).

Estes conteúdos da espiritualidade humana surgem como um fator agregador de vida, uma vez que ele nos aplica conhecimentos do ser humano como ser integral, por isso esses conteúdos cabem ser estudados na academia (E.B.S.S).

Moraes (1997) esclarece-nos que, nestes novos tempos, existe uma compreensão do mundo mais adequada à sobrevivência humana e que este é um dos fatores básicos e essenciais para a harmonia do indivíduo, da sociedade e da natureza como um todo. Essa nova visão nos leva a compreendermos o mundo físico como uma rede de relações, de conexões. Com essa compreensão mais humanitária, acreditamos que exista lugar para a vivência de uma espiritualidade na sociedade contemporânea.

A proposta da autora é termos uma educação espiritual pautada no âmbito das ciências, porém este é um desafio rumo à construção da cidadania e da condição humana de incerteza e, sobretudo, à edificação de um caminho coerente a ser seguido que corresponda a uma missão de vida, ou seja, à vocação.

No entanto, para que isso seja possível, será necessária uma maior conscientização de fraternidade humana, uma percepção de que não estamos sós e de que não podemos crescer isolados. A evolução é e será sempre coletiva e dependerá do crescimento individual e do reconhecimento da necessidade de crescimento mútuo. Essa autora afirma que é uma ligação espiritual que abrange sentimentos, conhecimento e sensibilidade. É abertura, confiança, aceitação, um profundo encontro entre pessoas que buscam relações humanas transformadoras, sem simulações nem fingimentos. É a compreensão de que estamos neste planeta numa viagem compartilhada em busca do significado da vida. Os depoimentos dos alunos acima descritos confirmam o pensamento de Moraes (1997).

Evidenciamos mais uma vez que as respostas dos alunos na pesquisa e seus depoimentos sobre a importância do conteúdo sobre espiritualidade humana, entendido nesta pesquisa como inteligência espiritual, constituem em um tema que deve ser estudado na academia e que isso confirma o pensamento dos teóricos pesquisados sobre o nosso objeto de estudo, a inteligência espiritual. Isso leva-nos a um entendimento de que há lugar, sim, no espaço acadêmico, para o estudo sobre a espiritualidade humana.

3.5.6 Mudanças ocorridas na vida dos alunos entrevistados durante a disciplina Teologia

No que diz respeito às mudanças ocorridas na vida desses alunos entrevistados, eles disseram que os conteúdos os ajudaram a despertar para uma vida de bondade; na escolha de um propósito para a vida; na definição de um caminho espiritual, uma fé religiosa; e no direcionamento de suas vidas quanto à carreira e vocação.

Diversas mudanças no comportamento dos alunos foram percebidas ao longo dos semestres e a cada oportunidade que tínhamos de nos encontrar. Com o passar

do tempo, as resistências iam sendo quebradas e o interesse de eles estarem ali crescia, pois aumentava o desejo de eles descobrirem mais sobre si mesmos, a vida e o mundo.

As transformações não aconteciam somente neles e no espaço acadêmico, mas também em casa, na vivência doméstica com os pais, irmãos, avós e outros. As mudanças também eram visíveis em relação a outras disciplinas, suas responsabilidades e planejamento para o projeto de vida a seguir.

Presenciamos ainda relatos, em sala de aula, de conversão de alunos ateus – com histórico familiar de várias gerações no ateísmo – a caminhos espirituais como resultado do seu contato com aqueles conteúdos e aquela metodologia.

Acreditamos que, além do conteúdo que impactou as mentes e os corações desses alunos, também a utilização de uma metodologia diferenciada que interligava todos os estudos apresentados promoveu um resultado positivo.

A utilização de músicas, poemas, danças sagradas, vivências, vitalizadores e harmonizadores, vídeos de pequena duração, filmes era devidamente planejado.

Existia uma grande diferença da disciplina de teologia tradicional aplicada em relação a essa nova metodologia que propunha a inclusão do estudo da espiritualidade humana interligado aos demais conteúdos. Na Figura 18, é clara a indicação dos alunos que sofreram mudanças em diferentes áreas de suas vidas.

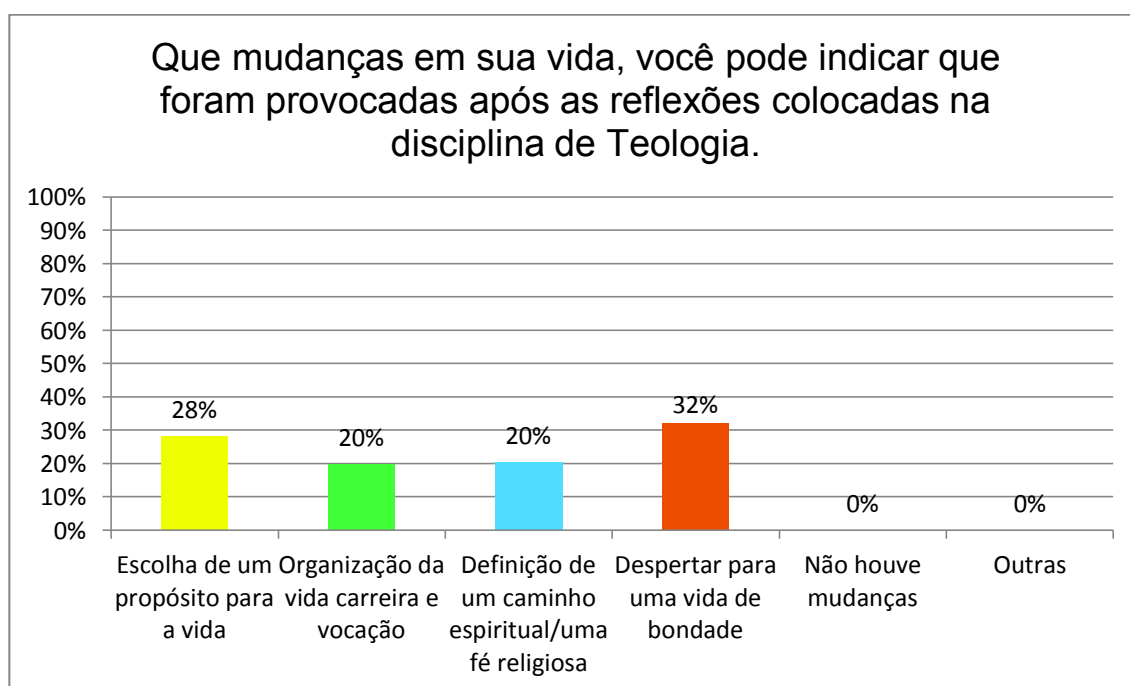


Figura 18: Respostas de 153 alunos sobre quais mudanças ocorreram em suas vidas a partir de reflexões sobre espiritualidade na disciplina Teologia

A análise que fazemos das respostas a este item é que, após os alunos serem colocados frente a frente com estes conteúdos, eles compreendem que precisam despertar sua consciência, identificar essa nova inteligência e que ela é capaz de criar sentido e significado para suas vidas porque eles constroem novas propostas de vida com caminhos definidos.

Ficou notório que esses conteúdos contribuíram para melhorar a vida desses jovens em todos os aspectos da vida, independente de sua sexualidade, faixa etária, classe social e/ou religião.

A partir das respostas dos alunos pesquisados e de seus posicionamentos em sala de aula, apreendemos que a academia tem um papel muito importante na vida de alunos e alunas. E que essa função não se restringe a prepará-los para a profissão que escolheram, mas para uma transformação de vida, de encontrar sentido e significado para vida, de organizar a carreira e encontrar o caminho da vocação.

Conforme autores estudados para fundamentação desta pesquisa – particularmente aqueles que trataram da espiritualidade como uma inteligência humana –, percebemos que as respostas e depoimentos dos alunos confirmam seus pensamentos e posicionamentos.

Reforçamos aqui o que diz Zohar (2000), que o trabalho de usar a inteligência espiritual não é tarefa fácil. Por essa razão, precisará de um grande esforço da pessoa. Isso pudemos presenciar nas experiências demonstradas em sala de aula com os alunos. Usar a inteligência espiritual implica em forçar a imaginação humana. Ter novas práticas de vida. Significa transformar sua consciência, bem como descobrir as camadas mais profundas que as que utilizamos usualmente para viver.

Uma inteligência espiritual desperta criará também na pessoa uma habilidade adicional de compreensão além da usual, uma capacidade de apreender o contexto global em que tudo está interligado com tudo. A essa capacidade de unificação das experiências, Zohar (2000) chamou de pensamento unitivo. Essa capacidade unitiva constitui um aspecto essencial da consciência capaz de unificar as experiências e

dar respostas. Esse pensamento unitivo seria fundamental para compreender a base neurológica do QS.

Os alunos e alunas, em sala de aula, tinham a oportunidade de contar suas histórias, seus relatos, suas experiências. Isso confirma que a inteligência espiritual seria a capacidade de reformular ou recontextualizar nossa experiência e, portanto, a capacidade de transformar a maneira como entendemos a vida. Essa autora continua reforçando que essa inteligência também se faz presente na pessoa mediante um sentimento de transformação, ressurreição. Segundo Zohar (2000), esse sentimento seria uma dimensão vivencial de nossa inteligência espiritual. Não se trata apenas de um estado da mente, mas de uma maneira de ser que transforma por completo nosso entendimento e nossa vida. A inteligência espiritual seria a capacidade de encontrar um propósito para a própria vida e de lidar com os problemas existenciais que surgem em momentos de fracasso, de rompimentos e de dor.

Essa inteligência reforça a ideia de que somente um alto QI não garante sucesso para a vida. Pudemos constatar isso quando da confirmação dos alunos em uma das questões anteriores. Zohar (2000) diz que ser espiritualmente inteligente é estar em contato com a inteireza. É literalmente ter o senso da própria integridade. Quando separados do centro, dessa integridade, em razão da fragmentação e da unilateralidade, a sensação que se tem é que se está andando na escuridão. Entretanto, quando se está de posse dessa inteligência espiritual, ela se transforma em luz para indicar o caminho a seguir. A luz interna da inteligência espiritual produz um efeito positivo para a vida. Para essa autora, a grande importância da inteligência espiritual seria conduzir a própria vida, dar um norte, conduzir ao encontro do caminho a se seguir, ou seja, é carregada de sentido e significado.

Zohar (2000) diz que vivenciar uma inteligência espiritual seria estar em contato com um todo maior, mais amplo, mais rico, que coloca em uma nova perspectiva uma limitada situação presente. Implica o senso de que há alguma coisa além, algo mais, que confere sentido e valor à situação em que se está agora.

Identificamos esses aspectos citados por Zohar (2000) no cotidiano com os alunos, suas mudanças de vida e seus relatos a partir das experiências vividas em sala de aula, bem como nas visitas de campo proporcionadas pela disciplina Teologia a diversas religiões, tradições e culturas, conforme relatos descritos abaixo:

Os conteúdos sobre a espiritualidade humana contribuíram para despertar minha vida, meu espírito de empatia e com isso promover as mudanças necessárias para a minha vida (D.S.G).

A mudança provocada com esses conteúdos foi a minha aproximação de Deus, e o meu entendimento sobre minha espiritualidade (A.B.T.R).

Esses conteúdos contribuíram para a escolha da minha profissão. São lições que pretendo levar adiante, para o resto da minha vida (T.C.C).

Esses conteúdos me ajudaram a definir meus valores e princípios para a vida, contribuindo de forma geral para minha formação em todos os aspectos (P.P.M.M.D).

Esses conteúdos me deram base para compreender melhor sobre mim mesmo, e a capacidade que possuo para realizar meus sonhos (V.R.C).

Essa disciplina me levou a conhecer o desconhecido. Levou-me a um degrau acima. Pude conhecer e entender que existe um mundo espiritual, uma inteligência espiritual que posso usar para definir minha rota de vida (L.O).

Percebemos que esses conteúdos e essas vivências sobre a espiritualidade humana oportunizaram a esses jovens o desenvolvimento de múltiplas inteligências. Finalizamos a análise desse item em específico dizendo que as respostas apresentadas pelos alunos confirmam o que os autores relataram e fundamentaram nesta pesquisa, que é impossível estar perante esses conteúdos e essas vivências e não ser afetado, não ser impactado.

As considerações finais sobre a análise da pesquisa aos 150 alunos da disciplina Teologia da PUC Goiás, assim como os depoimentos a partir das experiências produzidas em sala de aula nesse período, nos remetem a uma motivação maior a partir dos resultados apresentados que confirmam o que dizem os teóricos pesquisados que fundamentaram esta tese.

Esta pesquisa buscou demonstrar que o ambiente acadêmico pode ser um espaço de transformação das pessoas. Entretanto, as respostas obtidas confirmaram nossa hipótese de que o espaço acadêmico atual está focado em uma educação normótica, competitiva e excludente. Contudo, a inserção de uma perspectiva espiritual integradora e holística no ambiente acadêmico pode proporcionar uma transformação no modo como as pessoas veem a si, o outro e o mundo.

Nossa hipótese se confirmou, pois notamos que existe espaço para a inteligência espiritual ser estudada na academia e em qualquer lugar da sociedade,

independentemente qual seja a graduação, área de estudo, sexualidade, idade, religião ou classe social. O acolhimento a esses conteúdos vai de encontro a necessidade que as pessoas têm de encontrar sentido e significado para vida; de encontrar uma missão de vida; de estruturar a carreira e o caminho da vocação; de despertar a consciência e descobrir uma forma melhor de viver a vida. Percebemos pela análise das respostas dos(as) alunos(as) que eles(as) conseguiram manter o estado de presença, assim como vivenciar o encontro proporcionado na disciplina Teologia.

Mediante essa leitura, nossa conclusão da pesquisa perpassa pelo grande desafio da tarefa de uma renovação educacional. Além do aspecto cognitivo, do paradigmático e do universo da convivência, resta uma dimensão mais nobre de uma educação para facilitar o desenvolvimento evolutivo de cada ser humano, que inicia com o desenvolvimento dos seus talentos vocacionais; exercitar os domínios da memória, da razão, da sensibilidade, conjugadas com a imaginação criadora, o sentido da ética e da estética; possibilitar a expressão do carisma natural na sua tarefa de compreender o mundo e a si mesmo; compreender que aprender a conhecer, a ser, a conviver e a fazer são caminhos da inteligência espiritual, e implicam na necessidade de conciliar a dimensão pessoal e a transpessoal, que são inerentes a cada indivíduo, adequando suas qualidades de raízes e asas, de palavra e de silêncio.

Dessa forma, as pesquisas demonstraram que é possível desenvolver esses conteúdos sobre espiritualidade no espaço acadêmico, proporcionando mudanças e transformações na vida daqueles que se propuserem a estudar e vivenciar sobre a espiritualidade humana. E isso se constitui em um papel que deverá ser desenvolvido pela academia: criar espaços em sua grade curricular – seja na Teologia das PUCs, seja em outras universidades – para se vincular disciplinas integradoras como a filosofia, a sociologia, a psicologia e antropologia.

CONCLUSÃO

Esta tese teve como objeto de estudo a espiritualidade como inteligência humana, cujo objetivo foi demonstrar que o espaço acadêmico poderá se constituir num ambiente propício para a transformação das pessoas por meio do entendimento de uma espiritualidade que integre o ser humano e dê sentido e significado para sua vida.

A compreensão de que a espiritualidade pode construir um caminho para o ser humano que lhe confira um propósito de vida nos impulsionou a investigar essa temática, mesmo ciente de que enfrentaríamos dificuldades no desenvolvimento desse estudo no espaço acadêmico, visto que ele ainda é influenciado por um paradigma mecanicista.

Para o enfrentamento dessa problemática e a concretização desta pesquisa, percorremos um longo caminho buscando fundamentação teórica que embasasse nossa pesquisa de campo junto aos alunos e alunas da disciplina Teologia da PUC Goiás.

Para uma melhor clareza do tema proposto, Inteligência Espiritual em contraposição à cultura normótica, os desafios do novo paradigma, propusemos inicialmente trabalhar uma concepção de inteligência à luz do novo paradigma mediante uma contextualização do processo sociocultural da realidade contemporânea, baseada no paradigma da separatividade pelo qual a sociedade atual vem passando.

De acordo com os autores estudados, percebemos que se fazia necessário pesquisar a história da humanidade ao longo dos tempos para descobrirmos se a fragmentação do ser humano o impossibilitou de perceber e utilizar sua inteligência espiritual por causa do paradigma da racionalidade.

Nossa pesquisa nos conduziu a entender que a inteligência espiritual e seus benefícios são componentes que usamos para desenvolver valores éticos e crenças que nortearão toda a nossa vida. É importante que compreendamos que o significado de inteligência está muitas vezes ligado à sociedade e à cultura. A conclusão a que chegamos através dos autores pesquisados é que a inteligência espiritual transpõe a ideia da cultura, visto que é inerente ao ser humano.

Esta tese foi dividida em três capítulos: Capítulo I – Concepção de Inteligência à Luz do Novo Paradigma; Capítulo II – Inteligência Espiritual e o Despertar da Consciência; e Capítulo III – A Inteligência Espiritual como Parâmetro de um Novo *Habitus* Cultural.

O primeiro capítulo, Concepção de Inteligência à Luz do Novo Paradigma, foram sinalizados três caminhos a partir dos teóricos citados que indicam uma forma de vislumbrar essa inteligência no ser humano: a visão sistema do mundo, o paradigma da complexidade e o paradigma holístico. O primeiro deles, a visão sistêmica do mundo, vê o mundo em termos de relações e de integração. O segundo, o paradigma da complexidade, conforme os estudiosos citados no trabalho como Nicolescu, Morin e Capra, seria um dos caminhos para uma melhor percepção deste componente do ser humano que estamos chamando de inteligência espiritual. O terceiro, o paradigma holístico, mencionado pelos estudiosos como um dos nortes para a apreensão dessa inteligência humana que despertam uma nova consciência nas pessoas. Ainda neste capítulo expomos a existência de um “ponto de Deus” com base em teorias que afirmaram que esse é um ponto ativo em todas as pessoas por meio do seu espírito e que por isso todos os seres humanos são portadores de inteligência espiritual.

O segundo capítulo, Inteligência Espiritual e o Despertar da Consciência, trabalhamos alguns caminhos de como a inteligência espiritual se manifesta no ser humano e, uma vez que ele tenha consciência disso, ela possibilitará uma percepção integradora para a vida. Apresentamos que a religião e o ambiente acadêmico podem ser caminhos que ajudam o homem e reforçam sua prática integradora como pessoa. Contudo, compreendemos que a vivência da inteligência espiritual é o que favorece o despertar da consciência.

No terceiro capítulo, A Inteligência Espiritual como Parâmetro de um Novo *Habitus* Cultural, demonstramos que a inteligência espiritual poderá contribuir como parâmetro para um novo *habitus* cultural. Para isso utilizamos como recorte o espaço acadêmico como um local a absorver esses novos conteúdos sobre a inteligência espiritual e demonstrar que esse conhecimento, quando apresentado a alunos(as), poderá impactá-los, provocando mudanças na vida e na sociedade, levando essas pessoas a descobrirem sentido e significado para suas vidas.

Nesse capítulo, foi apresentada nossa experiência em sala de aula com a introdução de conteúdos sobre a espiritualidade humana na disciplina Teologia da

PUC Goiás, e, a partir desses conteúdos, demonstramos que é possível estudar sobre a espiritualidade no espaço acadêmico.

Realizamos entrevistas com os discentes e apresentamos os resultados mediante gráficos em que foram tabulados os resultados dos questionários aplicados a 150 discentes. Constatamos que a academia tem um papel muito importante na vida das pessoas que ali chegam a partir das respostas dos alunos(as) entrevistados, de acordo com seus posicionamentos e depoimentos prestados em sala de aula.

Quanto à nossa hipótese, as análises da pesquisa nos permitiram apreender que aquilo que os teóricos pesquisados postularam neste trabalho foi confirmado através das respostas dos(as) alunos(as) entrevistados, bem como em seus depoimentos produzidos em sala de aula. Caberá, entretanto, uma perspectiva espiritual integradora e holística no ambiente acadêmico para que haja uma transformação no modo como às pessoas veem a si, o outro, e o mundo onde vivem. Existem possibilidades e espaços para a inteligência espiritual ser estudada na academia e em qualquer lugar da sociedade. A inteligência espiritual tem subsídios e ferramentas para se contrapor a cultura normótica, sugerindo a formação de novos *habitus*.

Compreendemos que a inteligência espiritual se constitui em desafios para a educação atual. No entanto, esta pesquisa demonstra que é possível utilizar os quatro pilares da educação propostos pela UNESCO – saber conhecer, saber ser, saber conviver e saber fazer – juntamente com as inteligências QI, QE, QS e todas as múltiplas inteligências defendidas por Gardner (2000).

Deixamos aqui como sugestão para a PUC Goiás, que a nosso ver não provocará resistências aos discentes, à criação de uma disciplina com o nome de Espiritualidade e Ciência para Vida, para todas as áreas, adequando apenas às especificidades e necessidades de cada uma no que diz respeito a conteúdo e metodologia diferenciados, tendo como base a experiência realizada nessa academia que conseguimos demonstrar nesta pesquisa.

Quanto aos demais espaços acadêmicos em nosso país, recomendamos que a tese defendida nesta pesquisa seja disseminada, isto é, que a academia tem a possibilidade de ser acolhedora desses conteúdos da espiritualidade humana, contrapondo a cultura normótica e, assim, sendo um elo que possibilitará transformações na vida das pessoas.

Sabemos que propor um novo paradigma não é uma tarefa fácil, mas somente assim será possível construir um ambiente de consciência e liberdade, em que a academia esteja aberta a orientar seus discentes sobre aspectos que envolvam também sua inteligência espiritual.

REFERÊNCIAS

- BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisas de Survey/Ead Babbie*. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- BACON, Francis. *Novum organum ou verdadeiras indicações da natureza*: Nova Atlântida. Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo, a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BOFF, Leonardo, BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade, um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 1997.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris: Mouton, 1963.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CAPRA, Fritjof. *O Tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. Tradução de José Fernandes Dias. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.

CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

CREMA, Roberto; ARAÚJO, Washington. *Liderança em tempo de transformação*. Brasília: Letrativa, 2001.

CREMA, Roberto. *Pedagogia iniciática: uma escola de liderança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CREMA, Roberto. *O poder do encontro, origem do cuidado*. São Paulo: UNIPAZ; Arapoty, 2017.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA, Ex corde ecclesiae. Papa João Paulo II. Universidades Católicas, 15 ago. 1990.

CONCÍLIO VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos. Tradução Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007.

COVEY, Stephen R. *O 8º Hábito, da eficácia a grandeza*. Tradução de Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vazquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

DELORS, Jaques (Coord.) et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1997.

DURKHEIM, Émile. *La educación moral*. Buenos Aires: Losada, 1947.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1979.

D'AMBRÓZIO, Ubiratan; WEIL, Pierre; CREMA, Roberto. *Rumo à nova transdisciplinaridade, sistemas abertos de conhecimento*. São Paulo: Summus, 1993.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Rio de Janeiro: M. Fontes, 1955.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano, a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: M. Fontes, 1992.

ELIAS, Nibert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

- EMMONS, Robert A. Is spirituality an intelligence? Motivation, cognition, and the psychology of ultimate Concern. *The International Journal For The Psychology of Religion*, v. 10, n. 1, p. 3-25, 2000.
- GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GARDNER, Howard. *Inteligência: um conceito reformulado*. São Paulo: Objetiva, 2000.
- GARDNER, Howard. *Inteligência, um conceito reformulado*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1989.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional, a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GOLEMAN, Daniel. *Foco, a atenção e seu papel fundamental para o sucesso*. Tradução de Cássia Zanon. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- JAMES, William. *The varieties of religious experience: pragmatism: a pluralistic universe the meaning of truth some problems of philosophy*. Canadá: The Library of América, 1987.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JUNG, C.G. *Psicologia e religião*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JUNG, C.G. *Sincronicidade*. Tradução de Pe. Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LELOUP, Jean Yves. *A arte da atenção: para viver cada instante em sua plenitude*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Campinas: Verus, 2002.
- LELOUP, Jean Yves. *Cuidar do ser: Filon e os terapeutas de Alexandria*. Tradução de Regina Fittipaldi. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LELOUP, Jean-Yves. *Deserto: desertos*. Tradução de Efhraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LELOUP Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto: de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. Tradução de Pierre Weil. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- MAZZON, J. A. *Análise do Programa de Alimentação do Trabalhador sob o conceito de marketing social*. Tese (Doutorado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

- MEC/UNESCO. *Educação, um tesouro a descobrir*. Coordenação de Jaques Delors. São Paulo: Cortez, 1997.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 1997.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília, DF: Unesco, 2007.
- MORIN, Edgar. *A religação dos saberes, o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. São Paulo: Instituto Piaget, 1999.
- MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-Louis Lê. *Inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 1997.
- MULLER, Marisa Campio. *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Espiritualidade, ontem, hoje e sempre*. Recife: STBNB Edições, 2001.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e na relação com o radical*. Tradução de Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo: Metodista, 1985.
- PASSOS, Paulo. *Atualidade: vida para consumo*. Disponível em: <<http://nbnbrasil.com.br/2017/02/23/conjuntura>>. Acesso em: jun. 2017.
- RAMPAZZO, Lino. *Antropologia e valores cristãos*. [S.l.]: Faculdades Integradas, 1997.
- RIBEIRO, Gil Barreto. Fé, teologia e ciência no espaço acadêmico.. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (Orgs.). *O sagrado e as construções de mundo*. Goiânia: Ed. da PUC, 2004.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família escola e mídia: um campo com novas configurações, educação e pesquisa. *Revista da Faculdade de Educação da USP*, v. 28, n. 1, jan./jun., p. 107-116, 2002.
- WEIL, Pierre. *Cartografia da consciência humana I*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- WEIL, Pierre. *A arte de viver em paz: por uma nova consciência e educação*. Tradução de Helena Roriz Taveira e Hélio Macedo da Silva. Paris: Gente, 1990.
- WEIL, Pierre. *Organizações e tecnologias para o terceiro milênio: a nova cultura organizacional holística*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

WEIL, Pierre. *Rumo ao infinito*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

WEIL, Pierre. *A nova ética: na política, na empresa, na religião, na ciência, na vida privada e em todas as outras instâncias*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

WEIL Pierre; LELOUP Jean-Yves; CREMA, Roberto. *Normose: a patologia da normalidade*. Campinas: Verus, 2003.

WICKERT, Maria Lúcia Scarpini. *Referenciais educacionais do SEBRAE*. Brasília: SEBRAE, 2006. (Série Documentos).

ZOHAR, Danah. *O ser quântico*. Tradução de Maria Antonia Van Acker. São Paulo: [s.n.], 1990.

ZOHAR, Danah; MARSHAL Ian .QS, *Inteligência Espiritual: o “Q” que faz a diferença*. Tradução de Ruy Jungmannn. São Paulo: Record, 2000.

APÊNDICE E ANEXOS

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
DOUTORANDA: DEUSILENE SILVA DE LEÃO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O DOUTORADO

1 – Qual seu nome?

2 – Marque sua sexualidade

- a) () Feminino
- b) () Maculino
- c) () Outro

3 – Qual sua idade?

- a) () 18 a 29 anos
- b) () 30 a 39 anos
- c) () 40 anos em diante

2 – Segundo classificação socioeconômica apresentada pelo IBGE, Marque com um x a qual classe social você pertence, renda familiar.

- a) () Classe A, acima de 20 salários mínimos
- b) () Classe B, entre 10 e 20 salários mínimos
- c) () Classe C, entre 4 e 10 salários mínimos
- d) () Classe D, entre 2 e 4 salários mínimos
- e) () Classe E, até 2 salários mínimos

3 – A partir dos enunciados a baixo indique qual sua formação religiosa familiar

- a) Católico
- b) Protestante/evangélico/pentecostal
- c) Espírita
- d) Religiões de matrizes afro-brasileiras
- e) Sem formação religiosa familiar
- f) Outros

4 – Em que área da vida a disciplina de Teologia foi importante para você?

- a) Questões relacionais

- b) Questões comportamentais
- c) Questões profissionais/vocação
- d) Questões éticas/humanista/ambiental
- e) Questões da vida como um todo
- f) Nenhuma das opções

5 – Identifique nos enunciados a baixo o que você entende por espiritualidade?

- a) Despertar da consciência
- b) Direcionamento da vida
- c) Sensibilidade, solidariedade e defesa da vida em todas as suas instâncias
- d) Descoberta de sentido e significado para a vida
- e) Viver a vida com um propósito
- f) Outros

6 – Para você, cursar a disciplina de Teologia, ajudou no desenvolvimento de qual inteligência?

- a) Inteligência Intelectual
- b) Inteligência Emocional
- c) Inteligência Espiritual
- d) Todas as inteligências
- e) Nenhuma das anteriores

7 – Você acredita que a espiritualidade é uma dimensão do ser humano que deve ser estudada e trabalhada dentro do espaço acadêmico?

- a) () Sim
- b) () Não

8 – Que mudanças em sua vida, você pode indicar que foram provocadas após as reflexões colocadas na disciplina de Teologia.

- a) Escolha de um propósito para a vida
- b) Organização da vida carreira e vocação
- c) Definição de um caminho espiritual/uma fé religiosa
- d) Despertar para uma vida de bondade
- e) Outras

ANEXO I

TABELA ESTATÍSTICA DE MARGEM DE ERRO E INTERVALO DE CONFIANÇA

Tabela D — Determinação da margem de erro ($\pm E$) de um resultado segundo o número de elementos que estão na amostra (1a. coluna) e dos diversos valores de p (indicados no cabeçalho).



$$\text{Fórmula: } E = \sqrt{\frac{pq}{n}}$$

Coefficiente de confiança de 95,5% (2s)

Número de elementos da amostra	1/99	2/98	3/97	4/96	5/95	10/90	15/85	20/80	25/75	30/70	35/65	40/60	45/55	50/50
25	4,0	3,6	3,3	3,0	2,7	12,0	14,3	16,0	17,3	18,3	19,1	19,6	19,8	20,0
50	2,8	2,5	2,3	2,1	1,9	8,5	10,1	11,4	12,3	13,0	13,5	13,9	14,1	14,2
75	2,3	2,1	1,9	1,7	1,6	6,9	8,2	9,2	10,0	10,5	11,0	11,3	11,4	11,5
100	2,0	1,8	1,7	1,5	1,4	6,0	7,1	8,0	8,7	9,2	9,5	9,6	9,9	10,0
150	1,6	1,5	1,4	1,3	1,2	4,9	5,9	6,6	7,1	7,5	7,8	8,0	8,1	8,2
200	1,4	1,3	1,2	1,1	1,0	4,3	5,1	5,7	6,1	6,5	6,8	7,0	7,0	7,1
250	1,2	1,1	1,0	0,9	0,8	3,8	4,5	5,0	5,5	5,8	6,0	6,2	6,2	6,3
300	1,1	1,0	0,9	0,8	0,7	3,5	4,1	4,6	4,9	5,3	5,5	5,7	5,8	5,8
400	0,92	0,85	0,79	0,73	0,68	3,0	3,6	4,0	4,3	4,6	4,8	4,9	5,0	5,0
500	0,85	0,78	0,73	0,68	0,63	2,7	3,2	3,6	3,9	4,1	4,3	4,4	4,5	4,5
600	0,81	0,74	0,69	0,64	0,59	2,5	2,9	3,3	3,6	3,8	3,9	4,0	4,1	4,1
800	0,69	0,63	0,58	0,54	0,50	2,1	2,5	2,8	3,0	3,3	3,3	3,4	3,5	3,5
1000	0,63	0,57	0,53	0,49	0,45	1,9	2,3	2,6	2,8	2,9	3,1	3,1	3,2	3,2
1300	0,57	0,51	0,47	0,43	0,40	1,7	2,1	2,3	2,5	2,7	2,8	2,8	2,9	2,9
1500	0,51	0,45	0,41	0,38	0,35	1,6	1,9	2,1	2,3	2,4	2,5	2,5	2,6	2,6
2000	0,44	0,39	0,35	0,32	0,29	1,3	1,6	1,8	1,9	2,0	2,1	2,2	2,2	2,2
2500	0,40	0,35	0,31	0,28	0,25	1,22	1,4	1,6	1,7	1,8	1,9	2,0	2,0	2,0
3000	0,36	0,31	0,27	0,24	0,21	1,1	1,3	1,5	1,6	1,7	1,7	1,8	1,8	1,8
4000	0,31	0,26	0,22	0,19	0,17	0,95	1,1	1,2	1,4	1,4	1,5	1,5	1,6	1,6
5000	0,28	0,23	0,19	0,16	0,14	0,85	1,0	1,1	1,2	1,3	1,4	1,4	1,4	1,4
7500	0,23	0,18	0,14	0,12	0,10	0,69	0,82	0,92	1,0	1,1	1,1	1,1	1,2	1,2
10000	0,20	0,15	0,11	0,09	0,08	0,60	0,71	0,80	0,87	0,93	0,95	0,98	0,99	1,0
15000	0,16	0,12	0,08	0,06	0,05	0,49	0,59	0,66	0,71	0,75	0,78	0,80	0,81	0,82
25000	0,21	0,16	0,11	0,08	0,06	0,38	0,45	0,50	0,55	0,58	0,60	0,62	0,62	0,63
50000	0,08	0,06	0,04	0,03	0,02	0,24	0,28	0,32	0,35	0,37	0,48	0,39	0,40	0,40

ANEXO II

APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA			
- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA			
Título da Pesquisa: Espiritualidade, inteligência transformadora que cria sentido e dá significado à vida a partir do espaço acad			
Pesquisador Responsável: DEUSILENE SILVA DE LEO			
Área Temática:			
Versão: 2			
CAAE: 40746714 0 0000 0037			
Submetido em: 03/05/2015			
Instituição Proponente: Centro de Ensino em Enfermagem e Nutrição			
Situação da Versão do Projeto: Aprovado			
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável			
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio			
Comprovante de Rec			
- DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA			
<ul style="list-style-type: none">-  Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 2-  Projeto Original (PO) - Versão 2	<table border="1"><thead><tr><th>Tipo de Documento</th><th>Situação</th></tr></thead></table>	Tipo de Documento	Situação
Tipo de Documento	Situação		

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Deusilene Silva de Leão, sou a pesquisadora responsável e minha orientadora é a Prof Dra Irene Dias de Oliveira e minha área de atuação é Ciências da Religião, minha linha de pesquisa é Cultura e Sistema Simbólico.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Caso não queira participar da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, ou no decorrer da mesma, você poderá entrar em contato comigo Deusilene Silva de Leão pesquisadora responsável nos telefones: (062) 3212-7848 ou (062) 8139-3800; ou com minha orientadora Irene Dias de Oliveira pelo telefone; (062) 3946 1673. Em casos de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, da qual sou aluna nos telefones: 3946-1512 ou 3946-1070.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

O presente projeto tem por objetivo demonstrar que o espaço acadêmico pode se constituir num ambiente propício para a transformação das pessoas por meio da compreensão de uma espiritualidade que integra e dá sentido e significado a vida.

O ser humano tem vivido uma crise de sentido e de significados que lhe tem causado um vazio interior. Em função desse vazio algumas questões têm vindo à tona, entre elas, a espiritualidade, que tem sido um tema recorrente nesta época de tantas buscas. Esta pesquisa tem a intenção de demonstrar que existe uma nova compreensão de espiritualidade e que o espaço acadêmico poderá ser um desses locais com possibilidades de trabalhar e despertar essa nova compreensão.

A obtenção de dados será por meio dos depoimentos registrados em sala de aula e de entrevistas, que serão feitas, com os alunos da disciplina de Teologia que tiveram contato com o conteúdo sobre a espiritualidade como inteligência humana, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. As entrevistas pessoais têm como objetivo demonstrar a

compreensão dessas pessoas sobre os conteúdos apresentados de espiritualidade, na disciplina de Teologia, e os impactos que causaram na direção e propósito de suas vidas.

Faremos a pesquisa de campo com 150 (cinquenta) alunos (as) que estão cursando e/ou cursaram a disciplina de Teologia, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás, e tiveram contato com os conteúdos sobre a espiritualidade humana como inteligência. Estes alunos (a) fazem parte de diversas graduações. O contato será feito através da sala de aula, por telefone, e-mail e das redes sociais, como: Facebook, Instagram e WhatsApp. A partir desta triagem, será aplicado um questionário em que os selecionados, serão solicitados a responder um questionário através de meio físico e/ou através do uso da internet, visto que o endereço de e-mail e redes sociais serão coletados em sala de aula para os alunos que estão cursando a disciplina, para aqueles que já cursaram esses contatos de e-mail e redes sociais, foram coletados quando de sua passagem pela disciplina, estando inclusive a maioria desses alunos nas redes sociais de muitos de nossos professores da disciplina. Caso esses contatos não sejam o suficiente para localizar o selecionado para fazer a pesquisa, entraremos em contato com o CPD (Centro de Processamento de Dados) da Universidade, onde estão todos os registros de e-mail's disponíveis de nossos acadêmicos.

A sua participação nesta pesquisa será pautada em sua livre disposição e disponibilidade em contribuir para a mesma. Não haverá nenhuma espécie de pagamento ou gratificação financeira aos entrevistados desta pesquisa, mas a pesquisadora se propõem a arcar com as despesas de lanche e transporte, quando forem necessários, para os participantes da pesquisa. Os entrevistados (as) terão acesso ao conteúdo das entrevistas que serão manuseadas exclusivamente pela pesquisadora para fins acadêmicos (tese, artigos). As entrevistas poderão ser enviadas por meio eletrônico ou físico, segundo a escolha do participante da pesquisa para que possam concordar, acrescentar, objetar e autorizar o seu conteúdo. Você também deve ser consciente de que durante a entrevista pode ser que alguma memória ou lembrança traga à tona algum mal estar e desconforto (físico e/ou emocional). Caso isto ocorra, a pesquisadora se propõe a prestar assistência integral e gratuita, ou seja, com consulta, acompanhamento e/ou tratamento psicológico, contratado previamente para esta eventualidade, causada pelo contato com a pesquisa, e a pagar indenização por danos decorrentes da pesquisa, caso seja necessário, conforme estabelece a Resolução CNS No 466, de 12 de dezembro de 2012. Você também poderá ser beneficiado (a) por meio desta pesquisa na medida em que a mesma proporcionará maior compreensão sobre esta nova dimensão do ser humano, lhe proporcionando integração consigo mesmo, com os outros e o ambiente ao redor. Ademais, me comprometo pela garantia do sigilo de cada participante da pesquisa, assegurando-lhes absoluta

privacidade quanto às informações confidenciais envolvidas na pesquisa. Volto a afirmar que os participantes da pesquisa dispõem de total liberdade para se recusarem ou interromperem a pesquisa a qualquer momento, sem que isso implique em qualquer penalidade ou qualquer prejuízo por parte dos participantes.

Deusilene Silva de Leão, Doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Pesquisadora Responsável.

Eu, _____, portador do RG _____ e do CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **Espiritualidade, inteligência transformadora que cria sentido e dá significado à vida, a partir do espaço acadêmico**, como sujeito entrevistado. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora Deusilene Silva de Leão sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento, se for o caso).

Goiânia, _____ de 201__.

ANEXO IV

PLANO DE ENSINO TEOLOGIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

PLANO DE ENSINO

DISCIPLINA: TEOLOGIA E FORMAÇÃO PROFESSORES	CODIGO: FIT 1720
CURSO : EDUCAÇÃO FÍSICA	SEMESTRE LETIVO : 2012
PROFª: DEUSILENE LEÃO	TURMA: C03

EMENTA:

Possibilitar a compreensão de que existe no ser humano uma dimensão espiritual que o leva ao despertar da consciência, a transformação da vida, a organizar qual caminho deve seguir, descobrindo sentido e significado para sua existência, incluindo as reflexões sobre as relações entre o fenômeno religioso e as realidades sociais, políticas e econômicas no Brasil e na América Latina, tendo como ponto de partida a tradição teológica cristã latino-americana, e como eixos de referência os valores evangélicos da solidariedade, da justiça, do cuidado, da responsabilidade, e da compaixão.

OBJETIVO GERAL:

Reconhecer a importância da Teologia, enquanto espaço meta-disciplinar para a construção de uma visão global da existência humana e de seu mundo como sistema complexo de valores, para uma prática crítica das ciências sociais e humanas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o processo histórico da espiritualidade a partir da manifestação do sagrado nas tradições religiosas;
- Tomar consciência da existência de um mundo espiritual do qual fazemos parte;
- Possibilitar uma organização da vida, orientação da carreira descobrindo o caminho da vocação;
- Possibilitar novos caminhos como uma ética superior, valorização do outro;
- Criar seu sistema pessoal de valores;

- A inteligência espiritual e o despertar da consciência;
- Espiritualidade e transdisciplinaridade.
- Utilizar criticamente as idéias e os modelos das tradições teológicas para enfrentar questões transdisciplinares na área das ciências que tratam da formação de professores.
- Propor questões emergentes da sociedade atual e exercitar uma postura crítica frente às mesmas a partir da tradição teológica que define a identidade da PUC.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas teóricas e expositivas, com o uso de recursos audiovisuais;
- Utilização de vídeos, músicas, danças sagradas e poemas;
- Aulas práticas: trabalhos individuais e em grupo (seminários, debates e oficinas voltadas para cada area); dinâmicas de grupo, com vivências específicas para cada area do conhecimento;
- Pesquisas de campo junto a diversas religiões, tradições e culturas.

AVALIAÇÃO

- Avaliação escrita individual com questões objetivas e discursivas (N1 e N2).
- Trabalhos práticos individuais e em grupo, com apresentação em slides.
- Atividades complementares: tarefa para casa, leitura dos textos.
- Atividades AED, mensal carga horária de 2 horas cada.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO CRONOGRAMA – PROVÁVEL –

PARTE I – TEOLOGIA, RELIGIÃO E FENÔMENO RELIGIOSO	
	Apresentação do Programa da disciplina Fé, Teologia e Ciência no espaço acadêmico. (Gil Barreto Neves)
	A Transformação pelo Encontro (Deusilene Leão) A vivência dos quatro elementos (água, ar, fogo e terra)
	A existência de um mundo invisível, a manifestação do sagrado; A existência de um ser superior; Elementos e Estrutura do Fenômeno Religioso
	A pessoa humana como ser que necessita da espiritualidade; Religião e Sociedade: A Eterna Busca de Sentido (Carolina Teles) Conceito e Interpretações da Religião (Luigi Schiavo)

	As Religiões e seus Textos Sagrados (Valmor da Silva)
	Panorama Religioso do Brasil (Alberto da Silva Moreira)
	Vídeo “Quem Somos Nós?” Fazer uma síntese do filme colocando sua opinião no final” 0,2 pts
PARTE II – RELIGIÃO, SER HUMANO E CULTURA	
	O caminho da espiritualidade Carnaval da Alma, Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era (Leila Amaral)
	A contribuição Xamânica para o Fenômeno Religioso no Mundo (Deusilene Leão)
	Como se manifesta a espiritualidade; Paz: Vocação e compromisso das Religiões (Ivoni Richter Reimer)
	Uma Ética para Salvar a Terra (Leonardo Boff)VÍDEO SOBRE ÉTICA E MORAL – MÁRIO SÉRGIO CORTELLA – PUC-SP Ética para a vida
	A Ética da Ação Comunicativa e da Justiça/Princípios e Valores Éticos da Carta da Terra (Leonardo Boff) A Teologia da Libertação e o Cristianismo Social (Alberto da Silva Moreira)
	APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE PESQUISA, METADE DA AVALIAÇÃO DE N1 E PESQUISA AED (FENÔMENO RELIGIOSO A LUZ DA CIÊNCIA, DA CULTURA E DA RELIGIÃO)
	N1 – AVALIAÇÃO
PARTE III – TEOLOGIA E RELIGIÃO EM DIÁLOGO COM AS CIÊNCIAS HUMANAS	
	A espiritualidade como estado de conexão com a vida, o caminho para o despertar da consciência; Sobre as inteligências
	A inteligência espiritual Teologia e Formação de Professores (Uene José Gomes)
	Como vivenciar a espiritualidade Religião e Alteridade: Diferença, Preconceito e Discriminação (Irene Dias) Religião e Relações de Gênero (Zilda Fernandes Ribeiro)

	Religião e Espiritualidade: Pelo Caminho do Ocidente, Pelo Caminho do Oriente/As Religiões a Serviço da Espiritualidade (Leonardo Boff)
	Alguém me tocou, eu senti que uma força saía de mim (Um ensaio sobre Jesus e os Taumaturgos de seu tempo) Paulo Cezar Nunes de Oliveira
	A espiritualidade vivida no cotidiano;
	APRESENTAÇÃO DO FILME “A SERVIDÃO MODERNA” (Elaborar Síntese com sua opinião pessoal no final para entrega, 0,2pts)
	Morte e Ressurreição na Nova Antropologia (Leonardo Boff)
PARTE IV – TEOLOGIA E RELIGIÃO E A TRANSDISCIPLINARIDADE	
	O novo paradigma e a visão sistêmica do mundo e a complexidade (Fritjof Capra, Edgar Morin)
	Uma Nova Visão do mundo: a transdisciplinaridade (Basarab Nicolescu)
	O paradigma holístico e a nova visão de mundo (Pierre Weil, Roberto Crema)
	A inteligência espiritual e O paradigma educacional emergente (Maria Cândida Moraes)
	APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE PESQUISA (PESQUISA DE CAMPO EM GRUPO) CADA GRUPO ESCOLHERÁ UMA RELIGIÃO DENTRE AS PRINCIPAIS SEM REPETIR NEM UM GRUPO, DEVERÁ SER FEITO TRÊS VISITAS IN LOCCO COM REGISTRO DE FOTOS E FILMAGENS, PARA SER APRESENTADO A TODA A TURMA, JUNTAMENTE COM O TRABALHO ESCRITO. ATIVIDADE AED
	ÍDEM
	Atividade avaliativa – N2
	Entrega e discussão de notas e frequência
Total de aulas = 36 x 2 = 72 aulas + 8h de atividade extra sala = 80 aulas	

AED - Atividades Externas da Disciplina – Carga Horária = 08h

ATIVIDADE	TEMA	CARGA HORÁRIA	DATA DE
-----------	------	---------------	---------

			ENTRE GA
Trabalho de campo: Pesquisar sobre os elementos que compõem o fenômeno religioso na comunidade que participa, (Símbolos, mitos, ritos, literatura sagrada, doutrinas e outros) Este trabalho contará metade da nota de N1 e AED.	Fenômeno Religioso	4h aula	
Pesquisa de campo, escolher uma religião, grupo ou comunidade religiosa para fazer acompanhamento in loco, no mínimo três visitas devidamente registradas com fotografia e filmagens que deverá ser apresentado em sala de aula, apresentação em slides e trabalho escrito. (Este trabalho contará metade da nota de N2 e AED)	As Grandes Religiões do mundo	4h aula	
Todos os trabalhos deverão obedecer as regras da ABNT -Associação Brasileira de Normas Técnicas.			

ATIVIDADES COMPLEMENTARES QUE CONTAM NOTA

- Os textos deverão ser lidos e estudados em casa
- Atividades em grupo em sala de aula
- Tarefas para casa: resumo, síntese, fichamento de textos
- Participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERTAZZO, G. As religiões no mundo. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/FITEG, 1998, v. 8, n.2

CORDEIRO, D. Teologias cristãs e paradigmas científicos. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/IFITEG, 1996, V. 6, N.21

LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor. (orgs) *O sagrado e as construções de mundo*. Goiânia: UCG, 2004.

TELES LEMOS, Carolina. Experiência religiosa e dignidade humana. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/FITEG, 1998, v.8, n.2

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMARAL, Leila. Carnaval da Alma, Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade, um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo. Ethos Mundial, Um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. Ética da Vida. Brasília: Letraviva, 1999.

BOFF, Leonardo. Ética & eco-espiritualidade. Campinas-SP: Verus Editora, 2003.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

RICHTER REIMER, Ivoni (Org). Corpo, Gênero, Sexualidade e Saúde. Goiânia: Ed UCG, 2005.

ANEXO V**PLANO DE ENSINO TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA****PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS****PLANO DE ENSINO**

DISCIPLINA: TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA	CODIGO: FIT 1500
CURSO : BIOLOGIA/PSICOLOGIA	SEMESTRE LETIVO: 2012/
PROFª: DEUSILENE LEÃO	TURMA: CO1

EMENTA:

Possibilitar a compreensão de que existe no ser humano uma dimensão espiritual que o leva ao despertar da consciência, a transformação da vida, a organizar qual caminho deve seguir, descobrindo sentido e significado para sua existência, incluindo as reflexões sobre as relações entre o fenômeno religioso e as realidades sociais, políticas e econômicas no Brasil e na América Latina, tendo como ponto de partida a tradição teológica cristã latino-americana, e como eixos de referência os valores evangélicos da solidariedade, da justiça, do cuidado, da responsabilidade, e da compaixão.

OBJETIVO GERAL:

Reconhecer a importância da Teologia, enquanto espaço meta-disciplinar para a construção de uma visão global da existência humana e de seu mundo como sistema complexo de valores, para uma prática crítica das ciências para a vida.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o processo histórico da espiritualidade a partir da manifestação do sagrado nas tradições religiosas;
- Tomar consciência da existência de um mundo espiritual do qual fazemos parte;
- possibilitar uma organização da vida, orientação da carreira descobrindo o caminho da vocação;
- Possibilitar novos caminhos como uma ética superior, valorização do outro;

- Criar seu sistema pessoal de valores;
- A inteligência espiritual e o despertar da consciência;
- Espiritualidade e transdisciplinaridade.
- Utilizar criticamente as idéias e os modelos das tradições teológicas para enfrentar questões transdisciplinares na área das ciências que tratam da formação de professores.
- Propor questões emergentes da sociedade atual e exercitar uma postura crítica frente às mesmas a partir da tradição teológica que define a identidade da PUC.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas teóricas e expositivas, com o uso de recursos audiovisuais;
- Utilização de vídeos, músicas, danças sagradas e poemas;
- Aulas práticas: trabalhos individuais e em grupo (seminários, debates e oficinas voltadas para cada area); dinâmicas de grupo, com vivências específicas para cada area do conhecimento;
- Pesquisas de campo junto a diversas religiões, tradições e culturas.

AVALIAÇÃO

- Avaliação escrita individual com questões objetivas e discursivas (N1 e N2).
- Trabalhos práticos individuais e em grupo, com apresentação em slides.
- Atividades complementares: tarefa para casa, leitura dos textos.
- Atividades AED, mensal carga horária de 2 horas cada.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO CRONOGRAMA – PROVÁVEL –

PARTE I –: TEOLOGIA, RELIGIÃO E FENÔMENO RELIGIOSO	
	Apresentação do Programa da disciplina Fé, Teologia e Ciência no espaço acadêmico. (Gil Barreto Neves)
	A Transformação pelo Encontro (Deusilene Leão) A vivência dos quatro elementos (água, ar, fogo e terra)
	A existência de um mundo invisível, a manifestação do sagrado; A existência de um ser superior; Elementos e Estrutura do Fenômeno Religioso

	A pessoa humana como ser que necessita da espiritualidade; Religião e Sociedade: A Eterna Busca de Sentido (Carolina Teles) Conceito e Interpretações da Religião (Luigi Schiavo)
	As Religiões e seus Textos Sagrados (Valmor da Silva)
	Panorama Religioso do Brasil (Alberto da Silva Moreira)
	Vídeo “Quem Somos Nós?” Fazer uma síntese do filme colocando sua opinião no final” 0,2 pts
PARTE II – RELIGIÃO, SER HUMANO E CULTURA	
	O caminho da espiritualidade Carnaval da Alma, Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era (Leila Amaral)
	A contribuição Xamânica para o Fenômeno Religioso no Mundo (Deusilene Leão)
	Como se manifesta a espiritualidade; Paz: Vocação e compromisso das Religiões (Ivoni Richter Reimer)
	Uma Ética para Salvar a Terra (Leonardo Boff)VÍDEO SOBRE ÉTICA E MORAL – MÁRIO SÉRGIO CORTELLA – PUC-SP Ética para a vida
	A Ética da Ação Comunicativa e da Justiça/Princípios e Valores Éticos da Carta da Terra (Leonardo Boff) A Teologia da Libertação e o Cristianismo Social (Alberto da Silva Moreira)
	APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE PESQUISA, METADE DA AVALIAÇÃO DE N1 E PESQUISA AED (FENÔMENO RELIGIOSO A LUZ DA CIÊNCIA, DA CULTURA E DA RELIGIÃO)
	N1 – AVALIAÇÃO
PARTE III – TEOLOGIA E RELIGIÃO EM DIÁLOGO COM AS CIÊNCIAS DA VIDA	
	A espiritualidade como estado de conexão com a vida, o caminho para o despertar da consciência; Sobre as inteligências
	A inteligência espiritual Teologia e Ciências da Vida (Lorenzo Lago)
	Ética na Ciência: Aspectos sociológicos (Marisa Palacios, Andre Martins, Olinto A. Pegoraro)

	Dilemas éticos na alocação de recursos em saúde (idem) Ética e políticas de saúde (idem)
	Como vivenciar a espiritualidade Religião e Alteridade: Diferença, Preconceito e Discriminação (Irene Dias) Religião e Relações de Gênero (Zilda Fernandes Ribeiro)
	A espiritualidade vivida no cotidiano; Religião e Espiritualidade: Pelo Caminho do Ocidente, Pelo Caminho do Oriente/As Religiões a Serviço da Espiritualidade (Leonardo Boff)
	A Saúde, a cura e os terapeutas através dos tempos. Suely Marques Rosa
	APRESENTAÇÃO DO FILME “A SERVIDÃO MODERNA” (Elaborar Síntese com sua opinião pessoal no final para entrega, 0,2pts)
	Morte e Ressurreição na Nova Antropologia (Leonardo Boff)
PARTE IV – TEOLOGIA E RELIGIÃO E A TRANSDISCIPLINARIDADE	
	O novo paradigma e a visão sistêmica do mundo e a complexidade (Fritjof Capra, Edgar Morin)
	Uma Nova Visão do mundo: a transdisciplinaridade (Basarab Nicolescu)
	O paradigma holístico e a nova visão de mundo (Pierre Weil, Roberto Crema)
	A inteligência espiritual e O paradigma educacional emergente (Maria Cândida Moraes)
	APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE PESQUISA (PESQUISA DE CAMPO EM GRUPO) CADA GRUPO ESCOLHERÁ UMA RELIGIÃO DENTRE AS PRINCIPAIS SEM REPETIR NEM UM GRUPO, DEVERÁ SER FEITO TRÊS VISITAS IN LOCCO COM REGISTRO DE FOTOS E FILMAGENS, PARA SER APRESENTADO A TODA A TURMA, JUNTAMENTE COM O TRABALHO ESCRITO. ATIVIDADE AED
	ÍDEM
	Atividade avaliativa – N2
	Entrega e discussão de notas e frequência

Total de aulas = 36 x 2 = 72 aulas + 8h de atividade extra sala = 80 aulas

AED - Atividades Externas da Disciplina – Carga Horária = 08h

ATIVIDADE	TEMA	CARGA HORÁRIA	DATA DE ENTREGA
Trabalho de campo: Pesquisar sobre os elementos que compõem o fenômeno religioso na comunidade que participa, (Símbolos, mitos, ritos, literatura sagrada, doutrinas e outros) Este trabalho contará metade da nota de N1 e AED.	Fenômeno Religioso	4h aula	
Pesquisa de campo, escolher uma religião, grupo ou comunidade religiosa para fazer acompanhamento in loco, no mínimo três visitas devidamente registradas com fotografia e filmagens que deverá ser apresentado em sala de aula, apresentação em slides e trabalho escrito. (Este trabalho contará metade da nota de N2 e AED)	As Grandes Religiões do mundo	4h aula	
Todos os trabalhos deverão obedecer as regras da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.			

ATIVIDADES COMPLEMENTARES QUE CONTAM NOTA

- Os textos deverão ser lidos e estudados em casa
- Atividades em grupo em sala de aula
- Tarefas para casa: resumo, síntese, fichamento de textos
- Participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERTAZZO, G. As religiões no mundo. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/FITEG, 1998, v. 8, n.2

CORDEIRO, D. Teologias cristãs e paradigmas científicos. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/IFITEG, 1996, V. 6, N.21

LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor. (orgs) *O sagrado e as construções de mundo*. Goiânia: UCG, 2004.

TELES LEMOS, Carolina. Experiência religiosa e dignidade humana. In: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia: UCG/FITEG, 1998, v.8, n.2

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade, um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial, Um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Brasília: Letraviva, 1999.

BOFF, Leonardo. *Ética & eco-espiritualidade*. Campinas-SP: Verus Editora, 2003.

COLLINS, Francis S. *A Linguagem de Deus*. São Paulo: ED. Gente, 2007.

DURKHEIM, Émile. *As Formas elementares de Vida Religiosa (sistema totêmico na Austrália)*. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

GOMES, Uene J. *África, afrodescendência e educação*. Goiânia: UCG, 2008.

GRÜN, Mauro. *Ética e educação ambiental. A conexão necessária*. Campinas: Papyrus, 1996.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

PALÁCIOS, Marisa, MARTINS, André, PEGORARO, Olinto A. (Org's). *Ética, Ciência e Saúde, desafios da bioética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RICHTER REIMER, Ivoni (Org). *Corpo, Gênero, Sexualidade e Saúde*. Goiânia: Ed UCG, 2005.

RICHTER REIMER, Ivoni (Org). *Corpo, Gênero, Sexualidade e Saúde*. Goiânia: Ed UCG, 2005.

SELLA, A. *A ética da justiça*. São Paulo: Paulus, 2003.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ANEXO VI**PLANO DE ENSINO TEOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS****PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS****PLANO DE ENSINO**

DISCIPLINA: TEOLOGIA E CIÊNCIAS EXATAS	CODIGO: FIT 1620
CURSO: ENGENHARIAS	SEMESTRE LETIVO: 2013/01
PROFª: DEUSILENE LEÃO	TURMA: C01

EMENTA:

Possibilitar a compreensão de que existe no ser humano uma dimensão espiritual que o leva ao despertar da consciência, a transformação da vida, a organizar qual caminho deve seguir, descobrindo sentido e significado para sua existência, incluindo as reflexões sobre as relações entre o fenômeno religioso e as realidades sociais, políticas e econômicas no Brasil e na América Latina, tendo como ponto de partida a tradição teológica cristã latino-americana, e como eixos de referência os valores evangélicos da solidariedade, da justiça, do cuidado, da responsabilidade, e da compaixão.

OBJETIVO GERAL:

Reconhecer a importância da Teologia, enquanto espaço meta-disciplinar para a construção de uma visão global da existência humana e de seu mundo como sistema complexo de valores, para uma prática crítica das ciências exatas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o processo histórico da espiritualidade a partir da manifestação do sagrado nas tradições religiosas;
- Tomar consciência da existência de um mundo espiritual do qual fazemos parte;
- possibilitar uma organização da vida, orientação da carreira descobrindo o caminho da vocação;
- Possibilitar novos caminhos como uma ética superior, valorização do outro;

- Criar seu sistema pessoal de valores;
- A inteligência espiritual e o despertar da consciência;
- Espiritualidade e transdisciplinaridade.
- Utilizar criticamente as idéias e os modelos das tradições teológicas para enfrentar questões transdisciplinares na área das ciências que tratam da formação de professores.
- Propor questões emergentes da sociedade atual e exercitar uma postura crítica frente às mesmas a partir da tradição teológica que define a identidade da PUC.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas teóricas e expositivas, com o uso de recursos audiovisuais;
- Utilização de vídeos, músicas, danças sagradas e poemas;
- Aulas práticas: trabalhos individuais e em grupo (seminários, debates e oficinas voltadas para cada área); dinâmicas de grupo, com vivências específicas para cada área do conhecimento;
- Pesquisas de campo junto a diversas religiões, tradições e culturas.

AValiação

- Avaliação escrita individual com questões objetivas e discursivas (N1 e N2).
- Trabalhos práticos individuais e em grupo, com apresentação em slides.
- Atividades complementares: tarefa para casa, leitura dos textos.
- Atividades AED, mensal carga horária de 2 horas cada.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO CRONOGRAMA – PROVÁVEL –

PARTE I –: TEOLOGIA, RELIGIÃO E FENÔMENO RELIGIOSO	
	Apresentação do Programa da disciplina Fé, Teologia e Ciência no espaço acadêmico. (Gil Barreto Neves)
	A Transformação pelo Encontro (Deusilene Leão) A vivência dos quatro elementos (água, ar, fogo e terra)
	A existência de um mundo invisível, a manifestação do sagrado; A existência de um ser superior; Elementos e Estrutura do Fenômeno Religioso
	A pessoa humana como ser que necessita da espiritualidade;

	Religião e Sociedade: A Eterna Busca de Sentido (Carolina Teles) Conceito e Interpretações da Religião (Luigi Schiavo)
	As Religiões e seus Textos Sagrados (Valmor da Silva)
	Panorama Religioso do Brasil (Alberto da Silva Moreira)
	Vídeo “Quem Somos Nós?” Fazer uma síntese do filme colocando sua opinião no final” 0,2 pts
PARTE II – RELIGIÃO, SER HUMANO E CULTURA	
	O caminho da espiritualidade Carnaval da Alma, Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era (Leila Amaral)
	A contribuição Xamânica para o Fenômeno Religioso no Mundo (Deusilene Leão)
	Como se manifesta a espiritualidade; Paz: Vocação e compromisso das Religiões (Ivoni Richter Reimer)
	Uma Ética para Salvar a Terra (Leonardo Boff)VÍDEO SOBRE ÉTICA E MORAL – MÁRIO SÉRGIO CORTELLA – PUC-SP Ética para a vida
	A Ética da Ação Comunicativa e da Justiça/Princípios e Valores Éticos da Carta da Terra (Leonardo Boff) A Teologia da Libertação e o Cristianismo Social (Alberto da Silva Moreira)
	APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE PESQUISA, METADE DA AVALIAÇÃO DE N1 E PESQUISA AED (FENÔMENO RELIGIOSO A LUZ DA CIÊNCIA, DA CULTURA E DA RELIGIÃO)
	N1 – AVALIAÇÃO
PARTE III – TEOLOGIA E RELIGIÃO EM DIÁLOGO COM AS CIÊNCIAS EXATAS	
	A espiritualidade como estado de conexão com a vida, o caminho para o despertar da consciência; Sobre as inteligências
	A inteligência espiritual Teologia, Ciências Exatas e Tecnologias (Alaor Rodrigues de Aguiar)
	A Sistemologia de Lupasco (Roberto Crema)
	Tecno-Natureza e Espaço Cibernético (Basarab Nicolescu)

	Como vivenciar a espiritualidade Religião e Alteridade: Diferença, Preconceito e Discriminação (Irene Dias) Religião e Relações de Gênero (Zilda Fernandes Ribeiro)
	A espiritualidade vivida no cotidiano; Religião e Espiritualidade: Pelo Caminho do Ocidente, Pelo Caminho do Oriente/As Religiões a Serviço da Espiritualidade (Leonardo Boff)
	A Física Quântica e nova Didática dos Mistérios da Fé: As novas leituras sobre a fé e as ciências (Dra Irene Dias)
	APRESENTAÇÃO DO FILME “A SERVIDÃO MODERNA” (Elaborar Síntese com sua opinião pessoal no final para entrega, 0,2pts)
	Morte e Ressurreição na Nova Antropologia (Leonardo Boff)
PARTE IV – TEOLOGIA E RELIGIÃO E A TRANSDISCIPLINARIDADE	
	O novo paradigma e a visão sistêmica do mundo e a complexidade (Fritjof Capra, Edgar Morin)
	Uma Nova Visão do mundo: a transdisciplinaridade (Basarab Nicolescu)
	O paradigma holístico e a nova visão de mundo (Pierre Weil, Roberto Crema)
	A inteligência espiritual e O paradigma educacional emergente (Maria Cândida Moraes)
	APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE PESQUISA (PESQUISA DE CAMPO EM GRUPO) CADA GRUPO ESCOLHERÁ UMA RELIGIÃO DENTRE AS PRINCIPAIS SEM REPETIR NEM UM GRUPO, DEVERÁ SER FEITO TRÊS VISITAS IN LOCCO COM REGISTRO DE FOTOS E FILMAGENS, PARA SER APRESENTADO A TODA A TURMA, JUNTAMENTE COM O TRABALHO ESCRITO. ATIVIDADE AED
	ÍDEM
	Atividade avaliativa – N2
	Entrega e discussão de notas e frequência
Total de aulas = 36 x 2 = 72 aulas + 8h de atividade extra sala = 80 aulas	

AED - Atividades Externas da Disciplina – Carga Horária = 08h

ATIVIDADE	TEMA	CARGA HORÁRIA	DATA DE ENTREGA
Trabalho de campo: Pesquisar sobre os elementos que compõem o fenômeno religioso na comunidade que participa, (Símbolos, mitos, ritos, literatura sagrada, doutrinas e outros) Este trabalho contará metade da nota de N1 e AED.	Fenômeno Religioso	4h aula	
Pesquisa de campo, escolher uma religião, grupo ou comunidade religiosa para fazer acompanhamento in loco, no mínimo três visitas devidamente registradas com fotografia e filmagens que deverá ser apresentado em sala de aula, apresentação em slides e trabalho escrito. (Este trabalho contará metade da nota de N2 e AED)	As Grandes Religiões do mundo	4h aula	
Todos os trabalhos deverão obedecer as regras da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.			

ATIVIDADES COMPLEMENTARES QUE CONTAM NOTA

- Os textos deverão ser lidos e estudados em casa
- Atividades em grupo em sala de aula
- Tarefas para casa: resumo, síntese, fichamento de textos
- Participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERTAZZO, G. As religiões no mundo. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/FITEG, 1998, v. 8, n.2

CORDEIRO, D. Teologias cristãs e paradigmas científicos. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/IFITEG, 1996, V. 6, N.21

LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor. (orgs) *O sagrado e as construções de mundo*. Goiânia: UCG, 2004.

TELES LEMOS, Carolina. Experiência religiosa e dignidade humana. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/FITEG, 1998, v.8, n.2

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMARAL, Leila. Carnaval da Alma, Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade, um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo. Ethos Mundial, Um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. Ética da Vida. Brasília: Letraviva, 1999.

BOFF, Leonardo. Ética & eco-espiritualidade. Campinas-SP: Verus Editora, 2003.

COLLINS, Francis S. A Linguagem de Deus. São Paulo: ED. Gente, 2007.

DURKHEIM, Émile. As Formas elementares de Vida Religiosa (sistema totêmico na Austrália). Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

GOMES, Uene J. África, afrodescendência e educação. Goiânia: UCG, 2008.

GRÜN, Mauro. Ética e educação ambiental. A conexão necessária. Campinas: Papyrus, 1996.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

RICHTER REIMER, Ivoni (Org). Corpo, Gênero, Sexualidade e Saúde. Goiânia: Ed UCG, 2005.

RICHTER REIMER, Ivoni (Org). Corpo, Gênero, Sexualidade e Saúde. Goiânia: Ed UCG, 2005.

SELLA, A. A ética da justiça. São Paulo: Paulus, 2003.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ANEXO VII**PLANO DE ENSINO TEOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS****PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS****PLANO DE ENSINO**

DISCIPLINA: TEOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	CODIGO: FIT 1820
CURSO: DIREITO	SEMESTRE LETIVO: 2012/02
PROFª: DEUSILENE LEÃO	TURMA: BO4

EMENTA:

Possibilitar a compreensão de que existe no ser humano uma dimensão espiritual que o leva ao despertar da consciência, a transformação da vida, a organizar qual caminho deve seguir, descobrindo sentido e significado para sua existência, incluindo as reflexões sobre as relações entre o fenômeno religioso e as realidades sociais, políticas e econômicas no Brasil e na América Latina, tendo como ponto de partida a tradição teológica cristã latino-americana, e como eixos de referência os valores evangélicos da solidariedade, da justiça, do cuidado, da responsabilidade, e da compaixão.

OBJETIVO GERAL:

Reconhecer a importância da Teologia, enquanto espaço meta-disciplinar para a construção de uma visão global da existência humana e de seu mundo como sistema complexo de valores, para uma prática crítica das ciências sociais e aplicadas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o processo histórico da espiritualidade a partir da manifestação do sagrado nas tradições religiosas;
- Tomar consciência da existência de um mundo espiritual do qual fazemos parte;
- possibilitar uma organização da vida, orientação da carreira descobrindo o caminho da vocação;

- Possibilitar novos caminhos como uma ética superior, valorização do outro;
- Criar seu sistema pessoal de valores;
- A inteligência espiritual e o despertar da consciência;
- Espiritualidade e transdisciplinaridade.
- Utilizar criticamente as idéias e os modelos das tradições teológicas para enfrentar questões transdisciplinares na área das ciências que tratam da formação de professores.
- Propor questões emergentes da sociedade atual e exercitar uma postura crítica frente às mesmas a partir da tradição teológica que define a identidade da PUC.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Aulas teóricas e expositivas, com o uso de recursos audiovisuais;
- Utilização de vídeos, músicas, danças sagradas e poemas;
- Aulas práticas: trabalhos individuais e em grupo (seminários, debates e oficinas voltadas para cada area); dinâmicas de grupo, com vivências específicas para cada area do conhecimento;
- Pesquisas de campo junto a diversas religiões, tradições e culturas.

AValiação

- Avaliação escrita individual com questões objetivas e discursivas (N1 e N2).
- Trabalhos práticos individuais e em grupo, com apresentação em slides.
- Atividades complementares: tarefa para casa, leitura dos textos.
- Atividades AED, mensal carga horária de 2 horas cada.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO CRONOGRAMA – PROVÁVEL –

PARTE I –: TEOLOGIA, RELIGIÃO E FENÔMENO RELIGIOSO	
	Apresentação do Programa da disciplina Fé, Teologia e Ciência no espaço acadêmico. (Gil Barreto Neves)
	A Transformação pelo Encontro (Deusilene Leão) A vivência dos quatro elementos (água, ar, fogo e terra)
	A existência de um mundo invisível, a manifestação do sagrado; A existência de um ser superior; Elementos e Estrutura do Fenômeno Religioso
	A pessoa humana como ser que necessita da espiritualidade;

	Religião e Sociedade: A Eterna Busca de Sentido (Carolina Teles) Conceito e Interpretações da Religião (Luigi Schiavo)
	As Religiões e seus Textos Sagrados (Valmor da Silva)
	Panorama Religioso do Brasil (Alberto da Silva Moreira)
	Vídeo “Quem Somos Nós?” Fazer uma síntese do filme colocando sua opinião no final” 0,2 pts
PARTE II – RELIGIÃO, SER HUMANO E CULTURA	
	O caminho da espiritualidade Carnaval da Alma, Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era (Leila Amaral)
	A contribuição Xamânica para o Fenômeno Religioso no Mundo (Deusilene Leão)
	Como se manifesta a espiritualidade; Paz: Vocação e compromisso das Religiões (Ivoni Richter Reimer)
	Uma Ética para Salvar a Terra (Leonardo Boff)VÍDEO SOBRE ÉTICA E MORAL – MÁRIO SÉRGIO CORTELLA – PUC-SP Ética para a vida
	A Ética da Ação Comunicativa e da Justiça/Princípios e Valores Éticos da Carta da Terra (Leonardo Boff) A Teologia da Libertação e o Cristianismo Social (Alberto da Silva Moreira)
	APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE PESQUISA, METADE DA AVALIAÇÃO DE N1 E PESQUISA AED (FENÔMENO RELIGIOSO A LUZ DA CIÊNCIA, DA CULTURA E DA RELIGIÃO)
	N1 – AVALIAÇÃO
PARTE III – TEOLOGIA E RELIGIÃO EM DIÁLOGO COM AS CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	
	A espiritualidade como estado de conexão com a vida, o caminho para o despertar da consciência; Sobre as inteligências
	A inteligência espiritual Teologia e Ciências Sociais
	Liberdade Religiosa: Origem, conceito e características/Liberdade Religiosa na Constituição de 1988.
	Direito de Religião e Laicidade Estatal

	Os crimes contra o sentimento religioso e o direito penal contemporâneo
	Como vivenciar a espiritualidade Religião e Alteridade: Diferença, Preconceito e Discriminação (Irene Dias) Religião e Relações de Gênero (Zilda Fernandes Ribeiro)
	A espiritualidade vivida no cotidiano; Religião e Espiritualidade: Pelo Caminho do Ocidente, Pelo Caminho do Oriente/As Religiões a Serviço da Espiritualidade (Leonardo Boff)
	A Homossexualidade no pensamento jurídico e religioso A psicografia como meio de prova no processo penal
	APRESENTAÇÃO DO FILME “A SERVIDÃO MODERNA” (Elaborar Síntese com sua opinião pessoal no final para entrega, 0,2pts)
	Morte e Ressurreição na Nova Antropologia (Leonardo Boff)
PARTE IV – TEOLOGIA E RELIGIÃO E A TRANSDISCIPLINARIDADE	
	O novo paradigma e a visão sistêmica do mundo e a complexidade (Fritjof Capra, Edgar Morin)
	Uma Nova Visão do mundo: a transdisciplinaridade (Basarab Nicolescu)
	O paradigma holístico e a nova visão de mundo (Pierre Weil, Roberto Crema)
	A inteligência espiritual e O paradigma educacional emergente (Maria Cândida Moraes)
	APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE PESQUISA (PESQUISA DE CAMPO EM GRUPO) CADA GRUPO ESCOLHERÁ UMA RELIGIÃO DENTRE AS PRINCIPAIS SEM REPETIR NEM UM GRUPO, DEVERÁ SER FEITO TRÊS VISITAS IN LOCCO COM REGISTRO DE FOTOS E FILMAGENS, PARA SER APRESENTADO A TODA A TURMA, JUNTAMENTE COM O TRABALHO ESCRITO. ATIVIDADE AED
	ÍDEM
	Atividade avaliativa – N2
	Entrega e discussão de notas e frequência

Total de aulas = 36 x 2 = 72 aulas + 8h de atividade extra sala = 80 aulas	

AED - Atividades Externas da Disciplina – Carga Horária = 08h

ATIVIDADE	TEMA	CARGA HORÁRIA	DATA DE ENTREGA
Trabalho de campo: Pesquisar sobre os elementos que compõem o fenômeno religioso na comunidade que participa, (Símbolos, mitos, ritos, literatura sagrada, doutrinas e outros) Este trabalho contará metade da nota de N1 e AED.	Fenômeno Religioso	4h aula	
Pesquisa de campo, escolher uma religião, grupo ou comunidade religiosa para fazer acompanhamento in loco, no mínimo três visitas devidamente registradas com fotografia e filmagens que deverá ser apresentado em sala de aula, apresentação em slides e trabalho escrito. (Este trabalho contará metade da nota de N2 e AED)	As Grandes Religiões do mundo	4h aula	
Todos os trabalhos deverão obedecer as regras da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.			

ATIVIDADES COMPLEMENTARES QUE CONTAM NOTA

- Os textos deverão ser lidos e estudados em casa
- Atividades em grupo em sala de aula
- Tarefas para casa: resumo, síntese, fichamento de textos
- Participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERTAZZO, G. As religiões no mundo. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/FITEG, 1998, v. 8, n.2

CORDEIRO, D. Teologias cristãs e paradigmas científicos. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/IFITEG, 1996, V. 6, N.21

LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor. (orgs) *O sagrado e as construções de mundo*. Goiânia: UCG, 2004.

TELES LEMOS, Carolina. Experiência religiosa e dignidade humana. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG/FITEG, 1998, v.8, n.2

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMARAL, Leila. Carnaval da Alma, Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade, um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo. Ethos Mundial, Um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. Ética da Vida. Brasília: Letraviva, 1999.

BOFF, Leonardo. Ética & eco-espiritualidade. Campinas-SP: Verus Editora, 2003.

COLLINS, Francis S. A Linguagem de Deus. São Paulo: ED. Gente, 2007.

DURKHEIM, Émile. As Formas elementares de Vida Religiosa (sistema totêmico na Austrália). Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

GOMES, Uene J. África, afrodescendência e educação. Goiânia: UCG, 2008.

GRÜN, Mauro. Ética e educação ambiental. A conexão necessária. Campinas: Papyrus, 1996.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

RICHTER REIMER, Ivoni (Org). Corpo, Gênero, Sexualidade e Saúde. Goiânia: Ed UCG, 2005.

RICHTER REIMER, Ivoni (Org). Corpo, Gênero, Sexualidade e Saúde. Goiânia: Ed UCG, 2005.

SELLA, A. A ética da justiça. São Paulo: Paulus, 2003.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ANEXO VIII**VIVÊNCIA DOS QUATRO ELEMENTOS****VIVÊNCIA DOS QUATRO ELEMENTOS****AUTOR (A) DESCONHECIDO**

A vivência consiste em identificar na turma a qual elementos os alunos fazem parte. Esta identificação é feita através dos cartazes anexados nos cantos da sala com os quatro elementos (Fogo, Terra, Água e Ar). O Aluno (a) identificará seu elemento pela data de seu nascimento. Nesta etapa usamos o método da cosmo psicologia.

Após identificação de seu elemento o aluno passa a fazer parte deste grupo, onde irá em conjunto tomar contato com suas características, função, tarefas para reforçar e harmonizar, forma de ver o mundo e as cores destinadas a cada elemento.

O grupo ler em conjunto todo o material proposto pela dinâmica, discutem e em conjunto constroem um relato do que eles concordam e o que não concordam, produzem um símbolo para o grupo em forma de desenho ou construção, e escolhem uma música coreografada condizente com o elemento para a apresentação em grupo.

Cada grupo deverá apresentar toda a produção do material físico, intelectual e coreografado.

Após as apresentações com muitas palmas e elogios a facilitadora passa para o processamento da dinâmica de grupo usando a metodologia do C.A.V (Círculo de Aprendizagem Vivencial).

1 – RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Momento em que sondamos o clima do grupo durante o processo vivencial, aqui é o momento de falarem sobre os seus sentimentos em participar desta vivência.

2 – PROCESSAMENTO

Momento em que o grupo avalia sua performance no jogo, devem falar suas dificuldades e facilidades, falhas e acertos.

3 – GENERALIZAÇÃO

Nesta fase deve se puxar as pessoas para sua realidade e estimular as analogias, usar o material produzido para comparações com a realidade. Estabelecer semelhanças e divergências do que ocorreu no jogo e o que ocorre no cotidiano.

Nesta fase se obtém um diagnóstico da realidade do grupo.

4 – APLICAÇÃO

De posse do diagnóstico do grupo, aqui nesta fase se estimula o processo de melhorias, mudanças, neste momento se obtém o comprometimento do grupo, independente do elemento que eles façam parte.

FINALIDADES DA VIVÊNCIA

Traçar o perfil da turma para se identificar que metodologias usar, que tipo de vitalizadores, jogos, textos, filmes, danças.

A partir dessa vivência se traça um diagnóstico da turma e sua receptividade com o conteúdo apresentado.

MATERIAL SOLICITADO

- Os quatro elementos em forma de cartazes
- Material impresso para cada aluno condizente com seu elemento
- Flip chart
- Fita Crepe
- Papel seda cores variadas
- Papel crepon cores variadas
- Balões cores variadas
- Papel celofane cores variadas
- Cartolinas
- Tesouras
- Cola
- Revistas e jornais

FOGO

SIGNOS:

Áries, Leão, Sagitário (Yang)

FUNÇÃO:

Tomar iniciativa, transformar, criar

CARACTERÍSTICAS:

- Energia entusiástica, impulso, calor
- Entusiasmo, decisão
- Facilidade de expressão e criatividade
- Impaciência, não suporta limites, identidade forte
- Vitalidade, autoconfiança, auto-estima aguçada
- Gosto pela aventura e riscos (ousadia)
- Amor à vida
- Coragem, ação, necessidade de se expressar
- Inquieto, não consegue ficar à toa

TAREFAS PARA REFORÇAR E/OU HARMONIZAR:

- Esportes, artes marciais, artes que vão ao fogo
- Valorizar o que faz
- Atividades ao sol, em ambientes claros
- Correr, dançar, contato com fogo, rasgar papel
- Brincar e criar
- Banho de óleo, massagem
- Música: instrumento de corda ou sopro (rítmicas, mais aceleradas)

FORMA DE VER O MUNDO:

Pela intuição, impulso

CORES:

Laranja, vermelho, amarelo

TERRA

SIGNOS:

Virgem, Capricórnio, Touro (Yin)

FUNÇÃO

Objetivar, consolidar

CARACTERÍSTICAS:

- Capacidade para realizar, construir, manter
- Demarcar fronteira, administrar, realizar
- Colocar limites (preservam seu espaço)
- Pé-no-chão
- Praticidade
- Uso dos sentidos para observar o mundo
- Pragmatismo, cuidado
- Habilidade para lidar com o mundo material
- Facilidade para administrar
- Preocupação com a perfeição

TAREFAS PARA REFORÇAR E/OU HARMONIZAR:

- Banho de terra (deitar e rolar)
- Trabalho com argila (modelar, passar no corpo)
- Cozinhar, nutrir, comer
- Preparar a própria comida
- Fazer as próprias roupas
- Tomar conta de si mesmo
- Fazer supermercado
- Plantar
- Terapia corporal, massagem
- Música com percussão

FORMA DE VER O MUNDO:

Pelos sentidos (sensação)

CORES:

Tons de Primavera (verde folha, bege, marrom)

ÁGUA

SIGNOS:

Câncer, Escorpião, Peixes (Yin)

FUNÇÃO

Circular, sentimentos

CARACTERÍSTICAS:

- Sensibilidade, emoção (profundidade de afeto, magoam-se facilmente)
- Intuição aguçada
- Facilidade de estabelecer vínculos, cuidado com o outro
- Força obtida pela fluidez (contorna limites)
- Generosidade, afetividade
- Entrega
- Suavidade
- Age pelo coração
- Facilidade para lidar com conflitos

TAREFAS PARA REFORÇAR E/OU HARMONIZAR:

- Mergulhar, nadar, olhar o rio, o mar, a cachoeira
- Ficar no banho mais tempo, sentir a água
- Olhar o nado, contemplar
- Observar o movimento das águas percebendo seus limites
- Procurar um grupo (filiar-se)
- Criar coreografias, dançar o movimento das águas
- Contar estórias, demonstrar afeto, acolher
- Suportar temporariamente situações indefinidas
- Deixar o tempo correr, conceder e pedir desculpa (perdão)
- Visitar galerias de arte, deixar-se conduzir, música instrumental (cordas)

FORMA DE VER O MUNDO:

Pelos sentimentos

CORES:

Azul e verde

AR

SIGNOS:

Gêmeos, Libra, Aquário (Yang)

FUNÇÃO:

Comunicação clara e inteligente

CARACTERÍSTICAS:

- Constante movimento, sociabilidade
- Capacidade de abstração, intelectualidade
- Capacidade de julgamento (auto-análise e análise)
- Imparcialidade
- Inconseqüência, mudança, velocidade
- Identificação com música e perfume
- Flexibilidade, capacidade para se ajustar
- Facilidade para contatos (pouca vinculação)
- Abstração, perspectiva de abordagem racional
- Tendência a sonhar acordado
- Age com a razão

TAREFAS PARA REFORÇAR E/OU HARMONIZAR:

- Exercícios de consciência respiratória
- Cantar
- Instrumentos de sopro, soltar a pipa, olhar o céu
- Dar aulas, fazer palestras, ler, imaginar situações
- Informar-se, fazer cursos
- Silenciar
- Acender vela, meditar (centramento)
- Mantra da sexualidade: AUM OM
- Música: instrumentos de sopro

FORMA DE VER O MUNDO:

Pelo pensamento (razão)

CORES:

Azul celeste, coral e cinza